



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

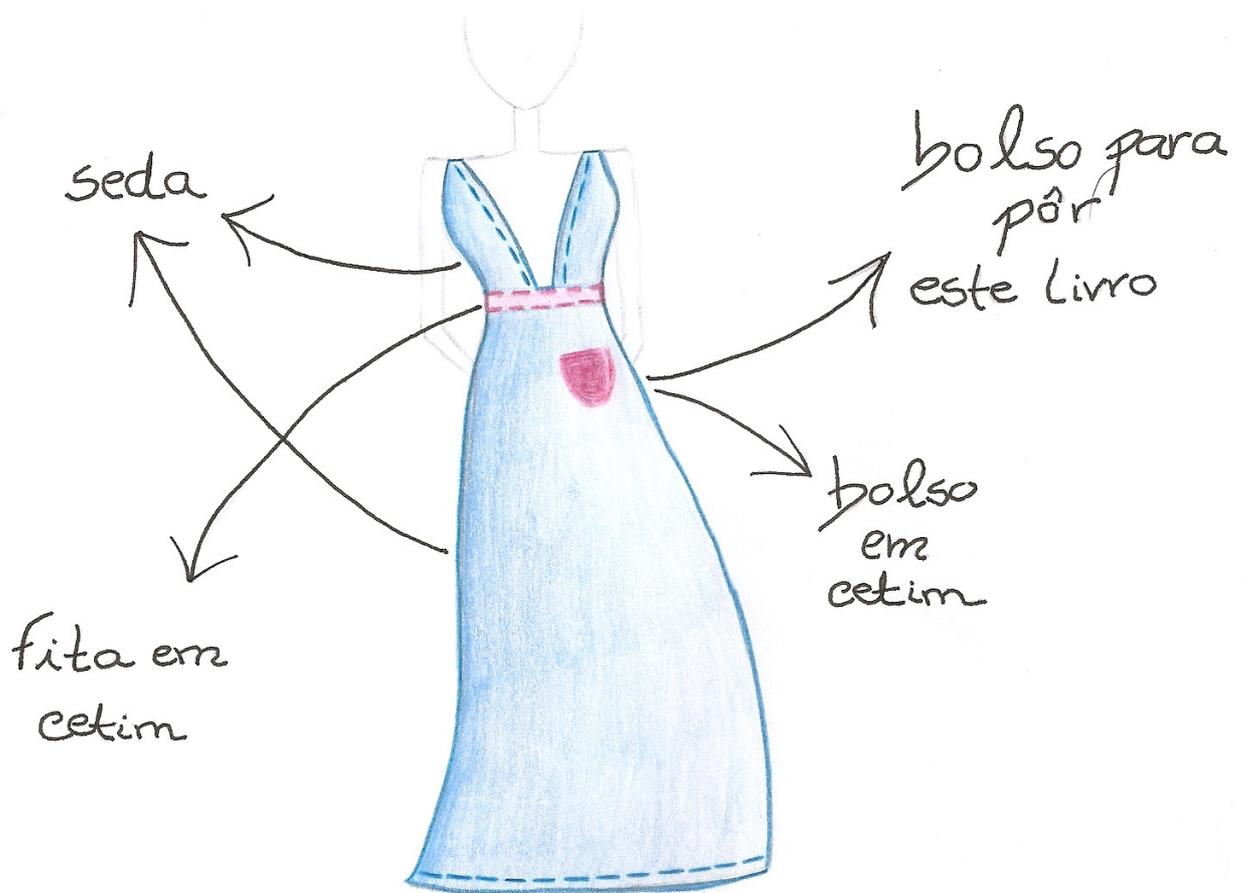
EDCN

ESCOLA DE DANÇA DO CONSERVATÓRIO NACIONAL

**«ÀS AVESSAS»
(O OUTRO LADO DA ESCRITA)**

33 CONTOS ORIGINAIS ESCRITOS POR
ALUNOS DA
ESCOLA DE DANÇA DO CONSERVATÓRIO NACIONAL

Às Avesas



Ministério da Educação
EDCN
«Às Avesas»
(o outro lado da escrita)
contos originais por alunos
da EDCN

Contos originais escritos por:

Alice Pernão

Ana Davies

Ana Francisca Costa

André Silva

Andreia Ferreira

Beatriz Costa

Carlota Rodrigues

Catarina Coelho

Catarina Vaz

Daniel Drake

Diana Dias Duarte

Diana Coimbra

Fabiana Sousa

Índia Nunes

Inês Ferreira

Iolanda Almeida

Íris Pereira

Katarina Dias

Maria Beatriz Viana

Maria Francisca Alves

Maria Francisca Marques

Maria Inês Correia

Maria do Mar

Marta Cruz

Miguel Duarte

Mónica Lima

Patrícia Rodrigues

Patrícia Vieira

Renata Machado

Sara Leme

Teresa Dias

Teresa Meireles

Valentina Codinha

PREFÁCIO

Este apelo à criatividade dos jovens que se exprimiu na recolha «Às Avestas» representa uma maneira viva e interessada de abordar a Língua Portuguesa, exactamente pelo seu lado de construção e de fantasia, levando a cruzar imaginários e a jogar com as palavras de uma maneira mais elaborada que a sua utilização rotineira e banal.

Sem dúvida, como não pode deixar de ser (e é bom que seja), os textos revelam as preocupações e perplexidades próprias da idade e, também, em muitos casos, as influências das leituras, filmes ou propostas televisivas que vão formando a enciclopédia privativa de cada um dos autores.

Entendo que é este o bom caminho, enveredando pela literatura, quando certas almas encaram desprezivelmente como «desvios de linguagem» precisamente aquilo que é mais precioso, mais identitário, mais exemplar e mais elevado, na longa história (horível substantivo para quem esteja enclausurado na sincronia) da Língua Portuguesa.

Mário de Carvalho

ÍNDICE

<i>Pensamentos Profundos, Profundos Pensamentos</i>	7
<i>O Meu Caminho</i>	9
<i>A Mentira</i>	11
<i>25, dezembro de 2022</i>	13
<i>Avó</i>	16
<i>O Diamante de Kahara</i>	18
<i>Meu anjo</i>	23
<i>A Noite de Óscares</i>	25
<i>Ser aluno(a) da Escola de Dança</i>	28
<i>Os olhos que me enganaram</i>	30
<i>A salvação do planeta Terra</i>	34
<i>Lágrimas mudas</i>	37
<i>Viagem a Paris</i>	39
<i>Solmias Meu</i>	41
<i>Junho de 2010</i>	44
<i>Um dia muito, muito estranho</i>	46
<i>O Lado mais Negro</i>	48
<i>O Lado mais Negro</i>	49
<i>Improvisos de palavras nuas. O frio.</i>	52
<i>Naquele abraço sem fim</i>	54
<i>Charlotte</i>	57
<i>Inspiração</i>	59
<i>Um sonho perfeito</i>	61
<i>Uma composição de 1.126 palavras</i>	63
<i>Uma Grande Aventura</i>	65
<i>Um sonho meu</i>	68
<i>Carta</i>	71
<i>Um sonho a realizar</i>	73
<i>Um eterno AMIGO</i>	75
<i>Uma vida atarefada</i>	77
<i>Viagem Inesperada</i>	79
<i>A rede de que todos falam</i>	81
<i>Irmãs</i>	83
<i>O Livro da Vida</i>	86

**«no resultado final não existe uma costura, um alinhavo, um traço
de giz do alfaiate, uma dobradiça, um prego, um restinho de
andaime[...]. Claro que não se dá pelo sofrimento[...]. Ser
espontâneo custa uma vida inteira de esforços»**

António Lobo Antunes e Júlio Pomar, *Apontar com o Dedo o Centro da Terra*,
Lisboa, Galeria 111 e Publicações D. Quixote, 2002, p.7-8.

Pensamentos Profundos, Profundos Pensamentos

***Por Alice Pernão
(14 anos – 8.º ano)***

Pensar... pensamentos...tudo isto são coisas que estão dentro do nosso corpo, da nossa cabeça, e são coisas que nós sentimos, questionamos, coisas que queremos saber, são preocupações, são...

Há pensamentos bons e felizes; outros, maus, tristes, e ainda há os de preocupação, mas todos são pensamentos em que nos obrigamos a pensar, que nos obrigam a sentir.

Os pensamentos felizes são aqueles em que estamos contentes, em que deixamos de pensar sucessivamente numa coisa que nos preocupa, ou que nos chateia profundamente.

Os pensamentos de preocupação são aqueles em que se sente um certo nervosismo, uma obrigação ainda não cumprida.

Os pensamentos tristes vêm, na maior parte das vezes, da tristeza, algo que nos leva a pensar em coisas que não queremos que aconteçam.

Às vezes, temos pensamentos mais profundos, mas não é por isso que são mais importantes; são apenas pensamentos que nos marcam mais, que nos magoam mais, que nos ferem.

Este foi o pensamento que eu tive ao ouvir a minha amiga a contar a sua história. Ela estava com um sentimento tão, tão profundo, ao contar-me a história; um pensamento profundo, triste e contente ao mesmo tempo, ou melhor, triste, mas com um final feliz.

A Teresa, a minha amiga, estava a contar a história e até se emocionou; tocou-me, a mim, no coração.

Ela tinha estado com a sua família, pois foi a um almoço dos cinquenta anos de casamento dos seus tios-avós em segundo grau, e estava lá muita, muita gente, e gente que ela não conhecia de lado nenhum, mas com quem estabeleceu grandes laços. E um desses laços, que por acaso era a pessoa de quem ela tinha gostado mais, tinha-lhe contado tudo sobre ele, sobre o que se tinha passado na vida dele, o que o marcou mais até àquele segundo, desde que era pequeno, e muitas coisas mais. Talvez por isto, por lhe ter contado tudo sobre ele, por ter desabafado com ela, por ter confiado nela, eles tenham ficado grandes amigos, ou grandes familiares amigos.

A seguir a esse dia, encontravam-se todos os dias, ficavam juntos horas e horas a rir, a comer, a correr, a andar, a chorar...passaram a ser os «B.F.F», «best friends for ever», melhores amigos para sempre. Contavam tudo um ao outro, segredos de que nunca ninguém soube e de que nunca ninguém saberá para além deles.

Veio um dia em que a Teresa estava à espera do Salvador, o familiar de quem ela ficou grande amiga, e ele não apareceu. No outro dia a seguir, e no outro, não dava sinal de vida, não respondia aos telefonemas, não aparecia para estar com a Teresa, ninguém o via ou ouvia falar dele. Mas o que se teria passado?

Dias depois, a seguir a muito procurar e telefonar para saber onde viviam os pais do Salvador, a Teresa foi perguntar-lhes se sabiam o que se estava a passar, e eles responderam:

-Ah! Obrigada pela atenção e pela preocupação, mas ele há muitos dias que não nos diz nada... Estamos fartos de procurar, de ir a agências ver se já o encontraram e pedir que, se o encontrarem e ele não quiser voltar, lhe digam que está tudo bem, que só dissemos aquilo porque estávamos zangados e que as pessoas já sentiam a falta dele.

Mas nada, ele não aparecia.

A Teresa começou a ficar muito triste e muito sozinha. Piorou muito as notas na escola, não dormia tanto e não comia tanto, só por estar a pensar no Salvador, por estar a pensar no que se estaria a passar com ele, onde estaria e com quem. Estas eram questões com que a Teresa se preocupava todas as noites. Estas eram perguntas em que ela pensava; tudo eram pensamentos.

Passaram um mês, dois meses, três meses, e a Teresa continuava igual. Parecia que estava com uma depressão.

Um ano passou. A Teresa deu um salto da cama, pois tinham batido com toda a força na porta, às cinco da manhã, e ela foi logo chamar os seus pais. Foram todos para ao pé da porta, e o pai perguntou quem eram e o que queriam, ao que lhe responderam que eram da polícia e que queriam falar sobre um familiar deles que dava pelo nome de Salvador. Entraram e explicaram que tinham ido a casa dela porque os pais do Salvador disseram para assim ser, pois sabiam que ela estava muito preocupada e porque tinham notícias... Tinha encontrado o Salvador a dormir numa rua estreitinha, ao pé de caixotes do lixo de Valência (uma cidade bem a norte do país, longe de todos os seus familiares). Disseram que tinham falado com ele e que ele só dizia:

-Meu Deus, meu Deus!

Puxavam-no para dentro do carro e ele voltava a correr para o seu cantinho.

Os polícias foram-se embora da casa da Teresa e disseram que, quando soubessem mais alguma coisa, os avisariam.

A família dela ficou a pensar porque é que ele teria fugido, e, depois de terem discutido o assunto entre eles, perceberam que os pais dele lhe tinham contado que se iam divorciar precisamente no mesmo dia em que o seu melhor amigo tinha morrido.

Dias depois, bateram à porta da casa da Teresa. Muito nas calmas, ela foi abrir a porta e não é que, quando a abriu, viu o seu familiar, o seu amigo, o Salvador?! Tinha voltado do seu cantinho, pois estava cheio de saudades da Teresa e tinha de desabafar com ela. A Teresa quase nem acreditava no que estava a acontecer, no que estava a ver. Beliscou-se milhentas e mais mil vezes, mas não era um sonho, era pura realidade.

Depois, tudo ficou normal. Ele foi para casa, para a escola, e continuou a encontrar-se com a Teresa, até hoje.

A Teresa estava comovida, emocionada por isto, por ele ter voltado por causa dela.

E foi por causa desta história que eu tive aquele pensamento. E depois, no final da história, ainda tive outro, que foi:

No fundo disto tudo, há um pensamento, do pensamento, do pensamento. Ou seja, o meu pensamento, por causa do pensamento da Teresa, que teve início no pensamento do Salvador. Pensamento profundo, profundo pensamento.

O Meu Caminho

*Por Ana Davies
(11 anos, 5.º ano)*

Eu vivo numa estalagem à beira da estrada, com o meu pai.

O meu primeiro dia de aulas não foi o melhor do mundo. Os meus pais tinham acabado de se separar e a minha vida tinha mudado. Apareceram-me à frente dois rapazes do oitavo ano que gozaram comigo e me deram pontapés. Mas não reagi, porque, se o fizesse, a violência seria ainda maior.

Os rapazes da minha turma estavam sempre a brincar às guerras, e as raparigas sentavam-se sempre numa mesa a dizer segredos umas às outras.

Mas havia uma rapariga de outra turma, de olhos verdes e de cabelo castanho encaracolado, bonita como uma magnólia em maio. Chamava-se Maria e, ao contrário das outras raparigas, passava os intervalos a desenhar criaturas fantásticas.

Eu passava-os a escrever. Escrevia... escrevia...

Num dia de sol, estávamos todos a fazer o que fazíamos sempre.

Ela, Maria, foi ter comigo e perguntou-me «O que estás a fazer?». Respondi-lhe, nervoso, «Eu... eu... estou a escrever...». Ela exclamou «Estás a escrever o quê?». Eu encolhi-me, dizendo «Nada...». Mas ela chegou-se mais ao pé de mim e leu o que estava na folha.

Era um texto sobre um pássaro e um rapaz. Ela ficou fascinada e disse «Sabes que mais? Escreves mesmo bem! Podias ser escritor!». Senti um arrepio na coluna e não disse nada. Ela perguntou-me onde morava e respondi «Na... na cidade...». Eu sabia que estava a mentir, mas não queria que ela soubesse onde eu realmente vivia.

«Será que posso ver a cidade contigo? Não a conheço bem! Moro numa vivenda, no meio do campo!» Eu estava perdido, ela ia saber que eu vivia numa estalagem, mas, mesmo assim, disse «Não, não... não podes...». Ela perguntou-me porque não, e eu lá tive de dizer a verdade «Eu... eu moro numa estalagem à beira da estrada...». Ela pareceu surpreendida e acrescentou «Sabes que não gosto de pessoas mentirosas? Podias ter-me dito a verdade!» E foi-se embora.

Era dia de escrever textos na aula de Português. Quando terminei o meu e o entreguei ao professor, ele leu-o em voz alta para que todos o ouvissem. Referiu que era um texto bem estruturado e que a história era interessante. Disse-me um segredo: «Vou lê-lo a todas as turmas da escola!». Fiquei muito contente!

A partir desse maravilhoso dia, nunca mais ninguém gozou comigo!

Quando passava nos corredores, os outros rapazes e raparigas diziam segredos uns aos outros a olhar para mim. Perguntavam-me constantemente se era eu quem tinha escrito aquele fabuloso texto. Claro que eu dizia que sim, eles sorriam e, no fim, elogiavam-me.

Um dia, quando voltei para a estalagem, pousei a pasta e a mochila e fui para o jardim de uma casa abandonada e misteriosa. Sentei-me num banco ferrugento, a pensar na vida e suspirei. Tinha acabado de mudar de vida, tinha passado maus momentos na escola, tinha ouvido uns quantos elogios do professor e, finalmente, tinha havido respeito!

De repente, vejo Maria a voltar para casa. Tinha uma magnólia no cabelo encaracolado e trazia um vestido verde e leve. Nunca a tinha visto assim tão bonita! Fingi que não a via, olhando para a vasta floresta que se avistava do banco.

Ela, então, parou e ficou a olhar para mim. Depois, entrou no jardim onde eu estava e foi ao meu encontro. Os seus olhos fitaram-me profundamente, nunca tinha olhado para mim daquela maneira tão original e bela...

Suspirou e disse-me «Desculpa por te ter dito que eras mentiroso... Eu sei que é difícil dizer uma coisa dessas a uma pessoa que nem se conhece bem!». Baixei a cabeça e respondi-lhe «Não faz mal... Eu só queria ser um miúdo com uma vida normal... Mas depois do que aconteceu com aquele texto, a minha vida mudou de novo! Agora estou bem!». Ela sorriu, surpreendida, e disse «Bem me parecia que aquele texto extraordinário era teu! Ficou maravilhoso! Eu bem te disse que podias ser escritor!». Senti que as portas do meu coração se abriram. Senti que podia contar tudo a Maria. Por fim, exclamei entre

gaguejos «Obrigado... Maria!». Ela inclinou a cabeça e disse «A sério! Não vais ser escritor? Era uma pena se não o fizesses!...». Eu levantei-me e afirmei com todas as minhas forças «Sim, vou! Não vou desistir!». Despedimo-nos e fomos cada um para a sua casa. À noite, sonhei com aqueles olhos profundos como florestas, com aquele cabelo encaracolado de ondas do mar e com a magnólia que nele trazia.

Desde esse dia, encontrámo-nos todas as tardes naquele jardim. Falávamos sobre as nossas vidas e ajudávamo-nos a vivê-las! Criámos um laço de amizade e de confiança bem forte.

Numa dessas tardes, ela foi ter comigo mais uma vez. Trazia os mesmos olhos, o mesmo cabelo e a mesma flor, só não trazia aquele maravilhoso sorriso. Chegou-se ao pé de mim e disse «A minha mãe tem de ir trabalhar para Londres. Nunca mais nos vamos ver...». Não disse nada, e ela sentou-se ao meu lado durante algum tempo. Por fim, disse «Adeus. Foram momentos!», deu-me um abraço e foi-se embora.

Hoje sou escritor e antes era só um rapaz. Obrigado por me mostrares o caminho indicado para mim!

A Mentira

*Por Ana Francisca Costa
(14 anos, 8.º ano)*

Aos olhos de quem não a utiliza frequentemente, a Mentira é apenas a «não verdade». Mas, utilizada como algo a que não é dada a devida importância, pode causar estragos profundos nas relações humanas. A Mentira é algo que começa muito devagar, sem se dar conta, com coisas tão pequeninas como esta aparenta ser. Muitas vezes, não é dada a devida importância à Mentira, pois muita gente não percebe o verdadeiro significado e gravidade de Mentir. A Mentira é ocultar a verdade, é a exposição do medo e da insegurança, é mostrar que se é demasiado fraco para se poder admitir que se cometeu um erro. A Mentira pode ser comparada a uma coreografia: quando começa, nunca mais se para de executar aquela sequência de movimentos. Não só não queremos parar, como já o fizemos tantas vezes, que se torna um hábito; é-nos complicado acabar com a mentira, e já nos sentimos confortáveis, pois a Mentira atua em defesa de quem mente. Mentira é sequência. Embora seja errado, a frequência com que mentimos é quase diária, seja por uma simples troca de Sim por Não, seja por uma Mentira tão bem estruturada que, quando é descoberta, já não há explicação para tudo o que aconteceu. Certamente, existem vários exemplos destes casos nas nossas vidas.

Era uma vez uma criança que, por os pais estarem a trabalhar, e por a irmã estar na escola, tinha ficado em casa sozinha. O menino tinha 10 anos e tinha aproveitado para se divertir depois de os pais terem saído. Ele decidiu pegar na chave de casa e ir para a escola, ter com uns amigos para brincar com eles. Saiu. Encontrou os amigos e a brincadeira prolongou-se. Chegada a hora de ir para casa, o menino procurava agora a chave para poder regressar casa antes que os pais dessem pela sua falta. Procurou a chave de casa, mas não a encontrou. Percorreu a escola; entretanto, os pais e a irmã já tinham chegado a casa e dado pela falta da chave; e, o pior, a criança não estava em casa! Depois da longa procura na escola, o menino sentou-se, desesperado. Não sabia o que fazer. Apareceu, então, uma senhora que lhe disse:

— Eu sei onde está a chave. Vem comigo.

A criança seguiu a desconhecida, tendo-a esta levado para longe da escola. Fazia-se já noite. O menino não sabia com quem estava, nem tinha forma de poder contactar os pais. A mulher levou-o para uma cabana. Lá, estavam mais dois homens. O Trio amarrou o rapaz e foi-se embora. O menino ficou lá durante vários dias, sem comida ou água. Os seus pais estavam já desesperados. Tinham perdido a esperança. Em todos os canais de televisão se falava de um menino de 10 anos que tinha desaparecido na escola, perto da sua casa. Fizeram-se muitas buscas à procura da criança, mas em lado nenhum havia um sinal, uma pista que pudessem seguir. Passaram-se alguns meses, e o menino fazia já a sua vida autónoma na cabana abandonada. Não tinha procurado ajuda, pois estava num sítio isolado, numa aldeia do interior, e tinha arranjado condições mínimas para a sua sobrevivência. Recolhia produtos de campos de agricultura abandonados e tinha aproveitado algumas roupas e mantas que tinham sido deixadas na cabana para fazer a sua roupa e a sua cama. Ia buscar água a um ribeiro perto da cabana e fazia uma vida muito próxima à dos antigos habitantes que tinham abandonado a aldeia. Os seus pais tinham por costume viajar todos os fins de semana para uma região diferente. Este fim de semana tinha chegado a vez da região Interior. Procuravam um sítio para o seu piquenique e escolheram um campo abandonado. Como era hora de almoço, o rapaz dirigiu-se a um campo onde habitualmente costumava apanhar os melhores alimentos. Os pais da criança viram um vulto a sair de dentro de todo aquele matagal e, imediatamente, reconheceram o filho perdido. Depois de um longo diálogo, os pais perceberam o motivo pelo qual o menino se encontrava ali. O rapaz pediu muita desculpa, pois sabia que tudo isto tinha acontecido porque desobedecera às ordens dos pais e tinha levado a chave de casa consigo para a escola. Foram todos para casa e o menino voltou a ter uma vida normal, mas, com uma grande diferença... Desta vez, o rapaz tinha aprendido a não mentir, pois esta situação tinha acontecido devido à desobediência de uma criança de 10 anos. A moral desta história é que devemos obedecer, quer queiramos quer não,

e, acima de tudo, não mentir, porque a mentira pode ter consequências pequenas, mas também pode ter consequências muito grandes, como se pode constatar com esta história.

25, dezembro de 2022

Tóquio, «RedBull BC One»

Por André Silva
(14 anos, 8.º ano)

13h45

Era a grande final, e eu estava lá, na grande final do maior campeonato de *Break Dance* do MUNDO! Repentinamente, ouvi chamar o nome do meu oponente, José Gonçalves. Estava pronto. Afinal, a minha grande «Battle» ia ser com o meu irmão. Sim, o José Gonçalves é um velho amigo, desde os meus onze anos até agora. Tivemos grandes momentos juntos, dançamos juntos, rimos juntos, choramos juntos, somos como irmãos de sangue! Olhava para ele com um grande sorriso no rosto, pois aquele momento iria decidir quem teria o título de melhor *B-Boy* do MUNDO! Passados alguns minutos, ouvi chamar o meu nome, e, com grande pressa, subi para o palco. Era a altura de ver quem começaria a dançar, e, claro, eu quis começar sem demoras; por isso, dei um passo em frente e...

26, dezembro de 2022

Tóquio, Hospital Central

08h30

Abri os olhos lentamente e só conseguia ver uma luz, uma luz que me encandeava totalmente, não me deixando ver mais nada. Desisti, pensando que estaria no céu, e, após um último esforço para erguer a cabeça, deixei-a cair sobre a almofada e, a partir desse momento, não sei o que se passou, os meus olhos fecharam-se e imagens passadas começaram a surgir, sem nunca mais pararem ...

15, setembro de 2010

Lisboa, Baixa-Chiado

07h45

Estava eu a caminho da minha nova escola, o Conservatório Nacional de Dança (EDCN). Caminhava pela Baixa-Chiado, pois tinha acabado de sair do Metro. Estava acompanhado pela minha mãe, porque não sabia onde era a minha nova escola, sendo que nunca tinha lá ido antes, a não ser para fazer a audição para lá entrar. A minha mãe deixou-me à porta da escola e, como eu já sabia onde era o estúdio (o mesmo onde tinha feito a audição), fui logo para lá. Quando entrei, estavam lá apenas 4 rapazes: o Rafael, o Carlos, o Leonardo e o Miguel. Entrei e disse:

- Olá, pessoal...
- Olá! És o miúdo novo? – perguntou o Carlos
- Sim, sou.

O Carlos apresentou-me o resto dos rapazes, e os últimos a chegar foram o Ricardo Henriques e o Ricardo Arriaga. Tivemos a aula normal de *ballet*; em seguida, tivemos aulas académicas, e, finalmente, acabou o meu primeiro dia de aulas...

10, dezembro de 2010

Lisboa, EDCN

Era o meu primeiro teste de *ballet*: até que correu bem, tirando a parte em que estava muito nervoso. Nesse mesmo dia, depois da hora de almoço, veio o Prof. Guilherme falar comigo, a dizer para eu não desistir e continuar com o bom trabalho. Depois de ouvir isto, já sabia que algo estaria mal, e, passados alguns minutos, a minha professora de *ballet*, Prof.

Ana, veio falar comigo, a dizer-me também para não desistir, que estava a fazer um ótimo trabalho, mas que, infelizmente, naquele período, ia ter nível 2...

20, junho de 2011

Lisboa, EDCN

Bem, era o último dia de aulas e estava contente por isso, mas triste por perceber que o Conservatório não era como eu pensava. Havia muita gente falsa, que se aproveitava dos outros, e fazia-se de tudo para se conseguir ter uma boa nota a *ballet* e a Contemporâneo. Agora, só faltava o espetáculo final de ano e estava, oficialmente, de férias...

10, setembro de 2011

Lisboa, EDCN

Começou mais um ano escolar, e a boa notícia era que este ano voltaria a dançar no meu grupo de *Hip-Hop* e ainda começaria a ter aulas de *Break Dance* com o Valério. Quando tivemos *ballet*, a pensar que veríamos o nosso novo professor Mark, tivemos uma surpresa: por enquanto, continuaríamos com o nosso professor antigo, Gabriel. Tive um dia normal de aulas, reencontrei todos os meus colegas e o dia chegou ao fim.

10, dezembro de 2011

Barreiro

Tinha acabado de chegar ao antigo Cinema da «Quimigal», no Barreiro. Ia ser a minha primeira atuação de *Hip-Hop* e *Break Dance*. Sabia que me vinham ver muitas pessoas, como o Prof. Pedro Mateus, o Prof. Gabriel, a Marisa Guerreiro e a Inês Guerra, mas, por outro lado, estava triste, porque pensava que o José Gonçalves, o meu irmão de sangue, não vinha. Lá se passaram muitas horas de treino antes do grande espetáculo. Chegou o momento, estava pronto, fui em direção à Beatriz e dei-lhe um beijo; em seguida, entrei no palco e começou...

Finalmente, o espetáculo tinha acabado e tinha sido um êxito! Fui cumprimentar as pessoas que me tinham vindo ver; primeiro, estive com a Ana Sofia, e, em seguida, fui ter com a Marisa Guerreiro e a Inês Guerra. Voltei para o vestuário, para me despachar, e, no palco, vi o JOSÉ GONÇALVES! Fiquei SUPER contente, fui ter com ele, em grande correria, e dei-lhe um abraço. Estive a treinar com ele *Break Dance*, durante alguns minutos, depois, todos se foram embora, e eu fui para casa.

08, junho de 2012

Barreiro

Os meus 14 anos, e, para celebrar, fui sair à noite com amigos meus, como a Sara Pateiro, a Carolina Mendes, a Beatriz, o José Gonçalves, o Rafael Batista, etc.

Foi um grande dia, foi o melhor da minha vida! Já namoro com a «Carol» há 6 meses; foi muito complicado ter começado a namorar com ela, tivemos altos e baixo, mas assim é que estamos bem, por isso... Ela sabe que a amo muito. Consegui ficar em 10º lugar na *Eurobattle* de 2012.

25, dezembro de 2022

Tóquio, Hospital Central

13h45

Acordei com um salto para fora da cama, ao pensar que estava morto. Abri os olhos, vendo novamente a luz; pensava que iria fechar outra vez os olhos e que tudo se iria repetir, mas não...

Passados alguns minutos, uma enfermeira veio ter comigo a dizer que tinha tido uma quebra de tensão, mas que estava tudo bem, e que a organização dos «RedBull BC One» me iria deixar continuar a final com o meu irmão, José Gonçalves.

20h30

Já estava no palco, frente a frente com ele, já dançávamos há 10 minutos e estava quase a terminar. Foi difícil, o Zé sempre dançou bem, nunca pensei que seria assim tão emocionante estar com ele na final da «RedBull BC One». Bem, estavam lá cinco júris, e começou a votação:

— André Silva!

— José Gonçalves!

— André Silva!

— José Gonçalves!

Bem, era o último, será que vou ganhar?! Será?!

— ANDRÉ SILVA!

Ao ouvir o meu nome, fiquei tão emocionado, desatei a chorar, fui direito ao Zé e abraçámo-nos durante muito tempo... E consegui realizar o meu sonho! SER O MELHOR *BBOY* DO MUNDO!

Avó

*Por Andreia Ferreira
(14 anos, 8.º ano)*

Hoje, soube que estavas doente... Fiquei bastante triste, mas não chorei, nem te vou dizer que sei, para que não te sintas mal, nem penses que te estou a tratar de maneira diferente por sabê-lo. Nem nunca te mostrarei esta carta, nem a ti nem a ninguém da nossa família, para que ninguém fique a pensar que te estou a escrever uma carta que nunca verás, simplesmente porque não quero que ninguém saiba como me estou a sentir, para que não critiquem, para que ninguém saiba que eu sei que tu estás doente ...

Tenho pensado muito acerca do meu futuro. Neste momento, estou no 8.º ano e, no 9.º, se não ficar no Conservatório Nacional de Dança, terei de escolher uma área. Porém, não sei o que escolher. Como sabes, não gosto de estudar muito, não gosto de contas, de letras, nem de símbolos. Gosto muito de falar, mas não quero ir para pivô, nem para hospedeira (sinceramente, acho que não tenho paciência para velhos, sempre com pedidos, ou para criancinhas a chorar). Não sei para onde ir, o que escolher... Preciso de ajuda, mas não sei onde a ir procurar!

Não gosto muito de viver com a mãe, nem de saber que, no Tribunal, lhe deram a minha custódia. Faz-me sentir arrepios, queria mesmo muito ficar com o pai, mas, pelos vistos, neste país, os juízes dão simplesmente as custódias às mãezinhas! O que mais me revolta é que os meus pais tenham de ir a Tribunal para resolver um problema que se pode resolver sentando-se ambos a uma mesa, como pessoas adultas, mas não, preferem atacar-se um ao outro, o que, sem dúvida, é muito interessante, tendo em conta que o assunto sou eu! Mas ninguém quer saber aquilo que eu penso e as únicas pessoas que me ouvem vão-se embora da escola. E eu não sei se vou aguentar, com quem vou desabafar? Com quem vou... Não quero pensar muito nisso, ainda tenho esperança de convencer a «Nokas» a ficar cá na escola, pelo menos até ao 9.º ano. Se reparares, tudo vai dar ao futuro, até irrita...

O Natal está quase a chegar. Ainda não sei o que vou pedir, mas também, por aquilo que sei, tenho um pouco de medo, pois eu sei que tudo aquilo que eu pedir, tu me irás dar... Peço desculpa!

Também peço desculpa por estar sempre a mudar de assunto ...

Mas agora vou contar-te como me senti no dia mais importante da minha vida, a minha audição!

Eu e a mãe fomos ter com a madrinha à Assembleia da República (ela trabalha lá); depois, a minha madrinha chamou um táxi para nos levar lá. Eu não fazia a mínima ideia de onde aquilo ficava, muito menos a minha mãe, que sempre foi uma menina da linha (de Cascais). O senhor levou-nos lá. A primeira pessoa com quem falei foi o Senhor António, depois, com a Luísa (ela também entrou na escola), vestimo-nos na entrada da escola e, em seguida, fomos para a sala de convívio. A professora Sandra fez a chamada e levou-nos para a sala 7 (aquela sala tem muita história, mesmo muita...). Digamos que foi onde tudo começou. Fomos para o estúdio 1 ou 2, ainda hoje não sei muito bem qual é um e qual é o outro.

A professora Hiroko foi quem nos deu os exercícios: primeiro, os pliês, e, quando dei por mim, estava no chão, com a professora a abrir-me as pernas, para ver até que ponto eu conseguia ir... Depois o nervosismo, antes de saber se tinha entrado ou não. Isto era uma coisa que eu sempre tinha querido, e, se a conseguisse, seria fantástico, um sonho concretizado. Será que me entendes?

Depois de um ano de muito trabalho, veio o exame. Foi no dia 14 de junho de 2009, à uma hora da tarde. Antes de descermos as escadas, só se ouviam os barulhos das lacas a serem postas, para que nada saltasse, nem um único fio de cabelo! Senti-me muitíssimo triste, pois, durante o exame, olhava para todo o lado e não via ninguém. Ninguém me tinha ido ver, ninguém! Depois de ter feito toda a barra e o centro, estava na altura mais temida de sempre: as pontas. Enquanto as calçava, senti que todo o mundo estava a olhar para mim, com se eu fosse algum monumento, ou algo do género, e eu só queria ter ali a minha mãe, ou o meu pai, a olharem para mim, e senti-me bastante frustrada, como se quisesse desaparecer. Porém, ao mesmo

tempo, queria estar ali e provar aquilo que valia, mostrar a todas aquelas pessoas que me apontaram o dedo que não estava ali só por sorte, que merecia estar ali, como qualquer pessoa !

No fim do exame, chorei bastante, mas sem ninguém ver. Quando a Inês me viu, disse-me que a minha mãe andava à minha procura. Ela tinha visto o meu exame, mas não estava mesmo à minha frente. Eu calculei logo que ela me tinha abandonado, mas não, ela esteve lá, e isso significava que ela se preocupava e que, mesmo sendo assim tão fria, estava lá e até tinha sentimentos.

Avó, gosto de partilhar isto contigo, gosto de saber que me conheces, gosto de saber que, se morreres em breve, não morrerás com a sensação de que não me conheces, nem eu ficarei aqui viva com a sensação de que tu não me conheces. É que eu não sou apologista de falar com as pessoas no cemitério, nem nada desse género, pois a alma das pessoas já não está lá, nem nunca mais estará!

Vou tentar ouvir mais, vou tentar compreender melhor, vou tentar esforçar-me para ter boas notas, vou tentar expressar-me melhor, para que me entendam, vou tentar não julgar, vou tentar não ter vergonha, vou tentar preparar-me, vou tentar não cair, mas, se o fizer, vou tentar levantar-me.

Vou tentar perdoar-te por me ires deixar um dia!

Nunca te irei esquecer, nunca te irei culpar, nunca te irei trair, mas irei pedir-te uma coisa ... Nunca, nunca (por favor) te esqueças de mim ...!

O Diamante de Kahara

Por Beatriz Costa

(14 anos, 9.º ano)

— Despacha-te lá com isso! – Já estava a começar a ficar irritada com a estupidez do Lourenço — Não vês que já está quase na hora?! Os guardas vêm aí. Põe lá os binóculos.

Não era todos os dias que se planeava um assalto a um dos museus mais importantes do mundo; este ano, tínhamos optado pelo Uffizi Gallery em Florença. Eu e o Lourenço estávamos há mais de 3 meses, a estudar os turnos dos guardas, a estudar a planta do museu, e a tentar aceder ao sistema elétrico.

— Susan, estes guardas têm o turno das 23h até às 2h. Agora, podemos ir dormir? Estou muito cansado... E, além disso, já temos os turnos todos apontados no caderno. — resmungou o Lourenço. Bebi um golo de café e respondi-lhe com franqueza.

— Sim, podemos ir dormir, eu também estou cansada. Estas noites dão cabo de mim. A exposição do Diamante de Kahara é já amanhã, nada pode falhar.

— Mas, olha lá, afinal, qual é a importância desse diamante? Quer dizer, para além de ter um diâmetro de 10 cm e ser tão brilhante que até cega? – perguntou o meu ignorante cúmplice. Às vezes, eu perguntava-me por que raio é que eu e ele éramos parceiros. Mas depois lá me lembrava: ele era ótimo com computadores e eu nem por isso; eu ficava com a melhor parte: passar à prática, ou seja, roubar os objetos em si.

— Ó meu incompetente, vais-me dizer que tu não conheces a lenda? – atirei-lhe com sarcasmo.

— Não, por acaso, não conheço. — disse Lourenço, com uma pontinha de vergonha.

— Muito bem, - disse eu — eu conto-te a história. Reza a lenda que o Sultão Yiazuf tinha uma filha chamada Kahara. Certo dia, resolveu casá-la com um Príncipe. A Princesa Kahara não queria casar com o Príncipe, mas, sim, com um aldeão. Receando a ira do pai se lhe contasse, resolveu fugir com o aldeão. O Sultão, com o desgosto de nunca mais ver a sua filha, mandou esculpir um enorme diamante que fosse tão belo como a sua filha. E, pronto, é esta a história. Não adormeceste, pois não?

— Não. Sabes, és uma boa contadora de histórias. – elogiou, subtilmente, o Lourenço.

— Obrigada, tu, quando queres, não és assim tão parvo. Vá, agora arruma aqui estas coisas para irmos para o hotel.

Estavam os dois cheios de sono, já não viam um palmo à frente do nariz. Desceram do telhado e saíram cuidadosamente pelo armazém das antiguidades egípcias. Apanharam um táxi e foram diretos para o hotel.

— A seguir ao assalto, podíamos passar um dia a visitar a cidade? É que eu nunca visitei Florença. E olha que podia ser muito interessante... — disse ele, tentando pôr um braço à volta das costas de Susan.

— Quantas vezes é que eu tenho de te dizer que TU não fazes o meu género?! — gritou Susan, antes de sair do táxi.

— Pronto, pronto, mas não custa tentar...

Chegaram à receção, fizeram o *check-in* e pediram as chaves. Entraram no elevador e subiram até ao piso 5.

— Portanto, o meu quarto é o n.º 276 e o teu é o n.º 277. Boa noite. — disse Susan.

— Boa noite! — exclamou o Lourenço.

De manhãzinha, foram os dois tomar o pequeno-almoço no restaurante do hotel e seguiram para o Museu. Ficaram a vigiar o Museu durante o dia, pois, à noite, iam começar os preparativos para a exposição.

— Já são 20.30h, os preparativos estão quase todos prontos. Às 21h, começam a chegar os convidados. Tens aí o convite falso, não tens?

— Qual convite falso? – perguntou Lourenço.

— Estás a brincar, não estás? O convite para eu poder entrar na festa e ir-te dando as coordenadas, os movimentos das pessoas, guardas, além de te explicar como é a vitrina do Diamante.

— Ah! Esse convite, toma, está aqui.

— Obrigada. Agora, ai de ti que olhes, eu vou vestir-me lá atrás.

A Susan saiu do esconderijo e misturou-se com os convidados. O ambiente estava calmo, tudo normal. Passado um bocado, ouviu-se uma senhora ao altifalante, a anunciar a chegada do Diamante. As luzes apagaram-se e ouviu-se uma música suave e ligeiramente oriental; fazia sentido, tendo em conta que o Diamante de Kahara era proveniente das Índias.

— Escuto, Lourenço, estás a ouvir?

— Sim, estou. Diz-me como é que é a vitrina.

— É de vidro e...

— E depois eu é que sou o estúpido!

— Ó espertinho, a vitrina com o Diamante está a sair de dentro de uma espécie de cápsula, muito devagar! Até agora não dá para ver muito mais.

— Ai, desculpe, minha menina! É que, sabe, eu não estou a ver nada!

— Cala-te e ouve! Para além de ser de vidro, tem um monte de raios laser à volta, e o vidro parece que é à prova de bala, e tem para aí duas camadas de vidro, e não vejo nenhuma abertura para a vitrina, deve ser na base.

— Acho que estou a imaginar. Agora dá uma vista de olhos pela sala e descobre quantas condutas de ar existem.

— Não há nenhuma. Mas eu não vou descer pela cúpula de vidro que está no teto da sala?

— Sim, vais. Mas, se houver uma emergência, tu podes ir pelas condutas, porém, como essa sala não tem... Ok, acho que já tenho tudo o que preciso, e, além disso, também temos as plantas.

— Então, já posso sair daqui?

— Sim. Mas despacha-te, porque os guardas podem querer verificar o teu convite outra vez.

— Já estou a sair.

O Lourenço estava às voltas com as câmaras, enquanto Susan já estava a seu lado, a preparar-se para o assalto. Já era meia-noite e os convidados estavam a sair.

— Estás pronta? Estás com os cintos prontos para a descida?

— Sim.

O Museu já estava fechado a sete chaves. Cuidadosamente, Lourenço desceu Susan. Mal a Susan chegou à sala onde estava o Diamante, o Lourenço tratou de desligar as câmaras de vigilância. Devagarinho, Susan passou os raios laser e chegou à vitrina. Com o ácido, conseguiu desfazer o seu suporte e tirar lá de dentro o Diamante. Mas, de repente, ouviu-se um som ensurdecedor de uns três alarmes. Estavam, muito provavelmente, incorporados na cápsula que fazia de base para a vitrina.

— Depressa, sai daí! – alertou Lourenço.

— Saio por onde? Esta sala não tem condutas de ar.

— Certo. Mantem-te calma. Segundo a planta dessa sala, deve haver uma porta de emergência.

— Sim, estou a vê-la.

Susan agarrou na mochila, pôs lá dentro o Diamante e saiu pela porta de emergência. No momento em que estava a descer as escadas, avistou dois guardas enormes a correrem atrás dela.

— Escuto, Lourenço, tenho dois bisontes atrás de mim! Já estou a chegar ao fim das escadas, para onde é que eu vou? – perguntou Susan, aflita.

— Tens de descer até ao 1.º piso e, aí, entras pela porta que diz «Arrumos». – afirmou Lourenço.

«Apesar de ele ser um bocado parvo, ele está muito calmo...», pensou Susan. Correu o mais depressa que pôde e tentou despistar os guardas. Quando chegou ao 1.º piso, saíram mais três guardas do elevador. Agora, sim, Susan estava em grandes sarilhos! Entrou para a sala dos arrumos e fechou a porta. Colocou duas caixas de madeira com uns artefactos em cima, para ficarem mais pesadas, à frente da porta. E disse para o auricular:

— Já estou na sala. E, agora, juntaram-se mais três à festa!

— Mais três?! – perguntou Lourenço, um pouco assustado.

— Sim! E estão a tentar abrir a porta! Rápido, diz-me para onde é que eu devo ir.

— Debaixo das caixas, ao pé da estante n.º 4, está um alçapão. Sais pelo alçapão, vais pelo corredor, viras à direita, depois à esquerda e estás nos esgotos.

Susan tirou as caixas o mais depressa que pôde. Mal entrou no alçapão, os guardas conseguiram entrar na sala. Seguiram-na até à primeira esquina, mas perderam-lhe o rasto, pois Susan prendeu-se aos tubos do teto com os cintos de escalada. Depois deles terem procurado mais um pouco, Susan achou seguro desprender-se dos tubos. Andou mais um pouco e virou à esquerda.

— Acho que despistei os guardas. E agora, para onde é que eu vou? – perguntou Susan.

— Andas mais um pouco e vais encontrar umas escadas que dão acesso à superfície. Vais sair mesmo ao lado do museu. — disse Lourenço.

Passados uns cinco minutos a andar, finalmente, Susan encontrou as escadas.

— Que nojo! As escadas estão peganhentas... – resmungou.

— Estás nos esgotos, já te esqueceste, foi? – atirou-lhe Lourenço, com ironia.

Subiu as escadas e chegou à superfície. Nesse mesmo momento, dois guardas, que estavam a fazer a ronda do perímetro exterior, avistaram Susan. Começaram a correr em direção a ela, enquanto transmitiam a situação a outros guardas para virem prestar reforços. Em pânico, Susan desatou a gritar para o auricular:

— Onde estás? Onde estás?

Os guardas estavam a aproximar-se cada vez mais, vinham de um lado e do outro, quando apareceu Lourenço, num Cadillac vermelho, provavelmente alugado, ou... roubado.

— Entra, rápido! – exclamou.

Com a pressa de chegar ao carro, Susan, deixou cair, sem querer, a sua peruca preta. Desta maneira, os guardas conseguiram ver a sua verdadeira cor de cabelo, para além da cara do outro cúmplice, ou seja, o Lourenço, pois este, com a pressa, também se esqueceu de tapar a cara. Mal Susan entrou no carro, Lourenço carregou a fundo no acelerador. Felizmente, os guardas não os conseguiram apanhar; apenas viram as caras deles. Agora, a única coisa que podiam fazer era lançar um mandato de busca por toda a Itália, e, com alguma sorte, talvez os apanhassem.

— Confessa lá, tu estavas com medo de que eu não aparecesse, não estavas? – perguntou Lourenço.

— Claro que sim! Queria ver se fosses tu... – resmungou.

Os dois resmungavam sem parar, até que chegaram a um hotel nos subúrbios de Florença. Tinham de passar a noite em algum sítio. No dia seguinte, logo de manhãzinha, os dois apanharam um táxi em direção ao aeroporto, pois tinham de sair de Florença o mais rapidamente possível.

— Quanto dinheiro ainda temos?

— Ainda temos 10 000 euros. – respondeu Susan.

— Ok. Pelas minhas contas, isso chega para dois bilhetes de avião e uma noite num hotel.

— Onde é que tu guardaste os outros quadros e esculturas que nós roubámos?

— Estão com um primo meu, em Veneza.

— E esse teu primo é de confiança? – perguntou Susan, desconfiada.

— Se ele não fosse de confiança, eu nunca lhe entregaria tais objetos – argumentou Lourenço - e, além disso, ele é um grande colecionador de arte. Ele sabe quais são as obras de arte que lhe pedi para guardar e sabe os seus valores.

— Fazes bem. Mas, no total, quanto dinheiro é que lucrámos este ano?

— Cerca de 55 milhões de verdinhas...

Dirigiram-se ao balcão onde se compravam os bilhetes.

— Dois bilhetes para Veneza, por favor. – disse Lourenço.

— Enquanto tu estás aqui, eu vou ali ao café comprar duas sandes.

Depois de fazer o pedido à empregada, Susan foi comprar o jornal e, para surpresa dela, a notícia do assalto ao Museu Uffizi Gallery já tinha sido anunciada a Itália inteira. «Desta vez, os jornalistas foram mais rápidos», pensou. Pagou à empregada e foi ter com Lourenço.

— Já viste? - perguntou – A notícia do assalto e as nossas caras estão por todo o lado.

— Olha lá, esta fotografia não te favorece muito... - disse Lourenço, com ironia.

— Cala-te! O que vale é que era noite e nós ficámos um pouco desfocados.

De repente, ouviu-se o altifalante num italiano perfeito: «Por favor, todos os passageiros que esperam pelo voo para Veneza, façam o favor de se dirigirem para o portão G4. *Grazie*.» Pegaram nas malas e correram para o portão. Foram pelo corredor e entraram no avião. Passados cinco minutos, o avião partiu. Assim que as rodas deslocaram do chão, os dois soltaram um suspiro de alívio. Finalmente estavam fora de Florença, já não os conseguiriam apanhar.

— Desta vez, podemos visitar a cidade? — suplicou Lourenço, com ar de um menino pequenino a pedir um brinquedo novo à mãe.

— Está bem, desta vez pode ser. Também estou farta de fugir, vai ser bom descansar um pouco. – confessou Susan.

Ambos adormeceram, até se ouvir a voz de uma hospedeira a dizer para apertarem os cintos, pois iam aterrar. Chegados ao aeroporto, apanharam o comboio que atravessava o mar para irem para a ilha de Veneza.

— São 19.30h, era melhor se nós fôssemos ao hotel deixar as malas. – alertou Lourenço.

— Tens razão. Amanhã vamos ter com o teu primo.

Saíram da estação de comboios, compraram um mapa num quiosque e seguiram em busca de um hotel. Depois de 10 minutos de caminhada, e de pedirem informações, chegaram ao Hotel Danieli. Era um prédio antigo, mas muito bem restaurado. Dirigiram-se à receção e fizeram o *check-in*. O rececionista dirigiu um amável sorriso e disse:

— *Mi scusi*, mas nós só temos uma vaga, e é um quarto de casal.

— Está bem, pode ser. – disse Susan. – Mas TU dormes no sofá!

— Sim, ninguém disse o contrário. – disse Lourenço. – Bom, já são horas de jantar, onde vamos?

— Não sei. Não és tu que dizes que conheces Itália como a palma da tua mão? - protestou Susan.

— Pois digo. Então, eu recomendo que vamos à *Piazza de S.Marco*. Há uns restaurantes ótimos, numas ruas paralelas à *Piazza*.

Saíram os dois do hotel. Susan seguiu Lourenço, como um turista a seguir o guia. Eram 19.40h quando chegaram ao restaurante. O empregado atendeu-os o mais calorosamente possível e sentou-os numa mesa de dois à janela. Itália era, de facto, fabulosa. Tantas pessoas, tanta arte!

— Esta praça, ah...

— *Piazza de S.Marco*. — completou Lourenço.

— Isso. Ah, é muito agradável. Mas tem demasiados pombos.

Lourenço riu-se.

— Tens razão.

— Como é que se chama aquele palácio, ali ao fundo?

— Palazzo Ducale, ou Palácio dos Doges, em português. Veneza, antigamente, não tinha reis, mas, sim, uma coisa parecida com um rei. Eram chamados de Doges. E aquele Palácio era a residência deles.

— Estou a ver...

Depois de comerem bastante pizza e esparguete à bolonhesa, voltaram ao hotel, para uma boa noite de sono.

No dia seguinte, os dois acordaram bem cedo, pois iam buscar os seus preciosos objetos roubados. Apanharam uma gôndola e um barco em direção ao Grande Canal. Saíram na *Ruga Vecchia di S.Giovanni*, andaram mais um pouco e acharam uma casa que se parecia com as descrições de Lourenço da casa do seu primo. A casa tinha umas grandes colunas brancas e

uma linda fachada à volta da casa inteira. Depois de terem passado o portão, deram de caras com um homem alto, moreno, e com um engraçado bigode. Envergava um bonito fato branco às riscas e um pequeno lenço cor-de-rosa no bolso do casaco. Fumava um charuto jamaicano de ótima qualidade. Lourenço cumprimentou-o e foram os três para dentro de casa. Após uma chávena de chá e uma boa conversa, dirigiram-se a uma sala enorme cheia de obras de arte: estátuas, quadros, conjuntos de loiça, etc. ...

- Aqui têm as vossas coisas. – disse o primo de Lourenço.
- Obrigado. Olha, a polícia apareceu nos noticiários a falar sobre o assalto? – perguntou Lourenço.
- Sim, mas aqui em Veneza as pessoas não têm dado muita atenção, incluindo a polícia.
- Bom, foi agradável ter falado contigo, mas já está na hora de ir.

Após uma curta despedida, Susan e Lourenço foram rapidamente para o Hotel Danieli arrumar as roupas nas malas e pagar a conta para irem para o mais longe possível dali e desfrutarem o melhor possível da vida de ricos que se aproximava deles. Iam vender as obras de arte no mercado negro e passar um bom tempo desaparecidos.

- Bom, e agora? – perguntou Lourenço.
- Devíamos sair daqui antes de começarem as buscas. Um país qualquer serve... – disse Susan.
- Posso sugerir um? – perguntou Lourenço.
- Claro, desde que não comeces com parvoíces!
- Eu sugiro a Dinamarca. Que tal?
- Ok. Pode ser. – concordou Susan.

Foram os dois para o aeroporto e partiram, enfim, para a Dinamarca. Quem sabe o que os esperaria?

FIM

Meu anjo

*Por Carlota Rodrigues
(15 anos, 9.º ano)*

Para mim, a tua existência neste planeta era nula. Quer dizer, sabia que existias, só nunca te liguei e nem sabia que tínhamos exatamente a mesma idade (apenas um mês de diferença). Agora que eras tão especial, único, alegre, engraçado, ciumento, idiota e palerma (num bom sentido), sociável, humilde, generoso, sensível, responsável, seguro, confiante, extravagante, doce, carinhoso, amigo, fiel, simples, mas complexo ao mesmo tempo, não. Sabia que entender-te ia ser difícil, mas acabei por lá chegar. Tinhas características tão, tão, tão especiais, e, de certa forma, só tuas, que confesso que te amei de uma ponta à outra, como nunca amei ninguém. Devo dizer, também, que não o fazer era bastante difícil. Como poderia eu resistir ao sorriso mais perfeito de sempre, com os dentes mais perfeitos de sempre? Como é óbvio, acabei por ceder.

Em apenas uma semana, apaixonámo-nos loucamente. Passávamos o dia constantemente a falar. Mensagens para ali, telefonemas para aqui... Mas faltava conhecer-te pessoalmente, cara a cara, olhos nos olhos.

Combinámos encontrar-nos e, tenho de reconhecer, morri de medo a primeira vez que te vi. No entanto, assim que me deste a mão, o medo foi substituído por uma estranha sensação, que, até aí, jamais tinha sentido. Era, talvez, uma pequena chama a crescer dentro de mim. Talvez até já tivesse desabrochado quando, pela primeira vez, falámos ao telemóvel e fiquei a conhecer a tua magnífica e estrondosa voz, mas não tenho bem a certeza. Esta sensação repetiu-se no momento em que, lenta e suavemente, foste aproximando os teus lábios dos meus, até que, finalmente, se tocaram. Foi um momento mágico, que, ao ser lembrado, me faz sorrir.

Planeávamos ir ao cinema quase todos os fins de semana, Campo Pequeno sempre, claro. Simplesmente, pequenas tardes perfeitas, divertidas e simples. Sim, simples. Ver um filme, comer pipocas e depois voltar para casa é um programa bastante simples. Assim como todas as tuas surpresas. Podiam ser apenas visitas inesperadas, mas a simplicidade dessas pequenas surpresas enchiam o meu coração de amor, de tal forma que parecia que ia explodir. Tal e qual como um balão quando fica sobrecarregado de ar. Tu eras o meu ar, o que me fazia respirar. E quando tudo parecia mau ou impossível, tu estavas lá para melhorar.

Nada no mundo importava. Eu estava nos teus braços, estava onde pertencia. Era ótimo acordar e saber que te tinha, que podia sentir o teu toque, cheirar o teu cheiro, beijar os teus lábios, acariciar a tua face, apreciar a tua beleza. Foram os melhores dois meses da minha vida. Tu vinhas visitar-me à escola, e eu ia à tua. Nunca tinha ido ao cinema tantas vezes em dois meses. E até houve dias em que apenas íamos para o Campo Pequeno passear por umas horas, lembrás-te? Naqueles dias em que os filmes ou eram uma porcaria, ou, simplesmente, não nos apetecia.

Consegui sentir que, nesses momentos, era realmente feliz, que ao teu lado era feliz. Muitas vezes, à noite, depois de te obrigar a ficar acordado e a falar comigo ao telemóvel, adormecia a sorrir, inconscientemente, como é óbvio. Era um sorriso especial, um sorriso de felicidade, aquele que também acontecia cada vez que te avistava ao longe, ou quando entravas na sala onde me encontrava. Por vezes, até pensava para mim: «NÃO SORRIAS, NÃO SORRIAS!», mas não o conseguia controlar. Era amor, amor puro. E esse amor, conjugado com a dança (a minha grande paixão desde pequenina), tornara a minha felicidade possível. Eu sempre soube que encontrar a felicidade era difícil. Tem de se gostar realmente daquilo que se faz e da pessoa (ou pessoas) com quem se partilha a vida. Muitos apenas encontraram a profissão, emprego, trabalho, etc., e, por isso, sentem que falta qualquer coisa. Com outros, aconteceu exatamente o oposto. E ainda há aqueles que nem uma coisa nem outra encontram. É um caminho, viagem que apenas sozinho se consegue. O que mais me entristece é saber que ainda existem pessoas que, mesmo procurando e procurando, nada encontram. Mas a vida é assim, e, nos poucos anos que se vive, muito se aprende; temos é de saber aproveitar oportunidades e arriscar de vez em quando, porque apenas se vive uma vez na vida. Sei que sou muito nova e que posso estar aqui a falar do que não sei, mas, pelo menos, tenho consciência de que estou num bom caminho.

Quando estava contigo, tu importavas, nós importávamos. Éramos um só. Para além de seres meu namorado, eras também o meu melhor amigo. Unia-nos uma amizade profunda. Sabia que te podia confiar qualquer coisa, um segredo, uma dor, um sofrimento, uma felicidade. Estava satisfeita com a minha pequena e simples vida naquele momento.

Infelizmente, como muitas coisas na vida, este conto de fadas acabou. Acabou, porque, como estava habituada a ser desiludida por todos os rapazes que conhecia, pensei que me estavas a mentir quando ficaste doente durante duas semanas e não me falaste. Acabei tudo. Não suportava sequer imaginar que me traías. Talvez um dos piores erros que já cometi em toda a minha vida, porque, mais tarde, contaste-me que sofreste bastante, e eu nem imaginava isso.

Foi muito mau. Simplesmente deixámos de falar. Só conseguia sentir um misto de arrependimento, com raiva, saudade (muita saudade) e desilusão. Desilusão comigo e contigo, porque pensei que irias lutar mais por mim. E, de repente, acabaste por o fazer. Decidimos que falaríamos depois de o verão acabar.

Passei o tempo inteiro a pensar em ti e interrogava-me vezes e vezes sem conta se farias o mesmo. Até que um dia, por volta da meia-noite, eu estava no Alentejo, com uns amigos, e o telemóvel começou a tocar. Pensei que era a minha avó a dizer para voltar para casa, visto que estava na rua a conversar, mas eras tu. Tu. TU! Fiquei estupefacta. Conversámos e fiquei a saber que também pensavas em mim, que ainda sentias algo por mim.

Quando as aulas recomeçaram, combinámos encontrar-nos para conversar. Conversámos durante duas horas e acabámos por decidir que íamos tentar mais uma vez, porque ambos ainda sentíamos algo. Aquilo que sentíamos já não era forte, como na primeira vez, e, por isso, a relação não resultou como nós esperávamos que resultasse. Ao fim de três semanas (sendo que, durante uma, não me falaste), terminaste tudo por telemóvel. Nunca duvidei de que, se estivesses frente a frente comigo e me olhasses nos olhos, não serias capaz de o fazer. Discutimos muito, acabámos por nos insultar. A pequena chama que, outrora, tinha crescido dentro de mim, e que crescera tão rapidamente, incendiando o meu coração, não passava, agora, de cinzas, cinzas que, talvez um dia, pudessem voltar a incendiar o meu coração.

Como tudo acabou, a tristeza sucedeu à felicidade. Perder-te foi como um peixe perder o mar, um leão perder a floresta, o céu perder as nuvens, as maçãs perderem o pomar, a praia perder a areia, o inverno perder o frio, a primavera perder as flores, o verão perder o calor, o outono perder as folhas...

É muito engraçado saber que já poderíamos ser amigos já há bastante tempo, mesmo muito tempo, anos talvez. Mas tenho a impressão de que assim foi melhor. Porque tu caíste do céu, foi o destino que nos juntou neste preciso momento das nossas vidas. Também foi ele que nos separou e, por isso, a saudade perdura. Mas, independentemente de tudo isto, foste, és e sempre serás o meu anjo. Porque, de certa forma, o nosso amor também viverá, num cantinho do meu coração, mesmo que seja muito pequenino; farás sempre parte de mim, meu leãozinho, meu anjo.

E ainda que tenham passado três anos, dou por mim a recordar como tudo começou, pois agora estas recordações são tudo o que me resta...

A Noite de Óscares...

Por Catarina Coelho
(15 anos, 9.º ano)

27 de fevereiro de 2011

— E o Óscar vai para... — finalmente, ia conhecer o vencedor...

Mas, para sabermos o que é que vai acontecer, é melhor voltarmos um pouco atrás ...

27 de janeiro de 2011

O meu nome é Scarlett Nikon e sou atriz! Vivo em Nova Iorque, embora passe a maior parte do meu tempo em Hollywood, Los Angeles. Tenho vinte e três guiões à espera de resposta e, apenas com dezasseis anos, já participei em trinta e dois filmes e séries. Já recebi dez Teen Choice Awards, sete MTV Movie Awards, dois Globos de Ouro, um prémio de Saturno (pelo filme de terror «A dois passos da morte») e dois Bafta. E espero, futuramente, receber o meu primeiro Óscar! Comecei a minha carreira aos três anos, num filme de comédia intitulado «Uma Desastrosa Família!», e, desde então, ainda não parei de fazer filmes. Neste momento, namoro com o rapaz mais giro de Hollywood, David Twist! Conheci-o no mais recente filme em que participei, «Um amor de Adolescentes...»! Tinha já sido eleita três vezes consecutivas «A jovem mais Elegante do Ano», pela revista People, e cinco vezes «A Jovem mais bem vestida», pela revista Vogue Americana, não falando também de outros títulos que já adquirira, não só em revistas, como também em programas televisivos e jornais tão importantes como o New York Times! Eu adoro o que faço, adoro os ensaios, adoro as pessoas que conheço, o resultado do meu trabalho, adoro os guiões e as emoções que se tornam nossas, e não só da personagem que estamos a interpretar, gosto da sensação de estar à frente das câmaras e dos gritos dos fãs a apoiar-nos, gosto das festas e dos amigos, gosto das roupas e, especialmente, gosto da equipa que está sempre lá para me apoiar... E agora talvez vá receber o Óscar por que tanto esperava...

— Scarlett, o que é que estás a fazer? – gritou a minha mãe suficientemente alto para se ouvir da cozinha, que se encontrava no andar de baixo. A minha mãe chama-se Jane Nikon e é uma mulher de estatura média (um metro e sessenta e cinco), de cabelos escuros, lisos e curtos, e olhos de um tom castanho avelã muito intenso. Eu, por outro lado, sou alta (um metro e setenta e seis), com cabelos castanhos claros, compridos e ondulados, e de olhos verdes.

— Estou a escrever no meu diário! – gritei também, para ter a certeza de que ela ouviria.

— Espero sinceramente que já estejas vestida!

— Quase... - olhei para baixo e vi que ainda tinha o pijama vestido. Guardei o documento onde tinha escrito a primeira página do meu diário e desliguei o computador portátil. Abri o meu armário e peguei no primeiro conjunto que tinha à frente. Como ainda era inverno, tinha agora na mão umas calças de ganga escuras da *Pepe Jeans by London*, uma blusa branca *Valentino*, um casaco bege claro **vison** da *Burberry* e umas botas de salto, também beges claras, de pelo, da *Gucci*. Vesti-me rapidamente e descí as escadas para ir tomar o pequeno-almoço.

Depois de comer, a minha mãe informou-me do plano para o dia:

— Muito bem, se não estás a planear ir para a passadeira vermelha do Kodak Theatre nua, eis o que vamos fazer hoje: a maioria das lojas da cidade têm vestidos preparados para tu veres, porque te querem ver com eles na cerimónia dos Óscares, portanto, começamos por ir à *Louis Vitton*, na *5th Avenue*, e aproveitamos o facto de já lá estarmos para irmos ver a *Georgio Armani*, a *Prada* e a *Fendi*, vamos também à *Tiffany's* para vermos os acessórios que vais usar, e depois continuamos pela *Henri Bendel*, a *Emanuel Ungaro*, a *Gucci*, a *Cartier*, para escolhermos um lindo relógio, e, por fim, vamos à *Versace*! No meio disto tudo, vamos almoçar, lanchar, etc. Durante esta semana, temos de ver as lojas todas e escolher o vestido, os sapatos, o cabeleireiro, as joias, o relógio e a maquilhagem... Percebeste tudo?

Estava a olhar para a minha mãe com um olhar confuso. Tinha conseguido dizer isto tudo enquanto preparava o pequeno-almoço e punha a roupa a lavar.

— Acho que sim... - respondi eu, enquanto me levantei para ir buscar a minha mala *Prada* à sala.

Quando cheguei à *Louis Vitton*, uma empregada alta, de cabelos louros e com um ar entusiasmado, veio ao nosso encontro imediatamente.

— Seja muito bem-vinda, *Miss Nikon*! Estávamos à sua espera! Aguarde só um momento enquanto eu vou buscar os vestidos! – A empregada parecia ter apenas dezoito anos e gostar de estar ali. Mas, afinal, que jovem com dezoito anos que goste de moda não adoraria ter a oportunidade de trabalhar na *Louis Vitton* da 5.^a Avenida?

A rapariga chegou com dois vestidos dobrados no braço. Enquanto os pousava no pequeno banco de veludo azul que se encontrava mesmo ao lado da prateleira dos sapatos de salto alto que tinham aparecido no último desfile, começou a apresentar as peças que tinha para nos propor:

— Esta primeira peça – e pegou num longo vestido verde de caxemira — esteve presente no desfile da nova estação a semana passada. É 100% caxemira e é uma das peças favoritas do nosso estilista principal.

Olhei interessada para o vestido. Tinha um decote bastante acentuado e uma pequena fita à cintura. Tinha umas linhas engraçadas que acompanhavam o vestido desde o decote até à bainha. Parecia-me bastante giro!

E o resto do meu dia foi idêntico. Lojas, vestidos, empregadas e empregados entusiasmados por me poderem mostrar os seus vestidos. Eu adorava aquele mundo! Era simplesmente... o meu mundo!

Mais tarde, por volta das sete da tarde, David, o meu namorado, foi lá a casa. Íamos jantar fora e, mais tarde, íamos à estreia do filme «Porquê sapatos?». Nele entrava a minha melhor amiga, Roselyn Hoss. É a minha melhor amiga desde sempre. É alta, com cabelo louro liso e com uma franja direita. Tem os olhos azuis mar, mais como o mar em dia de tempestade. Eu adoro-a! Desde pequenas que fazemos tudo juntas. Fizemos o nosso primeiro filme juntas, comprámos os nossos primeiros sapatos *Loubotin* juntas, fomos à discoteca a primeira vez juntas... Mas hoje íamos lá para ver o filme no qual ela tinha estado a trabalhar há um ano!

Já na passadeira vermelha da estreia, a grande estrela da noite finalmente tinha chegado! Roselyn saía da limusina e preparava-se agora para pisar a passadeira vermelha. Vestia um lindo vestido vermelho curto (visivelmente da *Valentino*) e uns sapatos também vermelhos! Roselyn estava deslumbrante! Passámos o resto da noite a ver o filme, que era incrível e, no final, David levou-me a casa.

Quando cheguei a casa, a única coisa em que conseguia pensar era na noite de Óscares! Tinha medo de saber o vencedor... tinha medo de perder... tinha medo de perder... Mas sentia que era algo que tinha de fazer, algo por que tinha de passar... Sentia que era isso que me estava destinado! E, agora, já conseguia pensar que talvez fosse capaz. Não haveria de ser assim tão difícil! Se perdesse, ficaria contente por quem tivesse ganho. E, se ganhasse, era só subir ao palco, receber um prémio e dizer umas palavras! Não havia de ser assim tão enervante!

27 de fevereiro de 2011

OH MEU DEUS!!! Eu vou morrer! A cerimónia começa às seis, já são três, e eu ainda nem me comecei a preparar!!! Estávamos agora na nossa casa, em Los Angeles, mais propriamente Hollywood. Tinha escolhido um lindo vestido comprido *Gucci* azul-turquesa, de seda, com uma fita à cintura. Os sapatos, por sua vez, eram uns *Loubotin* pretos com salto agulha.

— SCARLETT!!! — gritou a minha mãe do andar de baixo. — Os maquiadores e os cabeleireiros já chegaram!

Depois de uma hora a tratar do cabelo e da maquilhagem, finalmente consegui vestir-me e calçar-me. Já pronta, descí as escadas para saber a opinião da minha mãe.

— Então, o que é que achas? — perguntei ao entrar na cozinha, onde dei uma pequena volta para a minha mãe me poder ver.

— Estás linda! Estás absolutamente deslumbrante!

Depois de muitos elogios, choros e risos, finalmente a limusina chegou. E com ela, David! Ele também estava lindo! Tinha vestido um *smoking* preto da *Armani*.

— Olá, amor! Estás linda! — disse David, com um sorriso sedutor. Abriu a porta da limusina para eu entrar e sentámo-nos os dois na parte de trás da mesma. Fomos o caminho todo a falar sobre a cerimónia.

Já lá, depois de muitos autógrafos e sorrisos na passadeira vermelha, finalmente entrámos no teatro e sentámo-nos nos nossos lugares. Mais tarde, chegaria o resto da minha família. Ao longo do tempo, os prémios das várias categorias iam sendo entregues e eu ficava cada vez mais nervosa!

Finalmente, chegara a minha categoria, «Melhor Atriz»! O apresentador já tinha entrado em palco, com um pequeno envelope dourado nas mãos...

— E o Óscar vai para... — finalmente ia conhecer o vencedor...

— Vai para... Scarlett Nikon!!!

Apenas consegui ouvir os aplausos e os gritos, antes de tudo se apagar e perder todos os meus sentidos...

Fim... Ou talvez não...

Ser aluno(a) da Escola de Dança

*Por Catarina Vaz
(15 anos, 9.º ano)*

Muitos se perguntam «como é andar na Escola de Dança do Conservatório Nacional?».

É, sem dúvida, uma escola diferente e especial, assim como os alunos, funcionários e professores que a frequentam.

Os alunos são mais responsáveis, tolerantes, pacientes, organizados, alegres e, claro, uns verdadeiros desportistas!

Os funcionários convivem uns com os outros, são bastante simpáticos e sempre dispostos a trazer uma barra de dança, levar um aluno novo ao estúdio, comprar uma rifa aos finalistas para a sua viagem, ajudar a trazer os cenários de palco para espetáculos... enfim, e sempre com um sorriso no rosto.

Os professores do académico são bastante pacientes, bons professores e, por vezes, brincalhões, reconhecem o trabalho dos seus alunos e ficam orgulhosos no final de cada ano.

Os professores de artístico são professores que, desde o início, nos conhecem com todo gosto e, aula após aula, nos dão o seu apoio e fazem as suas correções, para, no final de cada período, estarmos confiantes no teste. São exigentes e sabem como ninguém aquilo que temos capacidade para fazer.

Para se entrar na Escola, é preciso ter conhecimentos de dança, flexibilidade, um bom corpo, gostar de dançar e de trabalhar a dança, estar disposto a ter uma árdua rotina pela frente, e, claro, fazer uma audição, para ver se o júri (professores de artístico da Escola) reconhece que o/a jovem tem ou não as capacidades referidas. Se o/a jovem entrar, terá de esperar até os resultados serem afixados e, a seguir ao seu nome, irá aparecer, a azul, a palavra «admitido»; se não entrar, aparecerão, a vermelho, as palavras «não admitido».

Meses antes de as aulas começarem, o/a jovem que tenha entrado tem de ir à Escola para lhe serem apresentados os estúdios, as salas de aula, a cantina, o bar, os corredores da Escola e os seus arredores, e para lhe ser dado o horário e a folha com o material de dança: sapatilhas, *maillot* branco, soquetes e, se for necessário, ganchos e redes para apanhar o cabelo num carrapito (no caso das raparigas); calças pretas, t-shirt branca e sapatilhas (no caso dos rapazes); bem como a lista dos livros. Normalmente, é mais fácil entrar logo no 1.º ano de dança (5.º ano escolar), para se começar, logo no início, a ter a disciplina e o método de ensino, para os alunos mais jovens, o que não significa que não haja a possibilidade de entrar noutro ano.

Quando as aulas começam no 1.º/5.º ano, os professores de académico, tal e qual como nas outras Escolas, fazem a apresentação e começam com novas matérias, e os professores de artístico também, e começam logo a mexer o corpo e a fazer exercícios de aquecimento no chão.

A rotina do 1.º/5.º ano é composta por aulas de Técnica de Dança Clássica, todos os dias de manhã, para onde terão de levar o material de dança vestido. A turma é separada entre rapazes e raparigas, pois aqueles têm um conteúdo de aprendizagem de *ballet* diferente do das raparigas.

Depois, reúnem-se novamente para as aulas seguintes, de académico, almoçam na cantina da escola, e têm mais aulas de académico, novamente. Haverá um dia da semana em que terão Pilates (para raparigas) e musculação (para rapazes), para complementar o ensino de dança. No final de cada período, terão testes de dança.

A rotina do 2.º/6.º ano será igual à rotina do 1.º/5.º ano, mas com aulas de Expressão Dramática, entre outras. No final de cada período, terão testes de dança.

O dia a dia do 3.º/7.º ano é composto por aulas de Técnica de Dança Clássica, todos os dias de manhã. As raparigas terão de levar um novo uniforme (*maillot* preto, *collants* rosa e sapatilhas), e os rapazes, o mesmo uniforme dos anos anteriores; depois, a turma inteira segue para as aulas de Técnica de Dança Contemporânea, que só são lecionadas duas vezes por semana, para onde terão de levar o uniforme da aula (macacão preto, sem pés). Vão para as aulas seguintes, do académico, almoçam, e têm mais aulas de académico e artístico, tal como Expressão Dramática/Sapateado/ Danças de Carácter (uma em

cada período), Análise e Notação de Movimento e Pilates/Musculação (uma vez por semana). No final de cada período, terão testes de dança.

O quotidiano do 4.º/8.º ano é composto por aulas de académico, tal como acontece com o 3.º/7.º ano, mas os alunos saem mais tarde das aulas. No final de cada período, terão testes de dança.

A rotina do 5.º/9.º ano é extremamente difícil! Para além dos exames de académico, como nas escolas normais, e testes por período, também têm testes de dança clássica (apresentação de uma coreografia, composta por vários exercícios de barra, centro, saltos e pontas) e de dança contemporânea (apresentação de uma coreografia, composta por vários exercícios de centro, chão, saltos e diagonais), e ainda dois exames finais, que determinam se os alunos continuam ou não na escola; para isso, é necessário obter pelo menos nível 4 a uma das disciplinas (Clássico ou Contemporâneo). Os alunos saem tarde das aulas (8 horas da noite, por vezes).

As rotinas do 6.º/10.º, 7.º/11.º e 8.º/12.º são mais complexas, já para quem passou nos exames e deseja seguir a carreira de bailarino/a profissional. Como tal, as únicas disciplinas do académico que têm são Língua Portuguesa e Filosofia; as restantes são do artístico (Dança Clássica, Dança Contemporânea, Danças de Carácter, Sapateado, Repertório Clássico, entre outras).

No final de cada ano, vem o mais divertido: a apresentação de um espetáculo de dança aos pais, amigos e conhecidos, no Teatro Camões. Para estar tudo impecável nos 4 dias de espetáculo, é preciso organizar os cenários, fatos e adereços, e ensaiar as coreografias inúmeras vezes...

Essa altura é uma excelente experiência, principalmente nos últimos ensaios (de palco), em que passamos muito tempo dentro do teatro, vemos os camarins, os bastidores, sentamo-nos nas cadeiras da plateia e assistimos a outros ensaios dos mais velhos! Quando estamos em contacto com as luzes de cena, com todas as máquinas e cabos que movem os panos, é bastante bonito de se ver.

Nos dias de espetáculo, entramos no teatro duas ou três horas antes. Vamos para os camarins e deixamos lá as nossas coisas, em frente aos espelhos e mesas. De seguida, dirigimo-nos para os estúdios de aquecimento, para nos mexermos um pouco antes de começar o espetáculo. Depois, vamos novamente para os camarins, comemos qualquer coisa e penteamo-nos (muito gel, muita água, muita laca...) e, pouco tempo depois, vêm as costureiras e funcionários, com o carrinho dos fatos. Vestimo-nos e esperamos que nos chamem para o palco.

Quando chega o grande momento, subimos as escadas, entramos pela porta de acesso ao palco e esperamos pela nossa vez de dançar, dentro das *coulisses*, muito nervosos e ansiosos!

Quando entramos em cena, somos o centro do mundo... É a melhor sensação que se pode ter... Esquecemos tudo e só nos focamos em fazer o melhor possível e representar a nossa escola da melhor forma, que, para muitos, é como uma segunda casa...

Os olhos que me enganaram

*Por Daniel Drake
(15 anos, 9.º ano)*

Não quis adormecer. Sabendo o perigo que ela corria, não queria adormecer, mas adormeci.

Da 1.ª vez que a vi, sentou-se numa cadeira à minha frente. Estava a tomar um café numa esplanada.

— O lugar não está ocupado, estás à vontade. - disse eu.

Assim que disse as palavras, ela olhou-me ironicamente.

— Olha lá! Tu achas que podes... - fui interrompido.

— Shhhh! Faz-me um favor, cala-te!

— O que se passa?

— Estou a ser perseguida.

Ela estava realmente a ser perseguida, por dois homens. Eram polícias. Sabia que me estava a meter em algo que não devia, mas não a denunciei, fiz-lhe esse favor. Agora que sei o motivo, provavelmente tê-la-ia denunciado na altura, mas já não posso mudar nada.

Os homens procuraram durante um pouco, mas chegaram à conclusão de que ela foi muito rápida e escapou-se com facilidade.

— Obrigado. – respondeu, levantando-se.

Fugiu. Nunca pensei que a tornaria a ver, mas voltei.

Estava à porta de um museu, a ler um cartaz de publicidade a uma exposição sobre artefactos egípcios, devia ser muito interessante...

Voltando ao assunto, estava eu a ler o cartaz, quando, de repente, fui projetado para o chão. Tentei ver quem me tinha empurrado, era ela. Levantei-me rapidamente e segui-a. Felizmente, conheço muito bem as ruas por onde caminhava naquele momento. Atrás de mim, vinham novamente aqueles dois polícias. Sabia que algo estava mal. Porque é que eu estava a seguir alguém que estava a ser perseguida por polícias?

Foi ao virar da esquina que quase a perdi, mas, por algum motivo, se calhar por ver muitos filmes, pensei «Deve ter virado para o beco sem saída.»

Assim que os polícias passaram, ficaram espantados por não a verem. Correram em frente, à espera de a encontrar, mas não a encontraram. Fui, então, confirmar o meu pensamento anterior. Virei-me para o beco sem saída. Contentores de lixo, portas de emergência de edifícios, alguns gatos. Fui ver atrás dos contentores.

— Olá! – aproximei-me eu.

— Eu conheço-te? – perguntou ela.

— Não te lembras de mim? O café? Sentaste-te mesmo à minha frente.

— Desculpa. – disse ela. «Já se lembra» - Não me lembro de ti. - «Ou não.»

— Oh. Bem, de qualquer maneira sei que estás a ser perseguida.

Ela olhou para mim, eu sabia que ela queria fugir, mas eu não ia permitir.

— Não te vou denunciar! – disse eu.

— Porque é que não o deveria de fazer?

Que resposta é que eu daria? És muito gira? Parece-me que tens uma história para contar?

-Os teus olhos. – Saiu pela minha boca – Os teus olhos chamaram-me a atenção naquele dia.

Era verdade. Alguma coisa nos seus olhos expressava uma espécie de medo. Algo que não me parecia enquadrar-se numa pessoa que tivesse roubado coisas. Estendi-lhe a mão para a ajudar a subir, ela aceitou.

Durante o caminho, tivemos uma longa conversa. Ela explicou-me tudo sobre o que tinha acontecido. Na verdade, tinha sido o seu ex-namorado a roubar o artefacto, mas disse à polícia que estava na posse dela. Contudo, ela corria um maior perigo. Pessoas mais perigosas que a polícia seguiam-na. Ela disse que vivia todos os momentos e praticava todas as suas ações com cautela. Eram pessoas que estavam a tentar obter o artefacto, pois ele continha uma informação muito especial para alguma espécie de tesouro. Talvez um mapa.

Sabendo, felizmente, que ela não tinha roubado nada, tive a certeza de que a queria ajudar. E assim o fiz, mas agora não sei o que hei de fazer.

Ela esteve em minha casa e continuámos a falar durante muito tempo. Demo-nos muito bem. Ela contou-me sobre o artefacto, que era egípcio, o que me fez acreditar que, se ele contivesse um segredo, seria um mapa para um túmulo que ainda não teria sido descoberto.

A noite veio cedo, o tempo tinha voado. Insisti que ela dormisse em minha casa, e em minha casa ela dormiu.

Acordei cedo como sempre acordo. O sol estava a nascer. Fui ao quarto, onde vi que ela ainda dormia. Decidi fazer o pequeno-almoço. Ovos estrelados, salsichas e *baked beans*. Já quando o sol se tinha posto, ela acordou. Tomou o pequeno-almoço que lhe fiz e disse-me que estava muito bom. O seu cabelo castanho brilhava à luz do sol e os olhos dela chamavam-me, continuavam daquela estranha forma, mas, de alguma maneira, reconfortante. Acho que me estava a apaixonar por ela, e que ainda estou.

À tarde, ela disse-me que tinha de regressar à sua casa, pois tinha lá coisas de que precisava, então, fomos. Ao entrar na porta do prédio, ela olhou para todos os lados, à procura de alguém que a estivesse a vigiar, mas não encontrou ninguém. Rapidamente, entrámos no seu apartamento. Buscámos alguns livros e mais uma coisa que não sabia bem o que era, parecia que ela estava a tentar escondê-la de mim. Atrevi-me a perguntar, mas ela tentou desviar a conversa.

Quando entrámos no carro, não lhe dei escolha, a minha curiosidade era - e é - muita, para ser renegada de maneira tão fácil. Ficámos parados no carro durante muito tempo, à espera dela falar. Ela acabou por dizer-me que era apenas uma coisa muito antiga que lhe tinha sido dada pelo avô e que ela sempre guardou de forma muito especial.

Enquanto íamos no carro, ela pediu que eu parasse para ela sair, e assim fiz, mas continuei a olhar para ela, com o carro parado, e assim que olhei outra vez, havia um carro preto entre nós, e, quando se foi embora, ela já lá não estava.

Tinha sido raptada, então, segui o carro. Nunca o perdi de vista. Não estava a prestar muita atenção aos sinais que me indicavam onde íamos, mas fomos parar ao aeroporto. Para não me notarem, estacionei longe. Sabia que iam viajar e, sendo que o artefacto era egípcio, provavelmente iam para o aeroporto do Cairo. Sem malas preparadas, e depois de confirmar a minha teoria, comprei o bilhete. Apanhei o avião e lá fomos para o Egipto.

Pergunto-me se ela está bem. Aqui estou eu, no avião, tudo por causa dos belos olhos dela, que consigo imaginar a chorar. Tudo o que estou a fazer é por ela. Tenho de a ajudar. Eu acho que estou apaixonado por ela, mas nunca tenho a certeza de nada; como hei de eu de saber se gosto realmente dela, quando a minha resposta é, normalmente, «Tanto me faz» ou «Pode ser» ou ainda «Talvez»? Não interessa. Estou a segui-la porque algo me diz para o fazer.

Quando aterrámos, saí o mais rápido que pude. Consegui vê-la ao longe. Segui-a e aos 5 homens que a acompanhavam. Como iria salvar uma mulher no meio de 5 matulões como aqueles? Era impossível. Fui mais longe. Estava cheio de energia, pois tinha dormido no avião.

Deve ser meio-dia aqui no Cairo. Está mesmo quente! Nunca se deve andar pelas ruas do Egipto à hora do almoço, é quando o sol afeta mais.

Direcionavam-se para uma paragem de autocarros. Segui-os e olhei para a tabuleta da frente do autocarro. Infelizmente, não percebi nada, estava escrito em árabe. Percorremos um longo caminho, dos lados da estrada só vi deserto, mas à frente havia sempre estrada. Foi então que parámos em frente a um sítio muito popular, pelos vistos, onde vi uma tabuleta que estava escrita em inglês e facilmente li «Tutankhamon's Tomb».

Mas o que estariam ali a fazer. A minha ideia foi tentar tirá-la das mãos dos 5 homens, no meio da confusão, e assim tentei. Consegui tocar na mão dela e ela olhou para mim. Olhou-me com os olhos bem abertos, espantada. Tentou dizer-me alguma coisa, mas não percebi. Entrei no túmulo que estava em exposição, eles entravam para a sala do tesouro. A sala tinha uma corda, o que, normalmente, indica que não podemos atravessar, e assim que eles atravessaram essa corda, as pessoas começaram a chamar os guardas, entrei na sala com eles e, de repente, uma pedra desceu, tapando a entrada. Ficaram todos a olhar para mim. Começaram a falar e não percebia nada. Acho que estavam a falar em árabe e, por esse motivo, não compreendi. Não pronunciei uma palavra. Gritavam uns com os outros, ela também não falava, mas não estava assustada, estava bastante descontraída. Assim que eles se calaram, um dos 5 homens avançou e tirou uma pistola, apontou-a à minha cabeça.

— Parem! - gritou ela. -Ele é o isco.

— Isco? – Perguntou um dos 5 homens.

— Sim. Para o caso de haver armadilhas, ele vai em frente.

Ela tinha-me mentido. E eu a fazer isto por amor! Eu afinal gostava mesmo dela, mas ela não de mim. Por isso, mentiu-me, sabendo que a iria seguir. Os olhos dela olhavam-me de forma diferente. Era tudo teatro. Como pude ser enganado assim tão facilmente?

Um dos homens deu-me um escaravelho feito de uma pedra preciosa e disse para eu a colocar num buraco com a sua forma inscrita na parede. Assim fiz, e foi revelada uma nova sala. Os lados da porta não se notavam, pois pareciam fazer parte dos hieróglifos escritos nas paredes. A porta revelou um túnel subterrâneo que não parecia ter fim. Segui em frente. Com muito medo de alguma armadilha, estava a olhar atentamente para o chão, mas era muito difícil de ver as coisas, já que não havia luz.

Andámos muito tempo. Fiquei feliz quando olhei para a frente, via luz. Havia luz, mas não parecia ser do sol. Entrámos nessa sala. Era enorme. A luz vinha de um cristal e era tão intensa que iluminava todos os cantos da sala. Eles pegaram num livro muito grande e antigo. Parecia um dos livros que ela levava consigo. Fui puxado.

— Seguiste-me?

— Sim. Parecia que tinhas sido raptada, agora vejo que estava errado!

— Eu não te pedi para me seguires. Não te metas em nada disto. Nós vamos conseguir escapar da polícia... O livro diz que há uma saída para o exterior.

— Vocês vieram roubar alguma coisa? - Perguntei eu.

— Nada de nada. Viemos pelo conhecimento. Nós somos de uma sociedade secreta formada há muito tempo atrás. O livro que o Eli tem na mão é da nossa sociedade. Pertence-nos. Viemos pelo conhecimento.

— Sobre o quê?

— Viemos para descobrir a verdade.

Num pequeno instante, a sala ficou escura e apareceu um holograma vindo do cristal. Mostrava a terra em formação. Mostrou três figuras que nunca antes tinha visto, mas sabia que dois deles eram Adão e Eva. A outra devia ser filha deles. Mostrou Adão e Eva a deixarem a filha e ela, muito triste e zangada, amaldiçoou-os. Foi então que me apercebi de quem era a rapariga. Os egípcios ofereceram uma caixa a Adão e Eva, a caixa de todos os males do mundo. A caixa de Pandora. A filha de Adão e Eva era Pandora. Nem queria acreditar no que via. O holograma acabou e o cristal focou uma luz numa das estantes. Foi lá um dos 5 homens e, por detrás de alguns livros, encontraram uma esfera.

— Eis a última peça. - exclamou ela.

Tiraram a esfera da prateleira e puxaram outro livro que serviu de alavanca para abrir a porta para o exterior. Saímos no meio do deserto. Falei com ela longe deles.

— Mentiste-me. E eu a seguir-te porque gostava de ti.

— Gostas de mim? Obrigada.

— Agora quero regressar para casa.

— Nós levamos-te até ao aeroporto. Ninguém viu as nossas caras, não sabem quem somos.

Na verdade, levaram-me até ao aeroporto, e comprei um bilhete para o mais longe possível dela. Perguntei-me se mais alguma vez a voltaria a ver noutras circunstâncias e, sabem que mais? voltei.

A salvação do planeta Terra

*Por Diana Coimbra
(14 anos, 8.º ano)*

E chegavam, vinham e iam restos de coisas, bocadinhos de materiais, materiais não identificados, esquisitos, que horror..., às vezes parecendo restos de corpos de seres de outros mundos, mundos distantes, muito diferentes do nosso. Estes materiais eram sugados por tubos grandes, largos, assustadores; era uma autêntica máquina do espaço, construída por alguém, extraterrestres, pensa-se. Não se sabe ao certo, mas devia ter uns oitenta metros de altura; quem visse aquilo ficava pasmado. Para alguns era um sonho, um sonho tornado realidade; para outros, talvez fosse um pesadelo. Sonho ou pesadelo, isto era de facto espantoso, coisa que nunca se pensava que viesse a acontecer, ainda por cima no século vinte e um.

Apesar de tudo isto, continuava a ser um episódio bastante marcante na História do mundo. Como é que podia ser possível existirem seres noutros planetas? Como foram criados? Quem lhes deu origem? Antes de isto acontecer, já se tinha descoberto água na Lua e em Marte, mas não noutros planetas; pelos vistos, os outros não tinham possíveis condições de vida; apenas a Terra, este sim, o terceiro planeta do sistema solar, está a uma «boa» e possível distância do Sol para poder existir água, vida, a espécie humana, animais, plantas (penso, e espero, que o planeta Terra nunca seja como Mercúrio e Plutão, pois podíamos morrer de calor, desidratados, à sede, ou de frio, sem um único grau de temperatura positivo).

Estes seres invadem o nosso mundo, assim sem mais nem menos, nos seus discos voadores. Ainda gostava de saber onde é que eles arranjam materiais para construírem estes objetos, máquinas voadoras, máquinas de oitenta metros. De certeza que constroem outros bem piores, nem quero imaginar. Isto vai ficando cada vez mais estranho, mas torna-se interessante.

Não percebo o que vai nas suas cabeças, o que é que eles querem? Aproveitem-se de nós, humanos, fazerem-se de amigos e planearem tudo para, quando chegar a altura certa, nos ataquem e nos matem? A espécie humana fica em vias de extinção, e depois ficam com o planeta Terra todo para eles?! Não pensem que isso vai acontecer! Se calhar, até nem era mal pensado, para dar uma boa lição a muitos humanos que andam por aí a fazer mal ao planeta, a matar animais, a pôr fogos, a fazer de tudo, mas de tudo, só para fazer mal; que pessoas ruins! Acabam por prejudicar os outros, que não têm culpa nenhuma, e a eles próprios.

Na China matam cães, gatos e outros animais, muitos que, para nós, são de estimação (matam para os comer); eu considero isto um crime. Talvez algum animal que os portugueses comam faça impressão aos chineses, mas, na minha opinião, o que na China se faz é bem pior.

Pois, não seria mal pensado dar uma boa lição a alguns humanos, mas a nossa espécie não pode ficar extinta.

Pode ser que a ideia dos extraterrestres não seja tão má assim. Com tudo isto, até me vem à cabeça que eles queiram ajudar a salvar o planeta Terra, visto que ele está muito poluído e a ser ameaçado pelo Homem. Se fosse esta a ideia dos extraterrestres, ia ser ótimo. Lá com as suas tecnologias avançadas, o planeta estaria quase sempre limpo, mas também não seria assim tão fácil, pois a nossa espécie teria de contribuir: não atirar lixo para o chão, saber reciclar, deixar de utilizar sprays, utilizar menos o transporte próprio, deixar de fumar, pois muitos destes «fumos e gases» poluentes fazem mal à atmosfera. Mas não me parece que muitos de nós ajudassem os extraterrestres. Aliás, talvez alguns humanos se aproveitassem da outra espécie.

Dia 14 de março de 2017; 08h30 da manhã.

Ouvir-se-á, pelas cidades de Portugal, nas colunas colocadas nos postes, um homem a dizer estas palavras:

— Atenção, todos os homens e mulheres desta cidade levem o mais depressa possível para casa as suas crianças e lá permaneçam com elas. A nacional aeronáutica e administração do espaço, na América¹, deu a informação de que estão a

¹ NASA

caminho de Portugal objetos voadores não identificados; está previsto chegarem por volta das dez da manhã. Peço, por favor, que toda a gente obedeça a esta ordem. Não se sabe o que poderá acontecer. Obrigado.

Toda a gente desatará aos berros; os mais idosos ficarão muito aflitos; muitos nem sequer saberão o que é um objeto voador não identificado. Pensarão que é o fim do mundo e que já não terão esperança de vida.

As lojas e os mercados fecharão todos.

Perante isto, muitas outras coisas irão acontecer.

Quando faltarem cinco minutos para as dez da manhã, já não se verá ninguém pelas ruas, a não ser carrinhas da polícia e helicópteros militares.

A certo momento, começarão a ouvir-se zumbidos, agudos e graves, talvez do ar; polícias e militares falarão por intercomunicadores, mas os militares não verão absolutamente nada; o barulho será cada vez maior, como se algo se estiver a aproximar. Seguidamente, aparecerão imensas luzes, de cores diferentes, refletidas para o chão. Serão discos voadores, enormes, e ninguém quererá acreditar. Os polícias, enervados, começarão, com armas muito fortes, a disparar, no entanto, tal não causará danos alguns.

- Bom dia! Não nos queiram fazer mal. Somos marcianos e tencionamos ajudar a salvar a Terra! – dirá alguém, com uma voz meio tremida e muito fininha.

Já não basta os discos voadores terem um tamanho inexplicável, para depois, de dentro destes, ainda sair uma máquina muito mais pavorosa e horrenda, tubos largos e grandiosos, com aspeto de um aspirador em ponto grande.

Um homem perderá a cabeça e sairá de uma das carrinhas, à espera de ser atacado pelas criaturas. Passar-lhe-á pela cabeça que, para morrer mais tarde, por algum motivo relacionado com doenças e estar a sofrer, preferiria morrer já ali.

Aperceber-se-á de que aqueles seres não lhe farão mal; então, fará sinal aos seus colegas para saírem das carrinhas.

Um deles, muito aflito, gritará:

— Francisco, sai daí, estás louco? Isto é uma armadilha.

— Eu também pensei o mesmo, mas, repara, o nosso planeta está em perigo e eles, estes «extraterrestres», querem-nos ajudar a salvá-lo.

Repararão que as criaturas estarão a guiar aquela máquina constituída por tubos e que esta estará a sugar o lixo espalhado no chão.

Seis marcianos sairão de um dos discos voadores; serão verdes, dois deles só com um olho, e o resto com mais de dois olhos. Os polícias não acreditarão no que verão. Um dos homens terá coragem, pegará num extraterrestre e tentará fazer com que os tubos o suguem, mas a máquina rejeitá-lo-á. Este tal «monstro», de oitenta metros, terá sido inventado apenas para sugar lixo.

— Não nos façam mal, porque nós também não vos queremos fazer. Só tencionamos ajudar. – explicará, triste, um extraterrestre.

A curiosidade será cada vez maior e algumas pessoas sairão de casa. Outras espreitarão das janelas. Uma senhora começará a dar bofetadas na sua própria cara e dirá para si mesma:

— Acorda, Maria, acorda, acorda, isto é um sonho! – com ar assustado, preocupado, mas, ao mesmo tempo, pasmada.

Toda a gente perceberá de imediato que os extraterrestres estarão a limpar o planeta; todos os polícias sairão das suas carrinhas e, interessados, perguntarão o que poderão fazer para ajudar; os quatro helicópteros militares aterrarão, para auxiliar também. Os seis marcianos falarão com alguns da nossa espécie e apresentar-se-ão...

— Nós viemos em paz! Viemos de Marte; alguns marcianos estão, neste momento, a limpar outras cidades. Os restantes, que trabalham connosco na empresa LAASP¹, ficaram a estudar a forma como vão construir outras máquinas de limpeza para a Terra. Noutros países ainda é noite, mas, assim que for dia, os nossos amigos que vivem em Vénus irão limpá-

¹ Limpar ajuda a salvar planetas

-los. Eles são criaturas idênticas a nós, mas é um tipo de espécie que resiste muito bem ao calor. É, por isso, que vivem tão perto do sol. E nós, muitas das vezes, fornecemos-lhes água.

Francisco achará esquisito os marcianos terem água suficiente em Marte para eles e ainda conseguirem também dá-la às outras criaturas, por isso, com um ar bastante pensativo, questionará:

— E onde arranjam toda essa água?

Um extraterrestre fêmea responderá, com algum medo e vergonha:

— Espero que não nos levem a mal, mas era aqui, à Terra, que nós vínhamos buscar água. De outra forma, a nossa espécie não sobreviveria!

— Compreendo! – exclamará Francisco. — Existe só uma coisa que me está a fazer confusão: para onde vai todo este lixo que é recolhido pelos tubos?

— Depois de sugado, o lixo é triturado e levado para Marte. Nós, lá na LAASP, fizemos uma experiência e percebemos que o lixo serve de alimento às nossas plantas.

Dia 15 de março de 2017

Algumas pessoas andarão ainda assustadas com tudo o que se passará à sua volta.

— Polícia Afonso, chegue aqui se faz favor. Nós, hoje, vamos tentar recolher o lixo que há no mar, só estamos à espera que cheguem os nossos colegas marcianos com o peixe aspirador. — dirá uma extraterrestre.

— Peixe aspirador?! Que raio de bicho é esse? — perguntará Afonso, um pouco assustado e com um ar de estranheza.

Mikitã desatar-se-á a rir:

— Ha, ha, ha, não é nenhum animal. É uma máquina grande, com a forma de um peixe, e que tem a capacidade de atrair o lixo existente no mar.

— Ah! Assim já fico mais descansado.

(...)

Os marcianos conseguirão extrair quase todo o lixo do mar. A partir deste dia, alguns humanos passarão a ter mais cuidado com o mal que fazem ao seu planeta. Os humanos passarão a ter um negócio com os seres de Marte e de Vénus; estes visitarão a Terra duas vezes por mês e ajudarão a limpá-la.

O planeta Terra irá, finalmente, ser salvo.

Lágrimas mudas

*Por Diana Dias Duarte
(14 anos, 8.º ano)*

Caminhava pesada e vagorosamente pelo chão de alcatrão já desgastado e esburacado pelo tempo e pela chuva (sim, já passaram uns bons aninhos...). Caminhava triste, sem pressas ao longo da avenida («para quê?!» pensava, «para quê correr?!»). Nenhuma em especial. Uma avenida. Apenas. Levava comigo um saco velho, sujo, encardido e usado que tirei (ou levei emprestado, se preferires...) a uma senhora, naquele dia. Era pequeno, mas útil. Estava tão sujo que se perdia o suave tom azul-turquesa com pequenos, coloridos e delicados pássaros que sorriam e chilreavam para mim nas suas vozes melodiosas. Estava tão sujo que não podia ver os grandes e majestosos gladiolos bordados com cores espantosamente leves, tão leves que transmitiam a calma e a serenidade das pétalas quando uma suave brisa quente de verão ousa incomodá-las, no seu silêncio e pacificidade quase profunda. Sempre que para lá olhava, sentia que todo o meu corpo se elevava e voava também, como os pássaros. Sempre que para lá olhava, sentia que todo o meu corpo se reduzia a partículas minúsculas que vagueavam pelo Universo ao sabor do vento cósmico (não penses que estou a ficar louca...!). Mas... voltei. As cores? Desbotaram. A pureza? Evaporou-se. Os pássaros? Fugiram. As flores? Murcharam. Voltei ao mundo real. Um mundo só e unicamente meu. Um mundo que é lixo para mim agora. Começo a soluçar. Deixo-me cair de joelhos. Não importa se estão a sangrar. Não importa se a poeira do chão penetra nos meu cabelos emaranhados. Não importa se os meus olhos de azul pálido, triste e apagado se tornam húmidos. Não importa se estou a chorar. Em silêncio. Não importa. NADA IMPORTA. Nem mesmo eu. Sentia-me só. Tão completamente sozinha. Não sabia o que fazer. Estava perdida. Isolada. A cair num poço sem fim. Sozinha. Nada mais tinha significado para mim (Também porque é que haveria de ter?! Nunca na vida o tivera!). Estava tudo acabado (Não penses que era um namoro...).

-Chega de lamúrias! – gritava em frente a um vidro partido que estava no chão e que refletia a minha horrenda imagem (verdade seja dita!). Estava cansada. Fatigada. O meu cabelo desgredado cheio de nós (que mais pareciam ninhos de andorinha); a cara sardenta desgastada; os olhos inchados e raiados de sangue; a roupa rasgada e em desalinho; as mãos, os joelhos e os tornozelos a sangrar (não penses que me cortei! Foram os espinhos...); e os sapatos cobertos de terra. Como eu. Só que era de tristeza. Tinha de me recompor. Precisava de alguém, mas não tinha ninguém. Precisava de falar, mas não tinha ninguém que me ouvisse. Só se falasse para eles. Os mortos. Hoje é noite de Natal. A minha primeira noite sozinha. Completamente SÓ. Vou-te contar o que aconteceu. Uma só vez. Não me obrigues a repetir, ouviste?!

Aqui vai:

Era agosto, logo verão. Tudo parecia correr bem. As notas: excelentes, as férias: fantásticas... até àquele dia. Em mais nenhum outro dia. Apenas naquele. Aquele violento dia quente e árido de agosto. Nunca mais me esquecerei. Dia 54 de agosto do ano 34 069. Estávamos na praia. Eu e a minha família. De repente, o céu límpido e de um azul cristalino, sem nuvens, ficou escuro. Começou a chover. Achei engraçado estar a chover. Deitei a língua de fora com prazer e senti o seu sabor. Sabia a algo amargo. Um sabor que nunca tinha degustado antes em toda a minha vida. Algo... diferente. Mas não gosto de chuva. Faz-me sentir triste. Como não aprecio chuva no verão (ao contrário de algumas pessoas que adoram), fui para debaixo do guarda-sol, virada de costas para a multidão de pessoas que se ria, divertida, com a chuva. Queria ler. Em paz.

«O SÍMBOLO PERDIDO

O segredo é saber morrer.

Desde o início dos tempos que o segredo fora sempre saber morrer.

O iniciado de trinta e quatro anos olhou.....»

Os risos cessaram.

«... para baixo, para o crânio humano que segurava na palma das mãos. O crânio era oco, como uma tigela, cheio de...»

Ouviam-se gritos em vozes quase roucas que, logo depois, se sumiam.

«... vinho cor de sangue.

Bebe-o, disse para consigo. Não tens nada a temer.

Tal como era tradição, começara esta viagem iniciática como traje de um herege medieval a ser levado...»

Subitamente... silêncio.

Sinto uma presença a meu lado. Viro-me e digo:

— Mãe? Este livro é um pouco...

Não é a minha mãe. É um cão. Mas não é um cão qualquer... (se gostas de cães, não devias ler isto... Conselho de amiga, a sério...) aquele cão... nunca mais me esquecerei... ele pedia-ME ajuda... mas eu não o conseguia ajudar... ele ganhava para mim... e eu não sabia o que fazer... o cão... «Ele tinha sido vítima de algo», concluí com celeridade. «Mas do quê?», pensava. Ele tinha o pelo a cair de uma forma invulgarmente rápida; em certas zonas do seu corpo não tinha aquela pele amarelada que eles costumam ter. Ele não tinha sequer pele. Estava a sangrar de uma maneira assustadora. Os seus olhos, raiados de sangue, diziam: «por favor, ajuda-me!», e eu fiquei a admirá-los. Por debaixo das veias que emanavam do exterior até ao interior da pupila, podia ver um ligeiro castanho cor de mel.

Fiquei a admirar aqueles bonitos olhos cor de mel. Aqueles mesmos olhos cor de mel que contavam dor, maus tratos, agonia, terror e sofrimento. «O que faço?», pensava. O cão (a quem dei o nome de Gasper) tinha uma pata partida e um coxear bastante tolo e desconjuntado. Veio para perto de mim e ladrou-me ao ouvido de uma maneira tão baixinha que, para mim, foi quase impercetível; mas penso que foi isto que ela disse, de uma maneira que me pareceu humana:

— Deixa-me ficar contigo!

Nunca percebi como é que ela me disse isto, ou como é que eu percebi, mas, repentinamente, ela desmaiou. Estava exausta. Embrulhei-a na minha toalha e fui à procura da minha mãe para lhe perguntar se podíamos ficar com Gasper. Olhei para o céu. Já tinha chovido aproximadamente durante uma hora, mas ainda havia nuvens. Olhei para a areia. Uma mulher a meus pés. Morta. Uns passos mais à frente... uma criança. Morta. Fui a correr ter com a minha família. Tapei a boca com as mãos. Sufoquei um grito. O meu pai... morto. A minha mãe... morta. O meu irmão... (solução) morto. Jaziam todos inconscientes no chão (prefiro «inconscientes» a «mortos». Espero que não te importes). Comecei num choro convulsivo. Olhei para o meu irmão. Tão pequenino e inocente e já morto. Nunca aprenderá a saborear uma tarde de céu limpo e sol. Nunca desfrutará de um gelado de morango na companhia dos amigos. Nunca terá um cão para lhe dar lambidelas na cara. Nunca terá o boneco com o nome esquisito que sempre desejou. Nunca. Olhei para a cara dele. Sorria. Estava em paz. O seu narizinho perfeito continuava arrebicado. Os seus olhos de um castanho intenso continuavam brilhantes. As suas mãos delgadas continuavam macias. Estava igual. A única e singular diferença era que o seu corpo, agora abandonado pelo seu espírito, se encontrava inanimado. Como um fantoche. O meu adorado irmão... estava assim... por causa daquela chuva. Tudo havia ruído devido àquela chuva. A Humanidade (solução) tinha desaparecido... TUDO ISTO POR CAUSA DAQUELA MALDITA CHUVA!

Pensava no sorriso que o meu irmão havia deixado para trás. Nunca me reconfortou este sorriso. Sentia-me revoltada. Afinal, tinha sido eu a culpada. Todos nós. Foram as alterações climáticas que, devido à poluição, fizeram com que aquilo acontecesse. Era a única sobrevivente.

Fui ter com Gasper. Chorava; agora mais do que nunca. Quando cheguei perto dela, deitei a minha cabeça no seu dorso. Ainda chorava. Gasper olhou para mim.

— Também vais morrer? – perguntei a Gasper, mas logo disse – És um cão. É óbvio que não me responderás.

Gasper fez uma expressão marota e deitou-me a língua de fora. Nunca descobri o que isto significara.

Viagem a Paris

Por Fabiana Sousa
(14 anos, 8.º ano)

Dia 1 de agosto de 2010: Queríamos ir a Paris, tirar umas férias que nunca ninguém teve; irresistíveis! Por isso, acordei bem cedo, logo pelas seis e, às 6h30min, fui tomar o pequeno-almoço com a minha família. Depois, vestimo-nos muito depressa, porque queríamos aproveitar ao máximo.

Seguidamente, pegámos nas malas e fomos a correr para o aeroporto, mas...quando lá chegámos, o avião já tinha partido. Por isso, tivemos de esperar que um outro avião voltasse. Às 8h, como não tínhamos nada para fazer, fomos buscar um chocolate quente a uma daquelas máquinas que estão no aeroporto, porque, naquela manhã de pleno verão, estava frio, por estranho que pareça.

O tempo foi passando; entretanto, já eram 7h58, e nós, já com a pressa, porque estávamos no outro lado do aeroporto, fomos a correr e, como ia a passar um carrinho de transportar malas, atirámo-las para o chão e depois pusemo-nos em cima daquilo. Pedimos a duas pessoas que iam a passar, que não tinham pressa (ao contrário de nós), que nos empurrassem com muita força, e nós fomos tão rápido que uma das rodas do carrinho até saltou. Como ficámos sem meio auxiliar, tivemos de ir a correr que nem doidas. Entretanto, chegámos ao pé duma senhora que trabalhava no aeroporto e perguntámos-lhe se o avião já tinha chegado; ela disse-nos que estava atrasado, e nós, já cheias de raiva, quase a mudar de cor por nunca mais entrarmos no avião, sentámo-nos, mas desta vez mesmo ao lado da pista.

Como costume levar muita tralha quando vou viajar e levo muitas coisas para me entreter, comecei a jogar às cartas com a minha prima. Entretanto, vimos uma coisa pequenina no céu, que tinha umas luzes que piscavam, quando nos apercebemos de que era o bendito avião. Muito rápido, arrumámos as cartas todas à balda dentro da mala e corremos tanto que até fomos os primeiros a chegar à fila para entrar no avião. Quando o vi por dentro, até ouvi na minha cabeça a música do ALELUIA... A seguir, pusemos as malas no sítio e sentámo-nos felicíssimas da vida com os nossos animais de estimação: a gata Pipoca, a outra gatinha de três meses, que se chamava Luz, a coelha Bianca e o outro coelhinho, o Tomás. Com isto tudo, eram 8h30, mas o mais importante é que já estávamos dentro do avião e agora podíamos desfrutar da viagem. As hospedeiras de bordo, sempre muito atenciosas, perguntaram-nos se queríamos camarões ou torradas...coisas deliciosas. Outro pormenor de que gostei foi o tamanho da casa de banho, pois era bastante grande e tinha muitos espelhos (adoro ver-me ao espelho).

A meio da viagem, tivemos de parar, porque o nosso avião fazia escala na Suíça e nós, com a azáfama de chegar a Paris, nem nos apercebemos quando fizemos o respetivo *check-in*, mas o avião partiu logo de seguida, sem grande demora.

Por acaso o tempo na Suíça estava muito melhor do que em Portugal, mas lá retomámos a viagem, na paz do Senhor. Uma das hospedeiras de bordo perguntou-nos se queríamos passar para a primeira classe, porque havia alguns bancos vazios e nós éramos muito simpáticos; achei o máximo! A hospedeira ofereceu-nos uns sumos naturais e até tivemos direito a massagens. Claro que a minha mãe adorou, pois ela anda sempre aflita das costas, coitada, é a idade! A minha prima e eu ficámos tão contentes que demos um pulo tão grande que até rebentámos com os cintos do banco do avião, mas o meu pai, como é muito jeitoso e sabe fazer tudo, lá deu um jeitinho e ficou como novo; foi um percalço sem importância ☺.

Eram 9h45 e a minha prima já dormia que nem um patinho por causa da música que eles tinham colocado, que era muito calma, e a minha mãe também adormeceu. Eu não conseguia dormir porque estava tão ansiosa que só pensava nas piscinas do hotel.

Fui à casa de banho, que se situava no fundo do avião, quando de repente visualizei uma coisinha com pelo, cauda cor-de-rosa e com umas orelhas enormes; fiquei «paralisada» durante uns 2 minutos. De repente, comecei aos gritos, completamente histérica, assustando praticamente a tripulação inteira. A hospedeira veio logo a correr, com os cabelos todos despenteados; sim, porque, com o grito que eu dei, até o piloto se assustou e o avião balançou de tal maneira que a hospedeira ficou de pernas para o ar. Com um ar pálido e a voz enfraquecida por causa da queda, lá me disse para eu não ter medo, que era

simplesmente o Jonas, o ratinho de estimação do piloto, que tinha escapado da sua gaiola, tranquilizando-me com um chocalatinho de leite. Como o susto que apanhei foi tão grande, a Julieta, a hospedeira, perguntou-me se eu queria ir entregar pessoalmente o Jonas ao piloto, ficando assim a conhecer a cabine do avião onde o piloto se situava. Claro que eu aceitei na hora, indo toda contente. Quando abrimos a porta da cabine e o piloto viu o seu Jonas, ficou radiante e agradeceu-me pelo facto de eu o ter encontrado. Com isto tudo, já faltava pouco para chegarmos a Paris. O avião estava quase a aterrar, o piloto agradeceu-me mais uma vez e, de seguida, pediu-me gentilmente para me ir sentar e colocar o cinto. De seguida, transmitiu a mensagem a todos os passageiros pelo microfone. Os meus pais ficaram um pouco preocupados com a situação vivida no interior do avião, mas tudo se normalizou e a minha prima entretanto acordou, com o espalhafato todo que fiz. De seguida, o avião aterrou em segurança. Tirando o ratinho, a viagem correu lindamente.

Depois da seca que apanhámos para termos as nossas malas de volta, fomos para a paragem dos táxis. A fila assustava com tanta gente, mas tivemos de esperar, pois infelizmente não tínhamos nenhum motorista à nossa espera, como nos filmes! Entretanto, chegou a nossa vez, pedimos ao motorista do táxi para nos abrir a bagageira, para depositar toda a nossa tralha, que não era pouca (então, a minha era imensa), quando, para nosso espanto, reparámos que a mala do carro estava repleta de medicamentos. Olhámos uns para os outros e pensámos que o homem não estava no seu juízo perfeito; pedimos gentilmente ao taxista para os retirar, pois iria ser complicado colocar os nossos pertences, com toda aquela farmácia no interior do veículo. ☺

Chegámos ao hotel (finalmente). A entrada era estupenda, com lustres de cortar a respiração. Os meus pais este ano tinham-se esmerado!

Enquanto os meus pais ficaram no balcão a tratar das papeladas, o meu irmão, eu e a minha prima fomos a correr para ver a bendita piscina que tanto desejávamos ver desde que saímos de Lisboa!

Solmias Meu

*Por Índia Nunes
(14 anos, 8.º ano)*

A tia M^a Aurélia de Castro Quintela estava, inesperadamente, a dar à luz ao seu quinto filho, José de Castro Reis Quintela, que acabara de nascer 3 semanas antes da data anunciada, no mesmo exato e preciso momento em que a pequena, que já começara a ser «grande», prima Laurinha, iniciara o seu longo e trabalhoso percurso escolar no Externato «Crianças Felizes», em que o gato da D. Olívia se esgueirava pela janela da cozinha, que, devido aos cozinhados, estava sempre aberta, quer fosse de noite ou de dia, e em que a minha professora de inglês, M^a da Glória, ia sendo atropelada na passadeira, pois, já atrasada, apenas olhava para um dos sentidos da estrada, pensando que iria poupar tempo. Eu, invadida pela exaustão matinal, tentava dormir no banco recostado da frente. Àquela hora, o sol é terrível e eu, esforçando-me por não ficar cega, tentei arranjar algo para tapar os olhos: «Casaco? Não tenho. E se puser a mão? O braço? Hmm, não é confortável. Já sei!». Agarrei no calhamaço que estava no porta-luvas e, abrindo-o numas páginas ao calhas, coloquei-o no lugar suposto. Após uma travagem abrupta (sim, porque com a deliciosa condução da minha tia, melhor era impossível), voltei a pôr no lugar o dito livro. E assim sucessivamente. Fartei-me, à milésima vez foi demais. Batendo com a cabeça no tablier estofado em pele, o livro caiu. Encostei-me sem mexer no livro, que, por si próprio, tinha ficado ao meu colo, aberto numa página com uma espécie de poema. Decidi lê-lo.

«Dor, não batas à minha porta

Fiz a fogueira

Cozi a comida

O meu homem chegará em breve do mar,

Dor, não batas à minha porta.»¹

Virei o livro para ver o título, mas, infelizmente, a capa estava numas condições demasiado beras para que o conseguisse identificar. «Eu vou ler este livro.» Embora soubesse que não devia fazê-lo, guardei-o na mochila; por outras palavras, roubei-o à minha tia. «Se eu perguntasse, ela não mo iria dar, de certeza.» Fiquei intrigada com aquele poema. Comecei a desenvolver pensamentos, suposições, e a navegar na minha mente, perdendo-me por entre o sonho e a realidade, mas sempre recostada no banco da frente. «Rápido! Estás atrasada!!!» «Hã? Diga? Ah! A escola... Adeus, tia, obrigada!» «Vá, tem um bom dia, adeus.» Sempre com aquele ar indiferente, nunca percebi porquê. A primeira hora era Área de Projeto. Já passavam quinze minutos, estava sem coragem para entrar; quando o Hélder chegou e bateu à porta, fiquei mais reconfortada. A professora até nem se chateou muito. «Pode-se saber a razão do vosso atraso? Bom, desde que não volte a acontecer, eu não marco falta, mas não se habituem, porque eu não sou sempre assim.»

Fui para casa (da minha mãe, aleluia! Odeio dormir em casa da minha tia) de autocarro. Comecei a ler o livro e pensei que, se calhar, não era tão bom quanto pensava. Tinha relatos históricos, de várias páginas, o que, para mim, é um absoluto tédio! Saltei essas partes, esperava era não perder o sentido da história.

Parou, ele parou, o coração, na semana passada. Primeiro, de alegria e, depois, de tristeza e raiva. Tudo teve lugar na sexta-feira, dia 1, por volta das três horas, quando os meus pais me disseram que fámos mudar-nos para Cascais, e quando o Hugo convidou a Mafalda para o baile, em vez de mim! Fiquei possessa. A Joana aconselhou-me a confrontá-lo, mas não tenho coragem.

Decidi batizar o livro de Solmias, apelido da família (personagem coletiva principal). O início cortou-me a respiração. Falava de uma jovem que sai de casa (desautorizada pelos pais, devido a um massacre que estava a ocorrer resultante de uma guerra

¹ KAMURAN, Solmaz, Esther, a Rainha da Terra Prometida, Cruz Quebrada, Casa das Letras, 2007, p. 367.

religiosa) para ir ter com o rapaz de quem já estava noiva, o dono do seu coração, com o objetivo de se despedir dele, dado que este iria emigrar, de modo a fugir ao massacre. Juntos no rio, sentados lado a lado, beijaram-se. Foi então que o seu irmão mais velho perdeu a cabeça. Desceu a colina a correr, ameaçou o pobre rapaz, que acabou por fugir, e, no meio daquele palavreado todo, ofendeu-a grosseiramente. Esta, invadida pela fúria, gritou: «Espero que morras! Espero que morras e que eu veja!», e fugiu. De repente, deu meia volta e começou a descer a colina, gritando algo, muito assustada, que o irmão não conseguiu perceber. Eram os Cristãos a persegui-los. O irmão mandou a irmã fugir, sem fazer barulho nenhum (acontecesse o que acontecesse), para avisar os pais que depois ele ia ter com ela. Mas esta escondeu-se e ficou a ver o irmão a ser espancado até à morte, desrespeitando as suas ordens. As palavras «Espero que morras! Espero que morras e que eu veja!» ecoavam-lhe na cabeça. Tentou fugir, mas acabou por desmaiar por entre os juncos. Sem dúvida, avassalador.

Já estava há uma eternidade à espera deles, ou, pelo menos, de um deles. Era o dia do baile. Tinha ficado combinado que os meus pais me iriam buscar à escola, por volta das 4 (hora a que eu acabava as aulas). Passaram 60 minutos, uma hora. Se lhes ligasse, iam ficar chateados, porque «não sabia esperar», como se tivesse a obrigação de esperar esse tempo todo. Se não lhes ligasse, iriam ficar chateados, pois devia ter ligado para ver se estava tudo bem e se tinha antes de vir de transportes ou assim. Iriam ficar chateados de ambas as maneiras, isso era mais que certo.

Decidi ligar à tia. Esta, muito ofendida, lá me veio buscar. «Deves pensar que eu não tenho mais que fazer que vir buscar graúdos à escola, tenho os meus e basta! Vou estar o resto da tarde fora e, quer queiras quer não, vais ficar em minha casa, sozinha!» Dito isto, comecei a sentir o telemóvel a vibrar: era a Joana a dizer que tinha ouvido um boato de que a Mafalda e o Hugo tinham discutido e que já não iam juntos ao baile. Gritei por dentro. Não podia perder aquela oportunidade.

O baile era às 7. Ainda estava em casa da tia, de banho tomado. Tinha deixado o vestido, sapatos... em casa. Precisava de lá ir o quanto antes. Já eram quase 6. Não podia contar com o transporte da tia, nem com os públicos. Não tive coragem para ligar à mãe, acabando por pedir ao pai. Após várias tentativas, atendeu. «Será possível? Ainda não percebeste que estou ocupado? Estou numa reunião importante!» ouvia-se a música da Lady Gaga, «O que queres?». Disse que queria ir ao baile, que precisava de ir a casa arranjar-me, mas mais valia ter ficado calada. «O quê?! Estás a ligar-me por causa disso? Ando eu aqui a esforçar-me para te dar tudo o que precisas e só te interessas por bailes?! Por estúpidos namoricos! Não passas de uma desprezível e... És feliz assim?!» gritou tanto que não consegui perceber. Estava a ficar farta, as ofensas nunca mais acabavam e não consegui conter-me. «Sou feliz, porque sim, também posso! Às vezes, deixas-me pensar que não me permites sê-lo, choro. Sou tristemente feliz e gosto! Orgulho-me do que sou, já não tenho medo de o admitir. Para mim, tu nada és, deixaste de o ser há muito e, quer acredites ou não, é-me difícil. Vivo o presente, mantendo o passado em memória. E ardo ferozmente ao olhar-te, pois vivo. Agora que a felicidade faz parte do meu dicionário, sou livre. Já não tenho medo de ti, nem de mim. De nada tenho medo, nem da morte.» Desligou.

Deixei de poder contar com o transporte dele. Saí de casa da minha tia, fui para a estrada principal pedir boleia. Um homem de meia idade aceitou. Entrei no carro e sentei-me no banco de trás. O silêncio e barulho do motor preenchiam o ar. Estávamos em plena autoestrada, quando ele parou o carro. Comecei a tremer, o medo dominava-me e, sem saber o que fazer, tirei o Solmias e comecei a rezar o poema. «Dor, não batas à minha porta./Fiz a fogueira/Cozi a comida/O meu homem chegará em breve do mar,/Dor, não batas à minha porta.» Se calhar, para mim, seria mais assim:

«Dor, já podes bater à minha porta

Fiz a fogueira,

Mas queimei a comida

O meu homem sumiu com o mar,

Dor, já podes bater à minha porta.»

Afinal, estava errada, ainda tinha medo, principalmente da morte. De repente, o homem saiu do carro. Apressei-me a guardar o livro. Abri a porta e saí a correr para o lado oposto do dele, para a mata. Ele não me viu, percebi. Fiquei imóvel, a tremer por entre a folhagem. Ele avançou para o meio da estrada e m...mo..morreu atropelado! Tapei a boca com as mãos e

gritei. Corri para trás do sol posto, até cair. Não tinha forças para me levantar. Fiquei de olhos abertos em direção ao sol, a murmurar: «Dor, já podes bater à minha porta. Dor, já podes bater à minha porta. Dor...», até que estes se fechassem. Não tive medo, nem orgulho, nem felicidade. Não estava certa, nem errada. Fiquei, apenas, vazia.

FIM

Junho de 2010

*Por Inês Ferreira
(14 anos, 8.º ano)*

Estava doente. Quando estou doente, fico diferente, fico negativa. Não costumo ser negativa, pelo contrário. Fico sem esperanças para o que mais quero. Fico triste com as tristezas, não penso nas minhas grandezas, pois estas vão-se embora.

E lá estava eu, sentada naquela cadeira, a escrever naquele livro, pousado naquela mesa, naquela sala que me parecia vazia depois de um solarengo dia de primavera (que me pareceu um chuvoso dia de inverno), fechada naquela casa. Desabafava com o presente e com o futuro.

A televisão também desabafava, mas, por sua vez, com os sofás. Gritando, ela parecia chamar por alguém que a fosse amparar da sua solidão, irrompendo, assim, os meus pensamentos.

Eu chorava, não sei se da doença, se por estar ausente na última semana de aulas, antes do exame de dança do segundo ano do Conservatório Nacional.

Sentia a cabeça a latejar, os olhos a lacrimejar, o coração a bombear e o acabado encalorado dia, não lá fora, mas dentro de mim.

Lamentava que uma das piores febres que já tinha tido fosse tão certa. Os meus pais nem pareciam dar por isso, como se esta fosse uma semana normal e rotineira, e eu estivesse tão bem como de costume. Acho que apenas reagiam assim para não me deixarem ainda mais nervosa, mas não estava a resultar. Os meus pais são bons atores, mas não o suficiente para eu, sua única filha, não perceber, desde logo, que eles também estavam nervosos e temiam que acontecesse o pior. Ainda assim, sentia um carinho especial pelo facto de eles se preocuparem ao ponto de tentarem, infelizmente em vão, retirar-me um peso das costas.

Não sei como as minhas colegas se sentiam com a minha ausência. Se umas estariam preocupadas com a minha futura prestação, outras, provavelmente, até estariam satisfeitas por eu ser um alvo mais fácil de abater.

Enquanto elas aproveitavam a última semana antes do exame para se porem em ordem, eu estava deitada numa cama o dia todo, a olhar pela janela e a achar que era inverno, enquanto contemplava o meu quarto e pensava que estas distrações eram uma perda de tempo, porque os meus pensamentos estavam lá.

Lá, naquele momento em que eu estaria apenas a fazer um *plié* em harmonia com as minhas colegas, mas cá dentro sentiria que estava a fazer um solo e me riria de satisfação ao observar as caras de espanto do júri... Mas esses pensamentos eram-me interrompidos pela chegada da minha mãe, o telemóvel a tocar, ou até mesmo um raio de sol que me penetrava nos olhos para além daquilo que esperava.

E, finalmente, o momento chegou!

A seguir ao fim de semana, ainda consegui ter dois dias de preparação física. A professora também se revelava ligeiramente nervosa em relação à minha prestação. O exame seria numa quarta-feira.

Acabado o almoço, eu e as minhas colegas dirigimo-nos ao estúdio 7 para nos prepararmos antecipadamente. Já se viam alguns familiares lá fora, à espera do grande momento dos seus filhos, sobrinhos, primos...

Estávamos muito caladas, como se não estivéssemos presentes mentalmente. Eu estranhava as reações das minhas colegas, que sempre foram muito nervosas. Aquecemos com a ajuda da professora, que estava, aparentemente, muito calma, mas nós sabíamos que era para nos tranquilizar.

Finalmente, começaram a entrar os - nossos conhecidos - espetadores. Os nervos aumentavam. Depois da verificação de pontas, de penteados, de muitos «parte uma perna», começavam a fazer a chamada. Eu era a segunda da lista a seguir à Andreia.

Entrei. Por momentos, percorri a plateia, tantos olhares expectantes, famintos de dança, era isso que eles pretendiam. A Carlota e a Mariana também lá estavam, não fariam o exame, sairiam, com grande pena minha. Mãe, pai, irmã, cunhado, primos, tias...mas os meus primos e as minhas tias não vinham!...

«Inês Silvério», uma voz enunciou a terceira rapariga. Rapidamente, todas estávamos preparadas para iniciar o exame. A música começou e nós fizemos a *révérence*. Era agora, agora era só comigo, nem professora, nem pai, nem mãe, nem irmã, nem ninguém me podia ajudar, estava por minha conta. À medida que o tempo ia passando, eu sentia-me cada vez melhor, era aquilo que eu mais gostava de fazer, era a minha casa, o meu lar, o meu paraíso! Tudo passou muito rápido, até que chegámos à *Grande Valsa* em conjunto. A *Grande Valsa* era o momento pelo qual mais ansiava, o momento em que eu sabia que todos olhariam para mim, a *Grande Valsa* era o que eu sabia fazer melhor, e todos veriam isso.

Tínhamos uma pausa entre o centro e as pontas. Enquanto calçávamos as pontas, havia um «Enganei-me nos *battements tendus!*» ou «O júri não parava de olhar para mim!». Mas eu permanecia calada, a concentração que tinha adquirido não me escaparia assim tão facilmente. A professora veio ter connosco para verificar se estávamos todas bem. Entrámos para as pontas.

As pontas era a parte, para mim, menos agradável, mas eu tinha que a realizar com tanto ou mais empenho do que os outros exercícios, visto ser a parte em que tinha mais dificuldades. O que me valia era os exercícios serem pequenos. No final desta parte, também tínhamos uma pequena dança (um estorvo, na minha opinião), mas até correu bem...

Acabou! Veio-me uma vontade emocionante de empurrar as minhas colegas, naquele preciso momento, e começar a dançar, só eu. No agradecimento, eu sorria sempre, numa tentativa desesperada de demonstrar alegria por toda aquela gente lá ter ido. Quase chorava, cada jurado aplaudia à sua maneira, os pais levantavam-se, alguns até choravam, era estranho como um acontecimento tão básico na dança clássica podia criar tanta emoção vinda das pessoas menos imagináveis. Muitos aplausos, mas um barulho seco abafou-os. Tudo se calou, só se ouvia a Renata a chorar, que logo se atirou ao chão. Toda a gente olhou para ela, mas ninguém a acudiu, eu queria, mas não conseguia sair do meu lugar, porém....a Joana, a Katarina e a Maria Rebelo começaram a correr à volta do estúdio, a rirem-se que nem umas histéricas, e a Maria Madeira sentou-se em cima de uma barra, com um sorriso complacente a pairar na sua morena face, olhando para elas. Não, algo devia estar errado. De repente, alguém me puxou o braço: «Ajuda-a!», gritou Inês, apontando para a Renata. «É o teu dever, como delegada de turma!», exclamou a Andreia. «Não, a Inês é que é...» disse eu, com uma voz vaga. Todo o público fixou os olhos na minha direção. Olhei logo para minha mãe, em busca de apoio maternal, estava completamente confusa! Ela, do nada, começou a chorar, sempre olhando para mim, parecia que chovia só na cara dela, soluçava sem fim, notava um desespero na sua cara, como se eu fosse morrer ali, naquele instante, e ela não pudesse fazer nada... «MÃE!!», gritei, com todo o ar que tinha nos pulmões. «Filha, tem calma, está tudo bem! Eu estou aqui, foi só um pesadelo!»

Um dia muito, muito estranho

***Por Iolanda Almeida
(14 anos, 8.º ano)***

No dia vinte e oito de setembro, eram mais ou menos sete da manhã, e a minha mãe veio acordar-nos, a mim e ao meu irmão Guilherme, dando-nos um beijinho de bons dias.

— Meninos, toca a acordar, está na hora de ir para a escola, acordem!

— Mãe, só mais um bocadinho... – disse o meu irmão, ainda com a voz meio roca, enquanto a mãe ia para a cozinha, preparar o pequeno-almoço.

— Nem mas, nem meio mas, Guilherme, toca a levantar, senão chegas atrasado à escola.

É claro que o meu irmão se levantou logo, porém, tenho a certeza absoluta de que não foi por estar atrasado, mas sim pelo cheirinho que vinha da cozinha (era a mãe que estava a fazer o pequeno-almoço, bacon com umas torradas).

De seguida, a nossa mãe foi levar-nos à escola. Quando lá chegámos, estavam todos a comentar sobre uns roubos quaisquer que tinha havido este fim de semana. Eu e o Guilherme estávamos à toa, pois não tínhamos ouvido falar de nada.

— Rita, o que é que se está a passar? – fui logo ter com ela, para ver de que roubo é que andavam todos a falar.

A Rita não me respondeu, tendo-se limitado a apontar para um cartaz enorme que estava à entrada da escola, a dizer: «Encarregados de Educação, pedimos desculpa pelo incómodo, mas, a partir de amanhã, o ringue de patinagem vai estar fechado durante algum tempo, devido a um roubo; hoje vai ser a última aula. Obrigado pela sua compreensão.».

— Então, e agora, onde é que vamos ter as aulas? Nós temos um campeonato daqui a três semanas... - disse eu, com um ar mesmo assustado.

— Pois, mas que é estranho, é, pois nós não temos nada de valioso no ringue de patinagem – disse a Rita, ainda a matutar no que teria acontecido.

De repente, entrou na escola um homem alto, magrinho, com um bigode gigantesco, dizendo que era um detetive e que queria falar com o Diretor da escola. A funcionária foi ter com o Diretor, a perguntar se o detetive podia entrar: obviamente que disse que sim.

— Muito bom dia, eu sou o Doutor João Luís Gomes e sou o detetive que vai investigar o caso do ringue de patinagem.

— Bom dia, seja muito bem-vindo.

Depois de uma longa conversa, o Diretor da escola levou o Dr. Gomes ao ringue de patinagem, pois queria fazer algumas questões às alunas. O Diretor e o Dr. Gomes entraram no edifício do ringue de patinagem. Até no vestíbulo se ouvia a música que tocava em alto volume. Na sala principal, onde os patinadores andavam às voltas, era muito difícil manter uma conversa por causa da música barulhenta. O Diretor aproximou-se do detetive e fez-lhe sinal para que este o seguisse por uma porta próxima que dizia «ESCRITÓRIO». Quando entraram e fecharam a porta, a música deixou de se ouvir e puderam conversar.

Havia dois homens sentados no escritório. Um deles segurava um saco de gelo junto à cabeça.

— Mandei isolar esta sala para não ouvir a música barulhenta de que os adolescentes tanto gostam. O problema é que fomos assaltados. Eu acabei de chegar, portanto, vou deixar que os meus colegas, o António e o Mário, lhe contem o que aconteceu. Tu primeiro, Mário.

Aquele que tinha um saco de gelo falou:

— Eu estava aqui dentro a contar o dinheiro. Estava com as costas viradas para a porta e alguém veio por trás e bateu-me na cabeça. Quando recuperei os sentidos, o dinheiro tinha desaparecido.

— O que pode contar-nos? – perguntou o Dr. Gomes, virando-se para o António.

— Eu estava na sala principal a ver os patinadores. Ouvi um estrondo vindo do escritório e virei-me mesmo a tempo de ver um homem alto esgueirar-se para fora do escritório e sair a correr do edifício. Entrei aqui e vi que o Mário estava inconsciente. Acordei-o e chamei a polícia.

— E onde escondeu o dinheiro com tanta rapidez, António? – perguntou o Dr. Gomes.

Eu e a Rita estivemos a ouvir a conversa toda e não conseguimos perceber porque é que o Dr. Gomes estava a acusar o António de ter roubado o dinheiro.

Fomos para o recreio e começámos a comentar o que tínhamos visto, até que o Dr. Gomes nos ouviu a falar daquele assunto, e, nesse momento, eu estava a perguntar à Rita porque é que ele suspeitava do Sr. António, não que ele não tenha um ar de ladrão. Até que o Dr. Gomes nos disse baixinho:

— O Sr. António disse que tinha ouvido um ruído vindo do escritório à prova de som, quando estava na sala principal, com a música barulhenta.

Eu e a Rita ficámos esclarecidíssimas, mas eu só não percebia porque é que o Dr. Gomes nos tinha dito só a nós. A Rita disse logo que era por nós sermos bonitas e muito simpáticas, mas isso são aquelas coisas palermas que a Rita às vezes diz.

Bem, aquele dia foi muito estranho ...

Depois das aulas, a minha mãe foi novamente buscar-me, a mim e ao meu irmão; é obvio que eu comecei logo a tagarelar com a minha mãe a falar sobre o que se tinha passado hoje na escola.

Quando chegámos a casa, o Guilherme foi tomar banho, enquanto eu e a minha mãe continuámos a falar sobre o que se tinha passado na escola. Quando acabámos, vimos as horas e já eram um quarto para as nove...

— Oh mãe e Inês, parem de conversar, tenho fome, oh mãe...

A minha mãe foi logo fazer umas omeletas com salsicha e arroz (o meu prato favorito). Enquanto a minha mãe estava a fazer o jantar, eu fui tomar banho num instante.

— Meninos, o jantar já está pronto, venham para a mesa! – disse a minha mãe, a gritar, pois o meu irmão estava a ver televisão e, quando ele gosta de um programa, põe a televisão aos altos berros.

Jantámos e, de seguida, a minha mãe foi dar-nos um beijinho de boa noite.

O Lado mais Negro

Por Íris Pereira
(14 anos, 8.º ano)

Glossário

Impérios da Água, Terra, Fogo e Ar – Grandes regiões ocupadas por imperadores e pelos seus povos, que controlam cada um dos quatro elementos. Neste mundo imaginário, as personagens são gatos que caminham em duas pernas, como os humanos. Cada império tem uma espécie diferente de criatura, que é usada como modo de locomoção. No *Império da Água* montam os dragões azuis cuspidores de fogo gélido e chamas frias. No *Império do Fogo* são usados leões alados, cujas tonalidades podem variar de vermelhos a roxos. O *Império do Ar* controla uma espécie de grifos, com asas de morcegos e caudas com penas de Fénix, e o *Império da Terra* utiliza rinocerontes, cor de vinho, com lianas presas aos chifres.

Scorpio, Pisces e Câncer – São todos meios-irmãos, filhos do mesmo imperador, do *Império da Água*. *Scorpio* é um gato negro, de olhos de cor índigo. Veste uma capa e um chapéu de cavaleiro negros. Tem como arma um chicote, com um ferrão de escorpião na ponta, que envenena os inimigos. É o herdeiro legítimo do Império da Água; *Pisces* é uma gata branca, com riscas azuis prateadas e olhos que refletem todas as cores do arco-íris, e usa um lenço azul-marinho. Tem como arma um Tridente; *Câncer* é um gato laranja ténue, de olhos verdes esmeralda, que veste uma capa vermelha com plumas. Tem como arma um boomerang com a forma de um caranguejo, que lança aos seus adversários, atingindo-os.

Taurus, Capricornius e Virgo – São todos irmãos e todos herdeiros legítimos do trono do *Império da Terra*. *Taurus* é uma gata castanha escura, quase preta, com olhos verdes flamejantes e cornos de touro na frente. Tem como arma uma foice cortante, a chamada Foice-Tauriana; *Capricornius* é um gato castanho, com manchas azuis nas patas, olhos azuis esverdeados e dois cornos no topo da cabeça, muito longos e retos. Tem como arma umas extensões de ferro, mais afiadas e perfuradoras, dos seus dois cornos; *Virgo* é uma gata verde clara com olhos azuis, cujas vestes, verde-escuro, são usadas como uma deusa grega. Tem como arma um cetro que provoca violentos terremotos.

Áries, Sagittarius e Leo – São todos meios-irmãos, filhos do antigo imperador do *Império do Fogo*. *Áries* é um gato vermelho acastanhado, gigantesco, com olhos amarelos mostarda, e cornos grossos e enrolados como os de um carneiro. Tem como arma uma espada flamejante. É o novo imperador do Império do Fogo; *Sagittarius* é um gato amarelo claro, com olhos verdes pálidos, quase cinzentos. Tem como arma um arco e uma flecha com a forma de uma chama ardente; *Leo* é uma gata cor de mostarda, com olhos âmbar. Tem como arma umas luvas com garras de ferro muito afiadas.

Aquarius, Libra e Gemini – São todos irmãos, filhos do antigo imperador do *Império do Ar*. *Aquarius* é um gato prateado, com olhos azuis-escuros frios. Tem como arma um cálice de vento, que forma tempestades horrendas. É o novo imperador do Império do Ar; *Libra* é uma gata branca e preta, com olhos lilases, e tem como arma uma nuvem de ar, que a acompanha sempre; *Gemini* é um gato azul-escuro, com olhos dourados. Tem como arma um Escudo-Máscara.

Floresta de Prata – Uma grande floresta, cujas folhas dos arbustos e das árvores são todas prateadas e enchem os vastos territórios dos quatro impérios.

Grande Árvore Celestial – Um gigantesco carvalho branco, de folhas prateadas à noite, douradas durante o dia e vermelhas ao pôr do sol. Fica situada no meio da fronteira entre os quatro grandes territórios dos impérios, numa planície de ninguém, em território neutro. Os espíritos dos gatos mortos vivem nesta *Grande Árvore*, que é profundamente venerada por todos.

O Lado mais Negro

Prólogo

O corpo jazia agora no chão, frio e banhado de sangue, junto da Grande Árvore Celestial, enquanto as estrelas deixavam de brilhar com a luz madrugadora do nascer do sol. A lua era já só um mero risco azul prateado no horizonte manchado do sangue de criaturas mortas. O vulto negro, que vestia uma capa e um chapéu de cavaleiro, fixava atentamente a sua vítima, envenenada, com olhos semicerrados. Não tremeu quando uma jorrada de vento se abateu contra ele, nem se moveu enquanto o sangue escarlate humedecia as pontas da sua capa. Nada. Quando o sol finalmente se levantou sobre a névoa, o índigo límpido dos seus olhos escureceu e duas finas linhas de azul claro cristalino escorreram pelo seu rosto manchado de sangue, caindo sobre o corpo imóvel e morto do seu adversário. Os olhos amarelo mostarda deste ainda ardiam de ódio puro, porém, igualmente carregados de terror genuíno. A sua espada jazia além, um pedaço de ferro sem chama.

Nunca um nascer do sol havia sido tão obscuro...

A lua subia no horizonte. Por todo o lado se ouviam miados profundos e tristes de criaturas felinas que se movimentavam em pé. Um gato negro, com uma capa e um chapéu de cavaleiro, caminhava em direção a um corpo imóvel que se encontrava num caixão decorado com pedras preciosas. — Meu pai, eu vingarei a tua morte. — disse, num murmúrio cheio de coragem.

Uma gata branca, com riscas azuis prateadas e com olhos pálidos que refletiam as cores do arco-íris, aproximou-se do gato preto e, olhando-o nos seus olhos índigos, disse-lhe: — Eu sei que foi um choque encontrá-lo morto na Floresta de Prata, porém, acredito que ninguém o terá assassinado. Talvez o nosso pai tenha pensado que era melhor juntar-se aos nossos antepassados na Grande Árvore Celestial e o tenha feito de sua própria vontade... Talvez os outros impérios nada tenham que ver com isto.

— És sempre tão ingénuo, irmã. Achas mesmo que ele faria uma coisa dessas? Ele sabia que eu ainda não tinha idade para ser imperador. Não faz sentido! —, disse, perturbado, o gato preto como breu. — Não, ele não faria tal coisa, irmã. Não viste a espada estrangeira espetada no seu peito, quando o encontrámos naquele dia fatídico? O lenço azul-marinho que se prendia no pescoço da gata branca esvoaçava com a brisa suave do crepúsculo e o Tapetum Lucidum¹ dos olhos dela ardia agora ferozmente, enquanto num miado dizia: — Então, se foi alguém que matou o imperador, quem achas que terá sido, Scorpio? Hem, irmão, quem foi, então? Sabes? A voz dela tremia de fúria e desespero. Scorpio estava prestes a responder-lhe, quando um gato laranja ténue, vestindo uma capa vermelha com plumas brancas ao pescoço, surgiu: — Parem de discutir, irmãos! —, disse e, virando-se para a gata branca, miou: — Pisces, eu sei que queres acreditar que o nosso pai, imperador do Império da Água, não foi assassinado, mas todos sabemos que foi. A sua voz soava profunda.

— Sabes, então, quem o matou, Câncer? Porque, sendo assim, eu também sei quem foi. Aliás, todos nós o sabemos ... — miou Pisces. Os três irmãos entreolharam-se, e os olhos verdes esmeralda de Câncer brilharam, ao proferir as suas palavras: — Foi Áries, o imperador do Império do Fogo...

Do outro lado da Floresta de Prata, passando pela Grande Árvore Celestial, podia-se vislumbrar, ao longe, o Império da Terra. Este estava igualmente com dificuldades, pois o imperador também havia sido assassinado e os três filhos, agora os sucessores, lutavam entre si pelo poder e pelo título. — Mas nunca uma gata foi imperadora, Taurus! Isso é contra as regras

¹ Membrana posicionada dentro do globo ocular de certos animais vertebrados, incluindo os gatos, capaz de refletir a luz que entra nos olhos. Essa camada de células reflexivas é a responsável pelo brilho dos olhos desses animais quando refletidos na luz durante a noite.

dos nossos antepassados! Não o podes fazer — argumentava um gato castanho, com manchas azuis nas patas. Tinha dois cornos no topo da cabeça, muito longos e retos, e os seus olhos azuis esverdeados faiscavam. — Bom, sendo assim, Capricornius, eu vou alterar essa regra! — miou Taurus, num tom dramático e um pouco rígido.

Capricornius ia responder à sua irmã, quando a outra gata presente, de olhos azuis, trajando à grega com um pano verde-escuro, miou: — Parem com esse problema de sucessão! Taurus, minha adorada irmã, não vês que não podemos mudar as regras que os nossos antepassados ditaram? Eu, Virgo, digo que Capricornius será o nosso imperador. — acabou, num tom firme. Taurus suspirou, rolando os olhos. Mas para si própria, pensou: «Quem será que assassinou o nosso pai, o imperador do Império da Terra...?»

— Leo, minha irmã, chama Sagittarius. Precisamos de ter uma conversa séria. — miou um gato vermelho acastanhado, enorme, provido de um par de cornos, enrolados como os de um carneiro. Os seus potentes olhos amarelos mostarda resplandeceram ao ver o vulto do seu irmão surgir às portas do Império do Fogo. — Áries, meu irmão e todopoderoso imperador, diz-me porque me chamaste. — miou Sagittarius, num tom que deixava escapar um pouco de escárnio, enquanto que, numa vénia exagerada, o cumprimentava. Os seus olhos verdes acinzentados transpareciam faíscas de inveja pelo seu irmão. — Os habitantes dos outros três impérios estão a aperceber-se de que o Império do Fogo está envolvido nos assassinatos dos seus imperadores, no Império da Terra e no Império da Água. — miou, rapidamente, em vez de Áries, a bela gata Leo. Áries continuou: — Sim, e agora só nos falta o Império do Ar. Agora que temos dois impérios enfraquecidos, vai ser muito mais fácil dominá-los. Mas, se o Império do Ar souber do nosso plano...! Bom, certifica-te de que ninguém se atreve a informar o Império do Ar sobre estes assassinatos, Sagittarius. Leva as tuas tropas e patrulha o território em volta do seu império. Avisa-me, se houver algum problema. — ordenou Áries num tom ríspido e mordaz.

Entretanto, no Império da Água, Scorpio, juntamente com Pisces, montava o seu dragão azul-turquesa, Aqqua, para avisar o Império do Ar destes assassinatos. O dragão levantou voo e, como um trovão, rasgou os céus já tardios do horizonte, sobrevoando a densa Floresta de Prata e a Grande Árvore Celestial. E, finalmente, depois de muito rodopiarem entre as correntes de vento, alcançaram o Império do Ar, uma ilha flutuante no céu imenso. — O que vos trás por cá? — inquiriu o imperador Aquarius. Logo Scorpio anunciou o terrível destino dos dois imperadores agora falecidos, e Libra e Gemini apressaram-se a espalhar a notícia pelos guardas, para que protegessem o imperador Aquarius. Seguidamente, Pisces e Scorpio foram dispensados.

Quando o sol já se punha e a luz fogueira do pôr do sol começou a surgir, a sombra de Aqqua e dos dois gatos apareceu por entre os ramos e as folhas vermelhas da Grande Árvore Celestial. Subitamente, leões alados, vindos do Império do Fogo, surgiram bruscamente por entre a folhagem prateada do solo, atacando-os. Entre eles, montado num monstruoso leão púrpura, estava Sagittarius, que lançava as suas flechas incandescentes contra Scorpio. Este atirou-se do dragão para cima dos ramos da Árvore e tirou do seu cinto um chicote com a forma de uma cauda de escorpião. A sua capa negra esvoaçava, enquanto chicoteava os seus oponentes, e, com o espigão na ponta do chicote, envenenava-os. Enquanto lutava numa série de saltos precisos e coordenados por entre os ramos da Árvore, exclamou para Pisces: — Vai até aos outros impérios e pede ajuda!

Após largos instantes, no horizonte escarlate do pôr do sol, Scorpio avistou várias silhuetas de dragões que chegavam em seu auxílio. Por cima dele a sombra épica de Aqqua surgiu, lançando chamas frias sobre os soldados do Império do Fogo. Pelo canto dos seus olhos índigos, Scorpio avistou Áries e pensou: «Provavelmente uma patrulha de Áries avistou-nos a alertar o Império do Ar e queria matar-nos por termos estragado os seus planos.». Sem perder mais tempo, lançou-se no ar, num salto longo e silencioso. — Vou matar-te, Áries, por tudo o que fizeste ao meu pai, e para acabar com os teus planos de dominar todos os impérios! Foi então que o vulto de Áries surgiu, vindo dos mais elevados troncos da Árvore. Trazia uma espada

flamejante na mão e saltou de cabeça para cima de Scorpio, mas este foi mais rápido e chicoteou-o contra o colossal tronco da Árvore. Atordoado, Áries caiu no chão da floresta, mas imediatamente se levantou e tomou posse da sua espada novamente, tentando atingir Scorpio. Contudo, este utilizava sempre o seu chicote como defesa...

No céu já estrelado, sombras na noite apareceram de ambos os lados. Eram os Impérios do Ar e da Terra, em auxílio ao Império da Água. Na batalha ouvia-se um misto de ensurdecedores guinchos de grifos e grunhidos de rinocerontes, roncões de dragões e rugidos de leões. Pelo canto dos seus olhos, Scorpio avistou Pisces, Virgo e Libra, enquanto estas tentavam esquivar-se das flechas flamejantes de Sagittarius. Virgo lançava pedregulhos com o seu cetro de terramotos contra Sagittarius, enquanto Pisces criava, com o seu Tridente, ondas maciças de água, e Libra, com a sua nuvem, furacões imensos. Do outro lado de Scorpio, Câncer lançava o seu Boomerang-Caranguejo contra Leo, mas esta protegia-se dos ataques com as suas garras de ferro. Mais ao longe, Gemini, Taurus e Aquarius guerreavam contra uma legião de leões enfurecidos. A batalha seria longa...

E, quando a lua já caía sobre o horizonte, e milhares de gatos e bestas jaziam no chão, Scorpio e Áries continuavam, extenuados, a sua luta de morte. As feridas de ambos já ardiavam pavorosamente e o sangue de Áries invadia a face negra de Scorpio. Por fim, num golpe de surpresa, Áries atirou contra o chão, já coberto de criaturas mortas, Scorpio. Assentando bem perto a sua espada afiada, Áries, já exausto, vociferou, numa voz rouca e fraca: — Estás acabado...! Mas Scorpio, num gesto rápido, arrancou a espada de Áries e atirou-a para longe. E, puxando do seu chicote, espetou o espigão no pescoço de Áries. Este, tentando respirar, abateu-se no chão gélido da noite e a sua vida foi sugada pelo ferrão venenoso do escorpião...

...o corpo de Áries jazia agora no chão, frio e banhado de sangue, junto da Grande Árvore Celestial...

Improvisos de palavras nuas. O frio.

*Por Katarina Dias
(14 anos, 8.º ano)*

A rapariga sentou-se no velho chão de madeira. Fitou aquilo que estava para lá do vidro embaciado da janela. Pequenas luzes tremeluzentes tentavam brilhar sobre o imenso nevoeiro deste inverno. Em vão. Eram apenas pequenos focos apagados de luz, pensou. Ao seu lado, jazia um par de sapatilhas de pontas imensamente gasto. Não lhes prestou o mínimo de atenção. Limitou-se a continuar a observar o espetáculo de luzes, que tentava, a todo o custo, sobressair sobre o manto branco de inverno. Focava e desfocava o olhar, tentando distrair-se. Em breve, deixou que a sua mente divagasse e fosse até onde o seu corpo não podia ir. Fechou os olhos e deitou-se de barriga para cima, sentindo o frio da madeira inundar as suas costas.

O seu pensamento voava por entre as páginas da sua mente. Conseguia sentir o cansaço a contagiar cada célula do seu corpo. A certa altura, apenas o seu pensamento permanecia desperto. Via episódios da sua vida, pequenas frações de segundo, momentos, instantes, a percorrerem a sua alma como se, de repente, a sua cabeça fosse uma banda desenhada. O seu corpo estava ali, deitado sobre o chão cansado do quarto, mas a sua alma estava num palco. Esperava, ansiosa, pela subida do pesado pano vermelho que a fitava, ameaçador. Quando este subiu, ela sentiu. Sentiu a força dos homens que o puxavam. Sentiu o cheiro do pó. Sentiu as expressões do público faminto. Sentiu o choro de um bebé que a mãe tentava, a todo o custo, calar, nas últimas filas. Sentiu um novo sentimento inundá-la. Não se tratava de alegria ou, até, de medo. Era algo muito diferente. Muito superior. Algo que não conseguia descrever. Mais depressa do que julgava ser possível, o seu pensamento levou-a para debaixo de milhões de gotas de chuva. Conseguia saborear cada gota que batia, inevitavelmente, no seu rosto. Conseguia saborear toda e mais alguma que corria pelos fios do seu cabelo. Conseguia saborear a sensação que a preenchia. Mas não a conseguia dizer. Subitamente, as suas mãos tocavam num piano. Pareciam ter vida própria, como se cada tecla do piano fosse o centro da gravidade, correspondente a cada dedo. Como se, de algum modo, já não controlasse os seus dedos que teimavam em serpentear cada som proveniente do velho instrumento. A rapariga, literalmente, vivia cada nota. Vivia cada sopro de música. Vivia o bater do seu pé no pedal do piano que tocava. Vivia aquilo que sentia e que não era capaz de narrar. Quando a melodia que as suas mãos tocavam cessou, ela viu-se com um livro, que lia, no colo. Cada palavra que cobria as páginas do livro era uma nova história. Tanto se podia dizer sobre os significados das declarações e insinuações das personagens que viviam nas páginas daquele ensinamento! Ao virar as páginas do livro, com as suas magras mãos, a rapariga respirava. Respirava o som das folhas gastas e revoltadas. Respirava o som das palavras que se tentavam libertar, ao serem trocadas por outras, que outros e novos acontecimentos narravam. Respirava aquela sensação inenunciável de enunciar.

A sua mente decidiu, por fim, deixar que a rapariga despertasse o seu corpo. Esta abriu, aos poucos, e a medo, os olhos. Não tinha a certeza de onde se encontrava, ao ver um teto branco que a assombrava. Ergueu-se sobre os cotovelos e apercebeu-se de que estava, de novo, no quarto. As sapatilhas permaneciam, ainda, a seu lado, e as luzes dos prédios em frente continuavam a lutar para serem vistas, apesar do nevoeiro. A rapariga conseguia ouvir as buzinas dos carros que estavam presos no tráfego habitual das dezanove horas, em Lisboa, bem como a televisão, que não fora desligada, no outro andar da casa. Deteve-se sobre a imagem do seu sonho. Lembrou-se da sensação que a havia invadido, há momentos, ao pensar naqueles fragmentos da sua vida. Não tinha conseguido encontrar uma palavra ou expressão que a descrevesse, de algum modo. Era um entusiasmo profundo. Era um gosto por... Era um sentimento de realização. Mais do que isso. Paixão.

Paixão. Era essa a palavra que verbalizava, o mais possível, aquilo que sentia quando pisava um palco e via o pano subir, mesmo à sua frente, quando saboreava as gotas de chuva, ao baterem contra o seu rosto, quando vivia as notas tocadas por si, no piano, e quando respirava o folhear das páginas de um livro. Paixão.

Tão vulgarmente chamada de busca da perfeição. *Não, não é a busca da perfeição. Perfeição. Palavra consumida pelo desejo de se ser. Ser perfeito. Qual ser imperfeito que procura a perfeição. Esse tão grande vazio. Buraco inundado pela escuridão do infinito. Possível ser-se perfeito? Ainda que a definição desta tão consumida e gasta palavra seja uma mentira?*

Não. Não posso crer. Não consigo sequer acreditar que alguém possa ser completo. Não consigo supor que alguém possa ser feliz ao dizer-se perfeito. Sem defeitos físicos ou morais, mas, ainda mais grave, sem vontade de os ter. Ter tudo o que lhe pertence ter, quando há alguém com necessidades, e, ainda assim, não sentir pena ou compaixão, mas, sim, orgulho pela sua desumana perfeição. Não é concebível. Como pode a perfeição ser perfeita quando lhe está associada a inveja, o orgulho, a impiedade, o desejo que obriga a passar por cima do outro? Como pode a perfeição servir de modelo, quando todos somos diferentes e únicos? Como pode a perfeição ser um exemplo a seguir, quando devíamos, na verdade, limitarmo-nos a ser nós próprios, com defeitos e qualidades naturais de cada um? Não!, pensou, *Paixão não é a busca da perfeição! Paixão não é querer ser, de todos, o melhor, mas, sim, dar o nosso melhor.* A rapariga sentou-se. Sim. Sabia-o. Aquilo que sentia não era um sentimento que incentivava, de qualquer modo, a busca da perfeição. A *paixão* que ela sentia era uma chama. Podia ser abalada. O vento podia querer apagá-la. Mas uma coisa era certa, e a rapariga compreendia-o: Quando uma chama é intensa e profunda, o vento apenas a torna maior. No entanto, se, pelo contrário, a chama é pequena, escassa e carente, o vento apaga-a, com a sua força e inveja. O calor desvanece-se e o frio apodera-se da nossa alma.

A rapariga olhou para as pontas fartas e estremeceu.

Está frio, pensou. (Foi, portanto, arrumar as sapatilhas).

Estas são as palavras, por fim, nuas, que um dia estiveram na sombra de uma vida.

(*Está frio. Acho que me esqueci de enrolar as fitas das sapatilhas. Tenho frio.*)

Naquele abraço sem fim

*Por Maria Beatriz Viana
(14 anos, 8.º ano)*

No mar acontece tudo.

Foi aí que me lembrei de olhar para o fundo do mar e percebi que não era uma ilusão. Era a realidade.

No mar, encontramos-nos uns aos outros.

Naquele dia sentia-me estranha e dei por mim a correr mais depressa do que alguma vez imaginei. Sentia que faltava um espaço no meu coração. Um pequeno, mas importante espaço. Tão importante como o ar que respiramos ou a água que bebemos, um espaço no meu coração realmente importante.

Eu só pensava «Vou fugir para bem longe, onde ninguém me vai encontrar!». Eu só queria chegar à praia, sentar-me na areia seca e chorar. E isso realmente aconteceu, mas sem qualquer motivo específico. Sentia-me preparada para algo que nunca tinha vivido na minha pequena vida, mas o que seria?

Pensei que tivesse falecido alguém, mas no segundo seguinte achei ridículo tal pensamento.

Eu não tinha motivo nenhum para tal desespero! NÃO TINHA! Mas que era verdade que o estava a sentir, era!

Chorei durante horas a fio. Não estava ninguém na praia. Não vi ninguém. Não havia uma única pessoa. Nem uma. Nem um amigo. Nem um amigo!

Eu sentia-me sozinha. Perdida. Vazia. Deixada por tudo e por todos. Esquecida. Não me sentia bem. Nada bem.

EU NEM SEQUER ME SENTIA.

EU NÃO ESTAVA EM MIM.

ESTAVA PERDIDA EM PENSAMENTOS HORRÍVEIS. ESTAVA ALI NA PRAIA, EM FRENTE AO MAR, O ÚNICO AMIGO NAQUELE MOMENTO.

Deixei-me cair. Fiquei deitada na areia.

Começou a chover. Chovia mesmo muito. Eu estava toda molhada, mas nem mesmo isso me podia afetar. Nada nem ninguém, naquele momento, me podia afetar. Aquele som do mar a ir e a vir tranquilizava-me, muito mais do que qualquer outra coisa.

Lembrei-me de um poema que escrevi em miúda:

«Estavas todo vermelho!

Estás todo vermelho!

Uma carta é diferente de um olhar...

Eu sei, tu sabes, ele sabe, nós sabemos, vós sabeis, eles sabem! Sabem?

Tu sabes?

Surpresa? Achas que foi?

Tu sabes se foi?

Nós sabemos viver?

Nós sabemos viver um sonho?

Tu sabes viver?

Tu sabes amar? (claro que sabes)!

Eu sei olhar? Tu sabes?

Tu sabes gostar? (claro que sabes)!
Tu sabes escrever?
Tu sabes pensar? (claro que sabes)!
Tu sabes falar?
Tu sabes guardar um segredo?
Tu sabes guardar um sonho?
Tu sabes guardar uma oportunidade?

Nós os dois nunca sabemos
de nada!»

Depois desta lembrança, ainda me senti pior! Lembrei-me dum amigo, que estava sempre ali para me ouvir (pelo menos era o que ele dizia frequentemente). Eu sentia falta de uma pessoa em concreto. Sentia a tua falta. Amigo. Irmão. Mano. Mas ele estava longe. Não. Ele não podia aparecer. Impossível.

Provavelmente era essa a razão do meu momentâneo desespero. Eu sabia que tinha amigos. Eu sabia que era ali o meu lugar. Mas eu achava-me naquele corpo inútil.

Incompreensível. Eu estava no meio de uma praia vazia. E não era só a praia que estava vazia. Eu também estava. Eu estava vazia e escura. Escura como a noite. A noite já dizia olá. Naquele dia estranho da minha vida. Dizia olá e trazia centenas de estrelas luminosas e brilhantes.

Tinha parado de chover.

De repente, parei de chorar. Tinha a cara cheia de lágrimas. Lágrimas. Lágrimas bonitas de ver, numa noite bonita como aquela!

Pousei a cabeça sobre os joelhos (que estavam dobrados). Comecei outra vez a chorar (tanto choro, mas eu tinha de libertar aqueles sentimentos). Ouí uma voz a cantar. Ao longe. Distante, mas eu conseguia ouvi-la. Ouí-a, admiradíssima. Era a voz mais bonita que já alguma vez tinha ouvido.

A bonita voz estava a cantar-me (a mim?!) a minha canção preferida. Aquela melodia maravilhosa que eu ouvia desde criança. E, por estranho que fosse, era dirigida a mim (a mim?).

Eu estava a recuperar da minha dor. Eu já estava a ficar em mim! Mas ainda não tinha levantado a cabeça. A música acabou. A voz desapareceu.

Até que uma mão (da mesma pessoa a quem pertencia a belíssima voz) me tocou nas costas. Passou-me um arrepio enorme pelo corpo todo. Que até a mão tinha sentido.

A voz disse «Linda, o que estás aqui a fazer sozinha?». Não respondi. Nem pretendia responder.

Levantei a cabeça. Tinha a cara cheia de lágrimas.

De repente, vi o Pedro sentado ao meu lado (o Pedro é o meu irmão mais velho. Foi viver para o estrangeiro e eu fiquei muito triste; mais triste do que alguma vez tinha ficado). Achei estranho, porque o Pedro devia estar nesse longínquo país estrangeiro.

Olhei-o nos olhos.

Ele fez o mesmo.

Os dois sentados, lado a lado. Há muito tempo que aquilo não acontecia.

Só o silêncio reinava.

Estava escura a noite. Mas eu sabia que ele estava ao meu lado. Tinha a certeza.

Ele pegou num isqueiro. Acendeu a lanterna (uma daquelas lanternas antigas, que só o Pedro poderia ter). Olhou para o mar e disse: «Pela luz bailarina da tocha»¹. E o silêncio voltou a reinar junto de nós. Ali, sentados na areia.

Eu só pensava «Como é que é possível ele estar aqui?», mas não lhe cheguei a perguntar.

Toquei-lhe na mão.

E ele voltou a olhar para mim, com um sorriso, como mais ninguém sabia ter, o meu irmão.

Ouvi as ondas.

Senti as ondas a baterem-me nos pés. A água estava fria. Gelada.

Tinha a certeza de que ele também tinha sentido a água (gelada), mas ele... nem uma palavra disse. Eu também não disse nada. Não era capaz. Não era capaz de romper o delicioso silêncio que nos unia!

Mas chegou o momento. Rompi o silêncio... e disse «Porque voltaste?»

Ele não respondeu logo.

Passaram segundos. Vinte segundos e ...

«Voltei para te ver, mana. Não podia estar longe de ti. Era impossível.»

E eu... comecei realmente a chorar. Como é que alguém que estava no estrangeiro, com um futuro brilhante, volta para... para... estar comigo?! Ele era mesmo uma pessoa importante para mim (e eu para ele).

Ele deitou-se na areia. Eu imitei-o. Ele olhou para mim. Eu imitei-o. Ele começou a rir-se, e eu parei imediatamente de chorar. E comecei a rir-me também!

Nunca me tinha sentido tão bem. NUNCA! Era incrível que ele estivesse ali, mas estava... NÃO ERA UMA ILUSÃO!

Encontrei o espaço que me faltava no coração. Faltava-me o meu irmão.

Eu apenas disse «Senti a tua falta, Maxi!» (que era como eu lhe chamava)

E ele respondeu «Eu também, Mini!» (que era o que ele me chamava)

Abracei-o. Ele beijou-me a testa e disse que nunca mais me ia deixar sozinha.

E eu aconcheguei-me naquele abraço sem fim!

6-10-2010

¹ MOORE, Ulysses (2010), *A Primeira Chave*, página 20, Lisboa: Porto Editora

Charlotte

Por Maria Francisca Alves
(14 anos, 8.º ano)

Charlotte Weitz era uma rapariga de quinze anos, de olhos verdes, cabelos dourados como o sol e com personalidade bondosa, audaz e, acima de tudo, amiga. Era filha da Senhora e do Senhor Weitz.

Charlotte vivia com os seus pais e com a sua irmã Mile, de onze anos, por entre muitas das suas empregadas, no centro de Londres, numa gigantesca mansão.

Os seus pais eram conhecidos por todo o mundo, tinham grandes posses financeiras, eram frequentadores da alta sociedade inglesa e eram conhecidos por doar grandes quantias de dinheiro a projetos de beneficência. Costumavam viajar, o seu pai para tratar de negócios, e a sua mãe para ir a desfiles de estilistas famosos, ou para irem de férias juntos.

Como habitualmente, no dia da chegada dos seus pais de mais uma viagem, Charlotte e Mile esperavam ansiosamente. Nesse dia, não houve notícias do casal Weitz, até que, no dia seguinte, receberam uma terrível notícia: Os seus pais tinham desaparecido num acidente aéreo causado pelo mau tempo. Com a notícia, as duas filhas ficaram destroçadas, as empregadas tentaram confortar as duas meninas, mas, mesmo assim, não tinham reação. Passados vários dias, o seu advogado tratou das suas custódias. Ficou decidido que Charlotte e Mile Weitz ficariam com a sua tia Natalie. A tia Natalie era uma mulher com cinquenta e muitos anos, rancorosa, egoísta e que só queria o dinheiro da família. Mile não gostava dela por ter uma grande e peluda verruga no nariz. A sua tia tentou ocupar o lugar dos pais das meninas, mas, mesmo assim, elas detestavam-na, e a tia Natalie a elas. A tia Natalie queria ver-se o mais rapidamente possível livre delas, então, começou a pensar num plano. Numa noite, à hora do jantar, a tia disse às duas meninas que cada uma iria para um colégio interno diferente, afastadas. As meninas tinham uma forte relação entre si e saíram da mesa a correr, para o quarto de Charlotte. Abraçadas, as lágrimas de Mile caíam nos ombros de Charlotte:

- Não vou conseguir estar longe de ti! — disse Mile, a chorar.
- Vou só durante uns dias, não fiques assim.
- Eu adoro-te, Charlotte! — disse Mile, esperando que a irmã viesse mais cedo do que se previa.
- E eu a ti, Mile.

As meninas adormeceram passados alguns minutos. No dia seguinte, Charlotte acordou e viu a sua mala de viagem, que os seus pais tinham trazido de Paris, cheia de roupa.

— Mas vamos já hoje, tia? - perguntou Charlotte à tia Natalie (num tom amuado, com os olhos avermelhados de tantas lágrimas caírem).

A tia, com um ar impertinente, com o seu nariz pontiagudo, respondeu:

- A menina sim, mas a sua irmã vai para a semana.
- Mas é muito cedo ainda, não me despedi de ninguém.
- Nesse caso, é melhor apressar-se, porque, daqui a uma hora, tem de estar pronta.

Mile ainda estava a dormir; Charlotte sabia que, se se fosse despedir dela, seria mais difícil. A mana apenas deu um beijo no rosto corado de Mile, tirou o seu colar de ouro, que a sua mãe lhe tinha oferecido, e pô-lo na mesa de cabeceira da irmã. Sabia que, se ficasse mais tempo naquele quarto, não conseguiria ir-se embora. Rapidamente desceu as escadas; tentava não chorar, mas era impossível. Não era que se importasse, mas a tia Natalie tinha-a mandado para um dos melhores colégios dos Estados Unidos da América. A viagem foi longa, demorou algumas horas, mas para Charlotte parecia uma eternidade. Finalmente, chegou ao colégio. A Madame Chloé, que era uma das orientadoras das estudantes mais novas, indicou-lhe o caminho para o seu dormitório e mostrou-lhe o colégio. Agora, estava tudo mais calmo, as alunas já tinham arrumado todas as suas coisas nos armários que lhes haviam sido destinados e tinham cumprimentado toda a gente. Charlotte tinha demorado

mais tempo porque tinha estado com a orientadora, que lhe mostrou o colégio, mas chegou ao dormitório para conhecer as suas colegas. Existiam seis camas; cinco estavam ocupadas (a outra serviria para Charlotte).

— Quem és tu? — perguntou uma rapariga chamada Emma.

— Eu sou a Charlotte, Charlotte Weitz, e tu és...

— Eu sou a Emma, esta é a Nicky, a Lizie, a Dorothy e a Rachel. — Emma apresentou a Charlotte ao resto das raparigas que estavam no dormitório consigo.

— E vocês, são novas cá?

— Não, nós não. — respondeu Dorothy, que era uma rapariga de poucas palavras, mas simpática o suficiente para que Charlotte gostasse dela.

— Entrámos cá no primeiro ano. — disse Lizie, que era a rapariga mais pequena do seu dormitório; era magrinha e muito pequenina, mas gostava de toda a gente.

— Vais ficar connosco cá no dormitório este ano, por isso, é melhor habituares-te — disse Rachel, que era como uma roseira, tinha virtudes e defeitos, mas, se fosse amiga de alguém, era uma amiga perfeita.

Faltava a Nicky dizer alguma coisa, Nicky era uma menina calada e muito interessada em teorias da ciência, mas, por vezes, era gozada por ser a mais gordinha do colégio.

As seis meninas começaram uma conversa que só acabou passadas algumas horas.

Charlotte integrou-se pouco a pouco, gostava bastante da sua turma, mas havia uma pessoa de quem ela gostava particularmente: chamava-se Fred. Charlotte parecia gostar de estar ao pé dele e ele ao pé dela.

Passada uma semana, chegou uma outra rapariga que Charlotte nunca tinha visto.

— Quem é ela? — perguntou Charlotte, com a ambição de saber.

— Aquela é a Rosalie Adams, é a rapariga mais popular da escola; todos a tratam como uma princesa.

Rosalie também vinha de famílias com grande poder e dinheiro, mas havia uma coisa que a distinguia de Charlotte: Rosalie era muito convencida.

As raparigas estavam no pátio quando Rosalie chegou. Quando já tinham tirado a bagagem de Rosalie de um carro luxuoso que a tinha transportado, esta queria ir cumprimentar os colegas; então, seguiu num caminho reto que ia na direção de Charlotte. Ela estava tão espantada com a maneira como Rosalie estava vestida, cheia de marcas, que nem sequer se apercebeu de que vinha no seu caminho. Rosalie, como se achava superior, pensava que Charlotte se ia desviar, mas não o fez.

— Desvia-te. — disse Emma, sussurrando.

— Hã? Desculpa, desculpa! — disse Charlotte, parecendo que tinha acordado. Toda a gente ficou a olhar para ela, porque todas pensavam que Rosalie era a rainha. Esse assunto esqueceu-se facilmente, mas não o seu amor por Freddie. O primeiro período passou bem e rapidamente, Charlotte e Freddie tinham-se aproximado cada vez mais e tudo corria bem, até mesmo com a «rainha» Rosalie, de quem também se foi aproximando, mas as saudades dos seus pais pareciam nunca ter fim.

Já a meio do ano, durante uma aula de francês, Charlotte foi chamada ao gabinete da Diretora com urgência: os seus pais tinham aparecido, ao fim de quase meio ano, são e salvos. O avião tinha-se despenhado perto de uma ilha remota no Pacífico e só agora tinham sido descobertos por um barco de pescadores. Tinham conseguido sobreviver ao longo destes meses.

Charlotte chorou de alegria e foi para a sua casa, despedindo-se triste, mas feliz, prometendo voltar para acabar o ano e combinar as férias de verão, agradecendo a todos a força e coragem que lhe tinham dado naqueles momentos difíceis.

A sua vida voltou a ser como era, mas mais feliz por ter voltado a encontrar os seus pais e descoberto grandes amigos e grandes paixões.

Inspiração

Por Maria Francisca Marques
(14 anos, 8.º ano)

Escrever uma boa história...

Escrever uma boa história...

— Ah! Eu não consigo!

— Annie! — grita a minha mãe, enquanto entra, como um furacão furioso, no meu quarto.

— Que foi? — respondo com maus modos, pois estou verdadeiramente irritada.

— Que foi?! — repete, com um tom exageradamente mal-educado.

— Estou a chamar-te há horas! Que estavas a fazer tão concentrada?

— Hmmmmmm... — grunho, enquanto penso numa resposta rápida e que evite mais perguntas.

Não lhe posso dizer o que estava verdadeiramente a fazer. Eu gosto muito da minha mãe, mas não a quero pôr nervosa. Posso sempre responder-lhe «nada», porque, na realidade e infelizmente, não estava a fazer nada.

— Nada! — respondo, tentando que a minha voz saia natural, mas, em vez disso, solto um grito esganiçado.

O meu quarto ficou em silêncio absoluto. A minha mãe olha para mim, sem expressão. Respira fundo, e, de repente, anuncia:

— Não sei o que estavas a fazer, mas, mais tarde, falaremos sobre isso. Agora mexe-te que tens muito para fazer lá em baixo. — respirou outra vez e continuou. — Ou estarias tu tão concentrada a fazer «nada» que te esqueceste de que os teus primos vêm a caminho para o casamento?

— Não! — respondi prontamente.

Na verdade, tinha-me esquecido por completo. Nem sei bem como, visto que toda a gente, a toda a hora, falava sobre isso. Também não interessa, pois a minha mãe já me levantou e prepara-se para me arrastar até à sala.

O alvoroço em que todas as semanas me encontro está, em grande parte, relacionado com o facto de o meu professor de português ser demasiado ativo. A última iniciativa implica uma elevada capacidade de concentração e criatividade. O meu professor solicitou-nos uma boa história, no e-mail dele, até dia 13 de dezembro. O problema é que este pedido foi feito hoje de manhã, 5 de dezembro! Tenho pouco mais de oito dias para escrever uma boa história. Claro que tudo poderia ser mais fácil se eu contasse à minha mãe. Talvez até me dispensasse da preparação do casamento, que, neste momento, é um grande problema. Mas eu sei que não posso! Ou melhor, que não devo... É que a tal boa história é para um concurso! Eu gosto bastante de concursos e adoro a competição, mas a minha mãe nunca ganhou nenhum, acha os concursos uma verdadeira tontice! Por vezes, chega a proibir-me de neles participar! Provavelmente, com receio da minha reação, caso não ganhe. Bem, mas neste momento, acho melhor deixar de lado os meus pensamentos e concentrar-me na minha tarefa, ou ainda irei acabar por agrafar um dedo em vez de folhas. A minha prima fez questão de que todas as coisas para o casamento fossem feitas à mão e apenas criadas por amigos e familiares, incluindo as ementas! Dá para acreditar? Por essa mesma razão, estou a dar o meu melhor. O vestido da minha prima é fantástico! Também foi feito à mão, por isso, começaram-no faz tempo. Não há dúvida de que valeu a pena. Tem um corte e uma cor magnífica! Fica-lhe realmente bem!

Hoje é dia 7 de dezembro e o casamento é já amanhã! Espero que corra tudo bem! A minha prima Courtney é muito boa pessoa e merece ser feliz! Eu é que continuo sem uma boa história para mandar ao meu professor... Hoje de manhã, quando, durante a aula, se aproximou da minha mesa e, sussurrando assustadoramente, perguntou se a minha história estava a «andar para a frente», respondi de imediato que sim! Embora ainda só tenha feito ilustrações. O meu professor é diferente dos demais! É inquietantemente pacato. Dá todas as aulas a sussurrar, mas, mesmo assim, parece estar continuamente a gritar! Fora

das aulas, costumamo-lo ver sempre a rir e rodeado de amigos, porém, ainda assim, parece um homem solitário. Claro que nunca ninguém ousou transmitir-lhe estas ideias! Toda a escola teme as suas aulas. Bem, mas o que interessa é que eu tive a sorte (ou azar) de o ter como professor e agora não há nada a fazer. Sabem o que vos digo? Gostava mesmo de ganhar este concurso! Adoro escrever e gostava de ser jornalista. Também adoro fotografia, artes e letras! Para uma tarde perfeita, basta uma boa paisagem, um livro, uma música e uma câmara fotográfica. Todos dizem que tenho uma mente bastante desenvolvida e que a política também poderia ser uma excelente área para mim!

O casamento está mesmo muito perto e a minha prima anda muito stressada! Só espero que aquele John não a trate mal! Acho que vou dormir e tentar ter ideias para o meu texto, que, por mais que tente, ainda não escrevi!

Hoje acordei por volta das sete da manhã com toda a gente aos berros! Não sei o que deu na cabeça desta gente, mas já estou à espera de queixas dos vizinhos! Sabem o que vos digo? Não gosto nada deste noivo da minha prima! Não me inspira a mínima confiança! Gostava bastante mais do seu ex-namorado e sinto que ela também!

O casamento é daqui a poucas horas e estou com um formigueiro por todo o corpo!

O meu dia está passar muito rapidamente! Assim que acordei, tive logo imensas coisas para fazer e agora, quando volto a olhar para o relógio, vejo que já são horas de começar a levar as pessoas para a Igreja, que é ao fundo da rua.

Estou a contar-vos isto enquanto oiço a minha prima dizer mal de tudo! Sinceramente, ainda bem que isto está a acabar, pois estou a ficar sem paciência! Vou dar um beijinho à minha prima e fazer de menina bonita, para que tudo corra bem!

Não estão a imaginar o que aconteceu! Nem eu acredito!

A minha prima casou-se, como estava previsto, porém, não com o John, o noivo, mas, sim, com o Peter, o ex-namorado! Para perceberem bem, tenho de vos explicar o cenário...

Como vos tinha dito, levei todos os convidados para a igreja e, de seguida, coloquei-me no meu lugar, à espera da noiva. O John e a minha prima chegaram e, no momento em que o padre disse: «se alguém tem conhecimento de algo que impeça este matrimónio (tal e qual um filme), diga agora, ou cale-se para sempre», o Peter entrou pela Igreja adentro e exclamou: «Eu tenho!». E, como se tivessem ensaiado, todos se voltaram admirados e começaram de imediato a cochichar! Então, para espanto de todas as pessoas, a minha prima correu para ele e saltou-lhe para os braços! Enquanto isto acontecia, John dava um suspiro de alívio, explicando posteriormente que tinha sido a melhor coisa a fazer!

Não é engraçado? O que eu achei ser o meu grande problema tornou-se numa fonte de inspiração! Tudo está bem, quando acaba bem!

Um sonho perfeito

Por Maria Inês Correia
(14 anos, 8.º ano)

Às vezes ainda me parece que tudo isto é um sonho...

Talvez seja e eu continue adormecida para que o sonho nunca acabe.

Desde pequena (agora já sou um pouco maior) que tenho esta vontade enorme de dançar, sobretudo de dançar *ballet*, porque este é aquele tipo de dança que nos transforma, tornamo-nos leves, livres e mais belas que nunca.

Associada a uma técnica bastante rigorosa e perfeita, o *ballet* permite, através do movimento, contar histórias, transmitir e receber emoções.

Para começar a dançar, foi um pouco difícil, visto que não existiam muitas escolas e professores na minha cidade; então, decidi inscrever-me na música, pois era algo de que também gostava muito. Mas aquele «bichinho» da dança estava sempre presente, era como se estivesse preso a mim e a chamar-me de segundo a segundo.

Passaram-se anos e eu continuava a pensar no mesmo ...dança, *ballet*, dança, *ballet*... não me saía da cabeça, mas, ao mesmo tempo, tinha-me afeiçoado àquele som melodioso e suave das notas do piano. Ou seja, estava completamente indecisa, sem saber o que fazer, pois a dança era o meu grande sonho de infância e a música já fazia parte de mim. A dança ou a música? Sinceramente, não fazia a mínima ideia!

Até que um dia decidi. Talvez tenha sido uma das mais difíceis decisões da minha vida, aquela que iria mudar para sempre o meu futuro. Lembro-me como se fosse ontem, num sábado à noite, quando me dirigi ao quarto da minha mãe e lhe disse «Mãe, eu adoro a música, mas o que eu mais adoro é a dança». Ela olhou para mim, como nunca tinha olhado, e respondeu-me «Se é isso que tu queres, então, vamos procurar uma escola de dança, nem que seja no fim do mundo». Percebi que me entendera. Fui para o meu quarto chorar: teria sido a melhor decisão? Não sabia.

De início, percorremos vários lugares para encontrar uma escola de dança, até que encontramos um ginásio que tinha aulas de *ballet*. «Perfeito!», dizia a minha mãe. Pessoalmente, eu também o achava. O ginásio era grande e tinha diversas modalidades. A professora de *ballet* chamava-se Fernanda Mafra (mais conhecida por Nanda) e era uma das melhores professoras da minha cidade, pois conseguia preparar as suas alunas muito bem para entrarem na Escola de Dança do Conservatório Nacional, a única escola de formação de bailarinos profissionais em Portugal.

No primeiro dia, estava muito nervosa e cheia de medo, mas rapidamente a professora e as outras alunas me puseram à vontade; elas preparavam-se para fazer audições para o Conservatório. Para mim, elas eram perfeitas, e eu tencionava ser como elas para que um dia também pudesse fazer audições. Então, comecei frequentar as aulas de *ballet*, quase todos os dias, à noite, depois da escola.

O tempo foi passando e, a cada aula, ia ficando melhor. A postura, os pés, os braços, a linha do corpo... Olhava-me ao espelho e via as gotas de suor a correrem pelo rosto, sentia que cada uma delas valia a pena e que um dia elas iriam ser recompensadas. Até que, um dia, a professora me chamou à parte, durante a aula, para me perguntar se eu queria ir fazer audições para o Conservatório; interroguei-me se estaria preparada e ao nível das outras, mas ela logo respondeu aos meus pensamentos: «Querida, tu és um caso muito especial, pois conseguiste obter o nível das tuas colegas em tão pouco tempo; eu acho que tu estás preparada.». Eu acenei com a cabeça, dizendo que sim, e aceitei fazer a audição.

As outras raparigas, por incrível que pareça, ajudaram-me imenso e, sem dar por isso, estávamos todas no dia da audição. Estava super nervosa, nem conseguia respirar; revia, com as minhas colegas, todas as correções que a professora fazia diariamente, ajeitava o meu penteado milhões de vezes e verificava se não me esquecia de nada para que tudo estivesse perfeito.

Entrámos no estúdio, o meu coração batia como se não houvesse amanhã. Senti a minha mão a tremer ao tocar na barra. Tentava manter o meu sorriso, pois diziam-me que era das coisas mais bonitas que eu tinha! Passada uma hora, o júri

mandou-nos sair do estúdio para decidir quem ficava. Enquanto esperávamos pelos resultados, fomos almoçar ao restaurante mais perto, até que passou por lá uma rapariga da escola que nos avisou de que já tinham saído as notas. Fomos a correr, o local já se encontrava cercado por dezenas de pessoas, até que se ouviu gritar «Quem é a Maria Inês?», «Sou eu!», respondi. «Entraste para a escola!». Ao princípio não acreditei, mas quando olhei para a pauta e vi à frente do meu nome ADMITIDA, gritei de tanto entusiasmo, não podia estar mais feliz. Porém, ao ver que só uma das minhas colegas tinha entrado comigo, fiquei sem forças, porque elas tinham-se tornado as minhas melhores companheiras: para rir, chorar...para tudo.

No entanto, tinha conseguido aquilo que tanto queria.

Iniciei o ano letivo com alguma apreensão, mas depressa me integrei na turma e, em particular, na parte artística.

O trabalho diário não é fácil, mas é exatamente aquilo que esperava.

Agora que frequento a EDCN, sinto que estou a realizar o meu sonho. Sei que ainda tenho um longo caminho a percorrer, com alegrias, tristezas, amores, desamores, muitas aventuras e desventuras. Sei também que o que sinto aqui e agora me vai acompanhar para sempre.

Tudo o que tenho aprendido tem-me dado uma experiência de vida muito enriquecedora, tem-me mostrado que, com esforço, se concretizam os sonhos; com suor e lágrimas, se alcançam os objetivos e, com muitos sorrisos, se passam as horas, meses e até anos. As amizades que conquistei dão-me o apoio necessário para travar as pequenas lutas diárias: um passo mal feito, uma pirueta menos perfeita, um dia menos bom. As críticas dão-me a força para continuar, sem nunca vacilar.

Só o trabalho diário me poderá permitir alcançar a técnica e o rigor perfeitos, e só um esforço contínuo me poderá trazer a satisfação de obter os resultados pretendidos. O *ballet* não tem só primeiras bailarinas; é, antes de mais, um grupo que trabalha em conjunto e que consegue mostrar que o trabalho de equipa pode ser maravilhoso.

Já experimentei viver sem e com a dança. Sei, agora, que faz parte de um sonho, de uma realidade, enfim... faz parte da minha vida.

Uma composição de 1.126 palavras

Por Maria do Mar
(14 anos, 8.º ano)

Chovia naquele dia. Olhei pela janela do meu quarto; ao longe, via a copa das árvores do bosque perto da minha casa, que mais pareciam gigantes embriagados pelo vento. Ansiava que a noite chegasse e, no aconchego do sono, me levasse dali para fora. Tentei ler um livro, mas depressa o pus de lado. O silêncio da casa inquietava-me; este não era o ambiente a que estava habituada. Os meus pais e irmão tinham ido passar o fim de semana ao Alandroal. Fiquei, porque tinha de estudar e fazer uma composição de 1000 palavras, mas a vontade era mesmo muito pouca. Dei um pulo, seguido de um berro, e disse:

— Preciso de apanhar o ar fresco da chuva... Pode ser que me dê energia para conseguir estudar e terminar a minha composição! — Assim fiz. Calcei as galochas, vesti uma gabardine e fiz-me à estrada.

O ar estava carregado de humidade, soprava um vento fresco e o nevoeiro criava uma mística que depressa me envolveu num ambiente de contos infantis, com bruxas, fadas, dragões e cavaleiros! Ao mesmo tempo, pensei que era estranho: tantas vezes ali estive e nunca me tinha sentido assim. Sentia algo que me puxava em direção ao bosque. Rendi-me à vontade de descobrir aquela força misteriosa e continuei a minha caminhada. A chuva tinha acalmado, parei por um bocado e olhei, curiosa, para a forma enigmática que as árvores assumiam com a penumbra do dia, quando, de repente, ouvi o toque de um telemóvel:

— Sim, sou eu, a Teles, a Leonor Teles. Finalmente, consegui despistá-los, mas estou cheia de medo!

Tentei guiar-me por aquela voz feminina e procurei descobrir quem é que estava tão atormentada — talvez pudesse ajudar. Caminhei alguns metros e aproximei-me de uma clareira; aí, vislumbrei uma mulher loira, alta, esguia, com unhas pintadas de roxo, vestida com um fato *Chanel*, bastante elegante, mas com um ar muito atrapalhado. Aquela estranha senhora ainda não se tinha apercebido da minha presença, coisa que durou poucos segundos, pois o barulho que fiz, ao bater com as minhas galochas nas folhas, com certeza que chegou aos ouvidos dos meus pais. Ela rapidamente deu pela minha presença. Ficámos face a face, em frente uma à outra, num silêncio profundo. O toque do seu *iPhone* quebrou aquele momento tão pesado. Ela apressou-se a atender. Consegui ainda captar algumas das suas palavras:

— Fui encontrada, quem lhes poderá ter dito?

Franzi o sobrolho; mais parecia que estava no meio de uma cena dramática, porém, sem câmara, realizador, figurinos. Tentei acalmá-la, tal era o seu receio por me ter encontrado.

— Não me faça mal... — pediu-me, com a sua doce voz, mas ao mesmo tempo amedrontada. Respondi-lhe que só a queria ajudar e tentar perceber o que se passava. Por momentos, as minhas palavras e intenções pareceram serená-la, todavia, não o suficiente, pois ela fugiu. Corri o mais depressa no seu encalço, mas, com tantas árvores e vegetação à minha frente, acabei por perder o seu rasto.

O silêncio invadiu de novo a floresta. Decidida a voltar para casa, dei meia-volta, mas foi quando, de novo, ouvi o telemóvel a tocar. Mais uma vez, este aparelho denunciou a presença daquela senhora loira, que me parecia um pouco doida. Virei-me e vi-a: desta vez estava com ar de arrependimento por não ter aceitado a minha ajuda. Veio em minha direção e perguntou-me:

— Como te chamas?

— Eu? Chamo-me Maria do Mar. — respondi-lhe, apercebendo-me de imediato de que tinha acabado de quebrar uma das recomendações da minha mãe, «Nunca fales com estranhos». Várias vezes me tinha dito esta frase, sílaba a sílaba!

— Deves julgar-me louca, mas não, não sou! Ando a fugir do Mestre Avis. Vou-te contar a triste novela da minha vida. — sentou-se no chão, arranjou o chão perto dela e fez-me o gesto para me sentar ao seu lado. Assim fiz. Leonor continuou:

- Eu sou a Leonor Teles e o meu marido, D. Fernando, morreu. Quem deveria ficar com a posse do trono era a D. Beatriz, minha filha, mas ela é menor de idade, por isso, fiquei eu regente do reino de Portugal... Bem... eu tenho um amigo

colorido, o Conde Andeiro... Ele é castelhano e, por isso, o Mestre de Avis e os seus companheiros pensam que, se eu assumir este cargo, Portugal vai ficar dependente de Castela. E, de facto, pensam bem...Por isso, decidi fugir, porque acho que me querem matar.

— Bom, se antes duvidava da sua sanidade mental, agora tenho toda a certeza de que a senhora não está bem da sua cabeça! — afirmei, desatando a rir de seguida. E ri-me, ri-me, mas ri-me tanto, até não poder mais. Todavia, que cena mais hilariante: estava eu, no meio da floresta, com a Leonor Teles, uma Leonor Teles em pleno século XXI, com unhas pintadas de roxo e *iPhone* na mão!

— Porque te ris tão desaforadamente?! É que isto é sobremaneira perigoso! — disse-me Leonor, com ar muito sério e, ao mesmo tempo, zangada por eu duvidar da sua «novela». Não consegui resistir a responder-lhe com a verdade, ou melhor, com a verdadeira «História» e, secamente, respondi:

— Mas, Leonor, a história diz-nos que D. Leonor viveu no século XIV e, se quer saber mais, o Conde Andeiro vai morrer....

Leonor Teles paralisou quando lhe disse tal coisa, ficou tão branca e aterrorizada que, perante tal emoção, senti e acreditei que aquela mulher era mesmo a Leonor Teles. Insistiu para que eu a ajudasse e, a todo o custo, evitássemos a morte do seu amado. Não, não podia fazer tal coisa, jamais trairia o meu País ...

Acordei muito bem-disposta. Levantei-me, espreitei pela janela; ao longe, via a copa das árvores do bosque perto de minha casa, de verde estonteante, a bailarem embaladas pelo vento suave da manhã. Estava um dia de sol radioso. Era domingo e os meus pais chegavam da parte da tarde. Ainda tinha de estudar História e fazer uma composição de mil palavras.

Vesti-me e tomei o pequeno-almoço, enquanto tentava lembrar-me do que tinha sonhado, mas não me consegui recordar. Depois fui estudar. Peguei nos livros de História, comecei a ler e, para grande surpresa minha, já sabia toda aquela matéria, sem nunca a ter estudado antes. Resolvi fazer alguns exercícios por descargo de consciência e confirmou-se que sabia tão bem aquela matéria, que até parecia que, na noite anterior, tinha recuado ao Século XIV e participado naquela parte da matéria de História..

Ainda bem, ganhei tempo para fazer a árdua tarefa da minha composição. Peguei numa caneta e em várias folhas e dei asas à minha imaginação! Surgiu-me logo a ideia de brincar com os conteúdos de História que estou a dar: a história de D. Leonor Teles e do Mestre de Avis. E assim fiz.

Uma Grande Aventura

Por Marta Cruz
(15 anos, 9.º ano)

Numa linda manhã... - Ah! Desculpem, esqueci-me de me apresentar, sou o Duende Miguel das Freitas Montanhas de Biscoitos Pereira, mas podem tratar-me só por Miquelito.

Bom, como já podem ter reparado, sou um Duende Contador de Histórias e hoje vou contar-vos a história mais espetacular e mágica que alguma vez ouviram. Querem? É que, se não quiserem, eu não conto, não me importo... Pronto, está bem, conto!

Como estava a dizer, numa linda manhã, Maria, depois de ter uma longa noite de sono, acordou, vestiu-se, tomou o pequeno-almoço e decidiu que tinha de ir dar um passeio.

Saiu de casa. Estava uma manhã linda, cheia de pássaros a cantar, e o sol brilhava lá no alto. Começou a pensar para onde haveria de ir... Continuou a andar, a andar, a andar, até que chegou a um lugar onde nunca tinha estado antes. Era um jardim cheio de flores e com muitas árvores. Parecia um lugar completamente banal, mas ela sentia que havia algo de diferente naquele jardim, algo de mágico!

Decidiu que tinha de explorar aquele lugar maravilhoso. Começou a correr, cheirou todas as flores, subiu a todas as árvores, saltou em todas as pedras do lago e, por fim, sentou-se num banco de jardim, fechou os olhos e respirou o ar puro daquele magnífico lugar. De repente, vindo de lado nenhum, ouviu um barulho. Como era muito desconfiada, decidiu ir dar uma espreitadela. Resolveu procurar, e aquele barulho estava cada vez mais nítido, parecia... parecia alguém a chorar. Começou a ficar nervosa e com o coração a bater a mil à hora, até que, atrás de uma árvore, viu uma menina de cabelos longos e castanhos, com uma blusinha azul e com uma saiinha branca, de joelhos, a chorar.

— Então, que tens? Estás perdida? — perguntou Maria, preocupada.

— Sim, quer dizer, mais ou menos... — balbuciou a rapariguinha, com a cara toda molhada de tanto chorar.

— Oh, meu Deus! — disse Maria, espantada — Podia jurar que és a Matilde, dum livro de Roald Dahl, és muito parecida com ela!

— Sim, sou a Matilde. — disse a rapariguinha, já mais calma.

— Espera aí, mas, se tu és uma personagem de um livro, como é que estás aqui?

— É possível, porque ... — e começou a chorar imenso, não conseguindo acabar de falar.

— Vá, pronto, não chores mais, o que é que aconteceu?

— Bom, é assim, estás a ver este livro que tenho aqui?

— Sim, esse é o teu livro, mas o que é que tem?

— Se o abrires, vais ver que não apareço em nenhuma página, e sabes porquê? Porque apareceu uma bruxa, lançou um feitiço e disse que eu nunca mais poderia entrar no livro, só se...

— Só se quê? — perguntou a Maria, já muito empolgada com a história.

— Só se conseguir encontrar um mapa e blá, blá...

— O quê?! Que mapa?

— O mapa que me leva a todos os ingredientes para fazer uma poção ou algo do género...

— Mas para que é essa poção?

— A poção é para entrar no livro e nem se sabe se funciona, por isso, estou desesperada e pronta para desistir e ficar aqui neste mundo muito estranho e diferente. — lamentou e, dito isto, voltou a afogar-se em lágrimas.

— Pronto, não chores, vai tudo correr bem. Queres que eu te ajude?

— O quê? A sério?!

— Sim!

— Tens a certeza? É que dizem que é muito perigoso, todas as personagens têm medo desta bruxa... — disse Matilde, com um ar assustado.

— Não faz mal, eu adoro aventuras! Vamos a isso!

— Ok, se é isso que tu queres... Muito obrigada!

Matilde e Maria ficaram caladas durante algum tempo, e depois:

— Matilde, a bruxa, não disse nada antes de se ir embora? Sei lá, alguma coisa, mesmo que não te pareça importante; tudo pode ser uma pista a ter em conta.

— Não me lembro bem, mas ela disse algo do género: «Gostam de vento e ajudam a produzir pão, no alto da montanha, de lá nunca fugirão», e depois deu uma gargalhada maléfica e foi-se embora.

— Mas isso já é muito bom! Agora só temos de pensar o que é que gosta de vento, ajuda a produzir pão e está no alto da montanha.

Ficaram a pensar muito tempo e decidiram ir até ao cimo de todas as montanhas, para ver se viam alguma coisa, até que, na terceira montanha, Matilde começou a sentir o cheiro de pão acabadinho de fazer no ar. Juntas, seguiram aquele cheiro maravilhoso e foram dar a uma padaria ao lado de... um moinho!

— Ai, meu Deus! Pois é, o moinho «gosta de vento» e mói a farinha para fabricar o pão!

— Pois é! — exclamou Matilde, aos saltos. — Temos de entrar e procurar um mapa.

Lá entraram no moinho e começaram a procurar. Lá dentro, estava a moleira, que lhes perguntou:

— De que estão à procura?

— De um mapa, ou algo assim parecido.

— Sim, no outro dia apareceu aqui uma senhora muito feia e pediu para eu guardar aqui um papel e, sim, parecia um mapa, querem-no?

— Sim, por favor! — pediu Matilde.

A senhora foi buscar o mapa e deu-o às duas meninas.

— Muito obrigada! — agradeceram as duas em coro.

Saíram as duas do moinho, muito atarefadas, e começaram a ler o mapa.

— Olha, aqui diz que temos de encontrar meia pétala de lírio.

— Oh, boa, naquele jardim onde estivemos havia muitos lírios! — disse Maria.

— Vamos lá já!

Chegaram ao jardim, agarraram em meia pétala de lírio e guardaram-na na mochila. A seguir, estavam representadas umas grutas no mapa, onde também dizia que lá iriam encontrar um monstro e o segundo ingrediente: pelos do monstro.

Estremeceram quando leram aquilo, mas estavam decididas e, por isso, equiparam-se e foram até lá.

— Pronto, chegámos. — sussurrou Maria.

— Sim, vamos entrar.

Lá dentro, estava muito escuro e frio, mas lá continuaram a andar. De repente, viram o grande monstro! Tinha duas cabeças, asas, quatro patas, muito pelo e era GIGANTE! Mas, para sorte delas, estava a dormir.

— Oh, meu Deus! — guinchou Matilde, baixinho.

— Certo, vamos ao que interessa, cortar os pelos do monstro; tens tesoura?

— Sim, está aqui.

Agarraram-se uma à outra e aproximaram-se do monstro. Com muito cuidado, cortaram alguns pelos e, quando estavam a sair...

— Crashhh...

Matilde pisou um tronco e o monstro acordou.

— Oh, meu Deus, corre! — gritou Maria.

O monstro começou a voar, a deitar fogo pelo nariz, e elas ficaram apavoradas, só gritavam!

Quando conseguiram sair dali, sentaram-se no chão, a respirar ofegantemente.

— Tens os pelos?

— Sim, claro — respondeu Maria, com um ar estafado.

E assim passaram os dias a procurar novos ingredientes, até que, na terceira semana, só faltava mais um ingrediente.

— Muito bem — disse Maria, já muito cansada. — só falta o último ingrediente.

— Qual é?

— É um bocado de lava do vulcão Amadashi.

— Que vulcão é esse? — perguntou Matilde.

— É um vulcão que fica a 300 km daqui.

Puseram-se num autocarro e foram para lá.

— Muito bem, é aqui! — disse Maria, muito feliz por saber que este era o último ingrediente.

— Ok, vamos lá.

Quando olharam para aquele monstruoso vulcão, começaram seriamente a pensar em voltar para trás, mas Matilde lembrou-se de que queria voltar para o livro e, então, disse:

— Agora que chegámos, vou lá eu!

— Nem penses, vamos as duas.

— Pronto, está bem.

Então, começaram a aproximar-se cada vez mais do vulcão, até que Maria borrifou Matilde, com uma água especial, e borrifou também a corda. O plano delas era assim:

A Matilde, enrolada na corda, ia até lá abaixo e retirava um pouco de lava; Maria ficava a agarrar na corda para Matilde não cair.

E assim foi (não pensem que morreram esturricadas, porque as minhas histórias têm sempre um final feliz). Depois disto, já tinham todos os ingredientes e era só juntar.

Num caldeirão, puseram: meia pétala de lírio, os pelos do monstro, a pata de morcego, folhas de árvore, pedrinhas do rio Pedálias, raízes de um nenúfar, dentes-de-leão, blá, blá, blá, e, por fim, a lava.

Começou a borbulhar, e o mapa dizia: «Tomar o preparado». Depois, a Matilde e a Maria despediram-se, disseram que iriam ter muitas saudades e que nunca iriam esquecer aquela aventura.

Matilde tomou a poção e começou a desaparecer. Maria foi abrir o livro e lá estava ela, no lugar a que pertencia! Ficou feliz, apesar de estar um pouco triste por ter perdido uma amiga tão especial. E posso assegurar-vos que, cada uma no seu mundo, viveu feliz para sempre!

Espero que todos os meus leitores tenham gostado desta história.

E não se esqueçam de dizer a todos os vossos amigos que o Duende Miquelito é o melhor contador de histórias que alguma vez conheceram!

Um sonho meu

*Por Miguel Duarte
(14 anos, 8.º ano)*

Eram ainda sete horas, mas no orfanato de uma terriola, no meio de nenhures, as crianças já se recolhiam para o dormitório, o único sítio onde estavam fora do alcance dos sinistros professores.

O dormitório era um sítio medonho, tão assustador que muito poucos tinham coragem para lá entrar, mas, como a segunda opção era dormir com os temíveis professores, todos acabavam por fazer um esforço.

Para lá chegar, era preciso subir uma íngreme escada, seguida de um estreito corredor ladeado por salas pavorosas. Lá dentro, não havia um pontinho de luz e, em vez de janelas nas paredes, havia inúmeras teias de aranha. As camas eram duras e poeirentas e os poucos lençóis que havia estavam húmidos e cobertos de musgo verde.

Voltando às crianças, que tinham acabado de entrar no dormitório, para além da liberdade que tinham, nem ali podiam conversar livremente, pois bastava o mais pequeno ruído para os horrendos e malvados professores pegarem nos seus cabelos e as arrastarem até à solitária, um minúsculo cubículo ainda pior que o dormitório...

No orfanato, havia mais de 200 miúdos, que todos os dias eram acordados com uma estridente sirene por volta da 6 da manhã para irem trabalhar para as minas do orfanato. Certo dia, como não era exceção, lá foram eles, acompanhados apenas por 1 auxiliar para as minas escuras e sombrias. Lá em baixo, a vigilância era pouca, logo, Manel, um rapaz de sete anos, mostrou à sua amiga Matilde uma revista que trazia enrolada na picareta. Matilde, a mais esperta da turma, começou a ler o passatempo e tratou de avisar todos os seus colegas da genial ideia que acabara de ter: participar no passatempo que consistia em escrever um texto o mais criativo possível.

A partir daí, todos os dias, Matilde, Manel e todos os outros miúdos do orfanato passaram a reunir-se numa câmara secreta, cuja única entrada era tão estreita que nenhum adulto conseguiria entrar nela, ou até reparar na sua existência, e era lá que todos juntos iam aos poucos construindo a sua pequena história.

Ao fim de um tempo, os professores começaram a desconfiar... por isso, em vez de um, passaram a ir cinco auxiliares. Ao verem isto, as crianças nunca mais entraram na câmara secreta e passaram a escrever o conto durante as aulas, mesmo debaixo do nariz dos professores.

Os dias foram passando... e numa quente tarde de verão, finalmente, conseguiram acabar a história. A primeira etapa foi concluída facilmente: escrever o texto; mas a segunda e mais difícil etapa ainda estava por resolver: pôr a carta no correio.

Era já noite, os professores dormiam descansadamente nas suas grandes e confortáveis camas, enquanto as crianças discutiam:

— Eu posso cortar o selo, - disse o António — mas não vou entregar a carta !

— Eu arranjo a cola, — disse a Mariana — mas não entrego a carta!

— Eu trato da capa, — disse o Tiago — mas não sou eu a levar a carta!

— Eu faço o envelope, — disse a Madalena — mas não o ponho no correio!

Só faltava entregá-la, um trabalho que sobrou para os irmãos Matilde e Manel.

O tão difícil trabalho foi feito na calada da noite, enquanto todos dormiam, exceto um perigoso auxiliar que ficava de vigia toda a noite. Era uma fuga difícil, mas com a ajuda do João, o mais novo do orfanato, tudo se resolveu. O plano foi este: enquanto João fingia que chorava e distraía o contínuo, com a ajuda de todos, Manel e Matilde desciam do segundo andar do orfanato com uma resistente «corda» (feita por todos os lençóis amarrados com fortes nós). Antes de chegarem à rua, tinham de atravessar o grande e assustador jardim do orfanato... para finalizar, tinham à sua frente um grande muro coberto de arame farpado, mas felizmente havia um pequeno buraco junto à porta por onde podiam passar.

Já na rua, os dois irmãos correram o mais depressa que conseguiam até um marco do correio, enfiaram o envelope com o texto lá dentro e correram de volta para o dormitório.

Todos os dias as crianças trabalhavam nas minas e todos os dias tinham de estudar para os testes, que eram bastante frequentes. O tempo passava, mas Manel, a sua irmã e todos os outros miúdos do orfanato que colaboraram no projeto não se esqueceram do passatempo em que participaram, então, todos os dias iam ver a caixa do correio, que não era aberta há anos.

Durante semanas a fio, nada foi encontrado no correio, apenas papelada velha. Quando o mês de outubro chegou, uma enorme caixa de cartão apareceu junto à caixa do correio, era uma «WII», o prémio do passatempo da revista.

Levaram-na para o dormitório com muito cuidado, enquanto o João voltava a distrair os professores. Ao chegarem ao dormitório, esconderam-na debaixo de uma cama e começaram a discutir onde ficaria ela...

Mas enquanto se perdiam todos em discussões que não levavam a lado nenhum, o António é que tratou de levar a consola para o lado da sua cama. Infelizmente o impensável aconteceu: João, cansado de distrair os professores, voltou ao dormitório e, ao ver a caixa ao pé da cama do António, não pensou duas vezes e sentou-se... Como é obvio, a WII não aguentou o peso, mesmo não sendo muito, e partiu-se, fazendo barulho suficiente para todos se virarem para o João.

O João, ao aperceber-se do que acabara de fazer, não aguentou e desatou a chorar; os outros miúdos consolaram-no, mas, abrindo a caixa, confirmaram que sim, um dos comandos estava estragado!

Depressa se apurou de quem era a culpa e todos caíram sobre o António, culpando-o de tudo e mais alguma coisa, mas rapidamente toda aquela fúria passou e, finalmente, decidiram experimentar o novo e único brinquedo.

Entusiasmadas com a brincadeira, as crianças esqueceram-se de que não convinha fazerem muito barulho para não acordarem os terríveis professores e, enquanto berravam «WII!!!», pulando de cama em cama, estes acordaram!

Com tal alarido, todos correram em direção ao dormitório. Ao ouvirem os meninos gritar «Wii», pensaram que eles estavam a praticar o seu francês, dizendo «oui», e, toda orgulhosa, a professora de francês disse:

— Afinal, os meus métodos são formidáveis! Sou uma professora espetacular! Chicoteando os alunos, eles ficam logo entusiasmados pelo francês e até já o falam entre eles!

Não desconfiando que os alunos não diziam uma palavra de francês, os professores recolheram-se para os seus quartos, todos contentes.

No dia seguinte, na aula de francês, a professora, que achava que os seus alunos já dominavam a língua, perguntou:

— Como te chamas? Como traduzem vocês esta pequena frase para francês?

Como o silêncio predominou na sala de aula, a professora suspeitou que aquele «WII» que ouvira no dia anterior não tinha nada a ver com qualquer palavra francesa e, mal tocou para a saída, reuniu-se com os outros professores e decidiram ir, naquela noite, descobrir o que realmente se passava no dormitório.

Quando a noite caiu e os meninos começaram a jogar, os professores voltaram a juntar-se e, todos juntos, avançaram sobre o dormitório e invadiram-no. Ao verem as crianças tão felizes a brincar, os professores ficaram furiosos, pegaram no jogo e levaram-no para o quarto da professora de francês, a mais horrenda e pavorosa.

Tanto a Matilde como todos os seus colegas ficaram indignados com a maldade dos professores e decidiram dar-lhes uma grande lição. Tal como no «Conto de Natal», de Charles Dickens, cada um se mascarou de fantasma e entrou no quarto de cada professor, dizendo:

— Eu sou o fantasma do passado e estou aqui para te lembrar de todas as maldades que fizeste aos teus alunos!

Após a saída do primeiro fantasma, logo apareceu outro, explicando:

— Eu sou o fantasma do presente e estou aqui para te falar do mal que estás a fazer, tirando a «WII» aos teus alunos!!!

Por fim, apareceu o terceiro e último fantasma avisando:

— Eu sou o fantasma do futuro e vim aqui para te avisar de que, se a tua atitude não mudar, muitas coisas más irão acontecer no futuro!

No dia seguinte, logo de manhãzinha, os professores não só devolveram a «WII», como fecharam as minas do orfanato, deixando de escravizar os alunos, melhorando as condições das instalações, principalmente do dormitório, e passaram a ensinar de uma maneira mais correta.

A partir daí, tanto os alunos como os professores passaram a viver em harmonia, melhorando em conjunto as condições do orfanato.

Carta

*Por Mónica Lima
(15 anos, 9.º ano)*

Pai,

Escrevo esta carta para nós, para mim e para ti, penso que ambos precisamos.

Tenho saudades, precisava de ti aqui, mas, infelizmente, já cá não estás.

No dia em que te tiraram de mim não quis acreditar. Hoje acredito, mas gosto de pensar que continuas comigo todos os dias e que me consegues observar.

Quero que saibas que chorei, choro, e continuarei a chorar; gritei, grito, e continuarei a gritar; sofri, sofro e continuarei a sofrer, porque sei que serás, para sempre, meu pai, mas a cada dia que passa a dor vai diminuindo, sendo assim mais tolerável.

Hoje ainda sonho que irás aparecer de novo, para me abraçares e para, por vezes, me fazeres voltar a sonhar.

Sei que não é possível e, por isso, escrevo-te esta carta.

Ao longo destes anos que já cá não estiveste, cresci e agarrei o meu sonho, que sei que era aquilo que querias.

Com o apoio de todas as pessoas à minha volta, fui fazer a audição para a Escola de Dança do Conservatório Nacional e consegui entrar, foi um importante passo na minha vida, porque fiquei assim a acreditar um pouco mais em mim.

Dancei no teatro Camões, que era um dos meus maiores desejos. Lembro-me de ter ido ver contigo o «Lago dos Cisnes», nesse mesmo teatro, e de te ter dito que nunca iria conseguir dançar naquele palco, mas tu disseste-me para nunca dizer nunca, e hoje sei que tinhas razão.

Quero que saibas que sempre que danço, danço para mim, para ti, para o público e, depois, sim, para o júri.

Passei muitos testes, por vezes com distinção, e também fiz um curso de dança em Londres.

Vivi e sobrevivi.

Agora sei ignorar e aprender, e quando o meu coração palpita e eu sinto que vou desistir, não o faço, porque sei enfrentar os erros e as dificuldades.

Quando triunfei e ganhei, pensei em ti e, quando errei, também o fiz. Por vezes, quando errava, sentia-me desiludida comigo, tendo passado por etapas completamente desconhecidas.

Sinto-me forte e poderosa, sei que se nada me tivesse acontecido, não seria quem sou.

Apesar de tudo isto, a saudade é um sentimento demasiado poderoso e, por isso, sinto saudades.

Gostaria muito de poder recordar o teu cheiro, a tua voz e as tuas gargalhadas. Lembro-me de ti, pois seria impossível esquecer-te, mas estes três pormenores, por vezes, escapam-me.

Quero que saibas que toda família está feliz e que todos queremos manter as tuas lembranças bem vivas e presentes, por isso, continuamos a manter todas as fotografias, quadros, livros, músicas, tradições, que nos ligam a ti.

Digo-te que só agora te escrevo, pois só hoje me senti preparada para tal coisa; antes, estava mais fragilizada e, por vezes, não saberia o que te dizer.

Tenho objetivos para o meu futuro, quero ir estudar para fora, para tentar ir sempre mais além, quero aprender muito, para depois ensinar.

Penso que sabes que quero criar uma escola para ensinar o que aprendi e também para dar novas oportunidades; quero ser um pouco diferente do habitual.

Espero também encenar e coreografar bastantes espetáculos, e encher o meu coração de aplausos.

Na minha vida pessoal, apenas quero evoluir como pessoa e ser feliz.

No futuro, irei a Moçambique, porque sei que fez parte de ti e quero que faça também parte de mim.

Antes de me despedir, queria também falar-te um pouco dos meus irmãos. Quero acreditar e garantir que já sabes de tudo isto, acho importante que saibas que estamos todos bem.

O Ricardo, já com dezoito anos, quer tirar o curso de arquitetura e seguir os passos do avô. O Pedro está a aprender a tocar órgão e já fez uma audição, à qual eu fui assistir. Posso-te garantir que somos todos muito felizes e que a nossa relação, enquanto irmãos, é perfeita, o que é raro acontecer noutras famílias.

Meu pai, depois de acabar de escrever esta carta, gostaria de a poder enviar e também de receber outra em resposta a esta, mas penso que tal coisa seria impossível.

Despeço-me de ti com muitas lágrimas, muita tristeza, melancolia, mas talvez também com um pouco mais de felicidade e liberdade. Como já referi anteriormente, a tua falta é imensa, de tal maneira que me põe a tremelicar, mas a tua presença também é forte, por isso, continuo a viver e a sobreviver.

Apesar de tudo, tenho ainda apenas catorze anos; tenho, portanto, muita vida pela frente e muitas cartas escreverei.

Para sempre, com muito amor,

A tua princesa.

P.S. Neste momento estamos numa época festiva, o Natal, e eu irei estar com muitas pessoas com quem tu também já estiveste. Mas queria-te dizer que muitas destas pessoas mudaram substancialmente a sua forma de pensar, de estar e de reagir, quando tu desapareceste. Umas pessoas reagiram pior, outras um pouco melhor, mas todas elas reagiram. Todos nós te achávamos uma pessoa sem igual e, portanto, serves de exemplo para todos.

Deixaste-nos as melhores lembranças que alguém nos poderia ter deixado. Sentimo-nos, assim, privilegiados.

Obrigada.

Um sonho a realizar

Por Patrícia Rodrigues
(14 anos, 8.º ano)

Quando eu era pequena, ia para a cama e, para me adormecer, a minha mãe contava-me a história de uma menina que tinha o mesmo sonho que eu.

Como todas as outras histórias, começava assim:

Era uma vez uma rapariga que tinha 13 anos e que se chamava Luísa. Ela fez uma audição para entrar numa escola de *ballet*, para realizar o seu sonho.

Fez a audição e passou; mas como nem sempre tudo é perfeito, essa escola localizava-se fora do país onde vivia com os seus pais. A escola era em França, Paris. Então, arrumou as suas coisas e lá foi para Paris uma semana depois.

Como não conhecia ninguém na escola, pensou em escrever um diário com que pudesse desabafar e no qual pudesse retratar factos que fossem acontecer, para mais tarde se lembrar de como correu a experiência.

Querido diário, hoje é o meu primeiro dia na escola, parece tudo tão perfeito, estar rodeada de ótimas bailarinas. Hoje ainda não tivemos aulas de dança, foi só uma apresentação da escola. Tenho muitas saudades de todos os meus amigos e do meu cão, mas, infelizmente, ele não pode estar comigo. Eu quero realizar o meu sonho, por isso, tenho de me sujeitar a tudo e a todos. Estou no quarto, também com uma portuguesa que não conhecia, chamada Margarida.

Beijos. Luísa, 13/setembro/2008

Era o primeiro dia de aulas de *ballet*, por isso, só à noite, antes de adormecer, é que ela teve tempo para escrever.

Querido diário, adorei as minhas aulas; a professora de clássico chama-se Camille e é uma excelente bailarina. Adorei conhecer as minhas colegas de turma, dei-me melhor com as italianas. Os seus nomes eram Viviana e Marta. Hoje à noite, fomos todas dar um passeio. Fiz amizades com dois italianos, o Fillipo e o Carlo.

Por hoje, é tudo.

Beijos. Luísa, 14/setembro/2008

Luísa estava a adorar aquela experiência tão divertida.

Querido diário, hoje o dia correu muito bem. O professor de clássico elogiou-me e a professora de pontas disse-me a mim, à Nami, à Sarah e à Lucinda que tínhamos futuro como bailarinas. Hoje foi também a minha primeira aula de Street Dance, foi muito fixe; eu pensava que não tinha lá muito jeito, mas não me safo nada mal. À noite, fomos apanhadas a falar com as francesas que estavam no dormitório à frente do nosso. Também falei com os meus pais e quase que me vieram as lágrimas aos olhos; eu era tão agarrada a eles e, de repente, tenho de me tornar uma senhora e viver sob o meu próprio controlo. A minha mãe disse-me que estava grávida. Claro que fiquei super contente.

Beijos. Luísa, 15/setembro/2008

À espera de ter um irmão, as aulas iam-lhe correndo melhor.

Querido diário, já me habituei à escola e aos horários. Esta noite, a atividade foi Street Dance. Agora vou-te contar como foi o meu dia: a aula de clássico correu bem e a de pontas bem, como sempre; gosto mesmo muito de fazer pontas, ainda que não goste dos meus pés em pontas.

Acho que não há mais nada para escrever.

Beijos. Luísa, 16/setembro/2008

Iam passando os dias e chegou o fim de semana. Como tinham hipótese de escolher aonde queriam passá-lo, ela e a Margarida quiseram vir para Portugal. Apanharam o avião, passaram o fim de semana, mataram as saudades e regressaram.

Passaram 3 meses e a mãe dela já sabia o sexo do bebé: deram-lhe o nome de Lourenço.

Querido diário, ontem à noite fizemos uma «party» com todas as raparigas do nosso corredor, por isso, não te escrevi, foi tão fixe!

Hoje, a aula de clássico correu muito bem, pois consegui fazer 4 piruetas de segunda. Também tive Street Dance, que foi, como sempre, uma aula divertida. Em repertório, dançámos o «Lago dos Cisnes» em pontas. Que dor!

Beijos. Luísa, 6/dezembro/2008

Com os dias a passar, a pressão também aumentou e, cada vez menos, ela tinha tempo para escrever.

Querido diário, há uns dias que já não te escrevo. Hoje é fim de semana; às 14h30, fomos passear por Paris, vimos a Torre Eiffel. Visitámos uma ópera e parámos num café para lanchar. Nesse café, vi uma revista que tinha o Marcelino na capa, perfeito como sempre, foi um orgulho para nós, um português na capa de uma revista estrangeira. A noite foi super divertida. Éramos mais ou menos 50 pessoas, pois algumas tinham ido a casa.

Beijos. Luísa, 11/dezembro/2008

Pelo Facebook, ela ia falando com as suas amigas, que agora nunca mais tinha visto.

Querido diário, desculpa ontem não te ter escrito, só que não tive tempo. Vou receber uma fotografia do meu irmão. Hoje, tive uma aula de samba. Foi fixe, mas sambar não é comigo.

Beijos. Luísa, 13/dezembro/2008

Passaram mais 3 meses e chegou o Natal; ela recebeu muitas coisas para o *ballet*, e, principalmente, dinheiro para ir às compras a Paris. Era março, Luísa veio a receber uma notícia muito grave.

Querido diário, é a última vez, provavelmente, que te vou escrever, pois o meu sonho por Paris chegou ao fim; descobriu-se que o meu pai tem cancro e que vai morrer dentro de dias, por isso, quero passá-los em família e vou ter de regressar, contra a vontade dos meus pais. Talvez um dia volte para realizar o meu sonho. Vou tentar continuar a escrever-te todos os dias.

Beijos. Luísa, 21/março/2009

Ela regressou para Portugal, foi aproveitando todos os momentos com o seu pai, mas ele não resistiu muito mais tempo, acabando por falecer. No dia 26 de março, realizou-se o funeral. Luísa sentia-se muito mal por saber que nunca mais iria estar com o seu pai.

Entretanto, não faltava muito tempo para a sua mãe dar à luz. E assim foi: em abril, nasceu o seu irmãozinho, Lourenço.

Querido diário, o meu irmão nasceu; ele é a pessoa mais bonita que existe neste mundo. Tem ar de ser uma criança querida, mas muito brincalhona. A minha mãe deu-me a ideia de voltar para Paris e realizar o meu sonho; não sabia se a escola me voltava a aceitar, mas agradeci e aceitei a ideia dela. Como és a minha melhor amiga, acho que estás na altura de te dar um nome. Vou chamar-te London.

Beijos, London. Luísa, 10/abril/2009

Assim, ela mandou uma carta a perguntar se ainda podia voltar para a escola. A escola aceitou-a de volta, pois ainda havia a vaga que tinha deixado, só que tinha de trabalhar com mais garra para voltar ao seu ritmo normal.

Querido diário, aqui estou eu de volta à escola dos meus sonhos. Continuo com a Margarida no quarto. E tudo voltou ao que era habitualmente. Queria dizer-te uma frase que é muito importante para mim: realizem os vossos sonhos e não deixem que as oportunidades passem pela frente.

Beijos, London. Luísa, 19/maio/2009

Um eterno AMIGO

Por Patrícia Vieira
(15 anos, 9.º ano)

- Mas porquê? — disse Annie, com os olhos cheios de lágrimas.
- Porque é assim. Não pode ser de outra maneira. É mesmo sempre assim!
- Mas não é justo.
- Tens de compreender, Annie, a vida nem sempre é como nós queremos ...

Annie estava já há longas horas nesta discussão com a sua mãe. Vamos recuar um pouco para perceber o seu motivo.

Annie era uma menina alegre (quem a conhecia dizia que estava sempre a rir). Vivia com os pais, numa casa pobre e sem condições. Annie era ruiva, com a pele muito clara, e tinha muitas sardas no rosto. Tinha os olhos verdes, cor de lima. Tinha o cabelo liso, muito comprido, e andava sempre com um laçarote azul a prender a longa franja.

Quando nasceu, os pais compraram-lhe um cão. Era um rafeiro, de pelo preto acastanhado e algumas madeixas brancas. Era muito simpático e obediente, e os donos deram-lhe o nome de Sandi. Sandi sempre foi o melhor amigo de Annie. Acompanhava-a para todo o lado e protegia-a sempre que fosse preciso. Eram inseparáveis!

Annie cresceu e, como tal, o Sandi cresceu também. Agora Annie tinha sete anos e Sandi era já um cão bastante velho. Um cão que já tinha feito neste mundo tudo o que tinha a fazer. Estava muito doente, prestes a morrer, e Annie, até agora a menina mais feliz do mundo, estava cada vez mais triste. Não acreditava que iria ter de viver o resto da sua longa vida sem o seu companheiro. Annie fora avisada bastantes vezes. Ela sabia melhor que ninguém que o Sandi não iria viver para sempre. Todavia, nunca pensou que fosse tão rápido. Nunca pensou que fosse assim, sem um aviso, um sinal...

Sandi morrerá há poucos minutos. Annie tinha chegado da escola, como sempre muito feliz por ir encontrar o seu cão em casa, como todos os dias. Mas hoje tinha sido diferente. Annie chegou, pousou a mochila da escola, e correu pela casa toda à procura do Sandi. Porém, não o encontrou. Encontrou a sua mãe, que lhe disse, de imediato, que tinha uma triste notícia para lhe dar.

— Annie, precisamos de falar. Aconteceu uma coisa horrível.

— O que foi, mãe? Houve outra inundação no prédio da frente? Uma infestação de lagartixas no quintal da D.ª Genoveva? Outra fuga de gás na casa do vizinho do 3º esquerdo? — Até hoje, estas eram as únicas tragédias que haviam existido na vida de Annie. Nada de muito grave. Nada de pessoal. Nada que envolvesse a família ou os amigos. Nada! Apenas isto...

— Não, Annie. Desta vez foi pior. Desta vez foi uma coisa que nos envolve a todos nesta casa. Uma coisa que nos vai deixar bastante tristes durante algum tempo. — Annie começava a ficar preocupada. O seu sorriso começava a desaparecer, pouco a pouco, como as estrelas desaparecem do céu quando começa a amanhecer. — Quando cheguei a casa, o Sandi não veio ter comigo, como costuma fazer. Não ladrou antes de eu entrar. Nem sequer espreitou pela porta da sala para ver quem tinha chegado. Estava frio, parado... Quase não se mexia. Percebi logo que se passava alguma coisa...

— Foste com ele ao veterinário? — Os olhos da menina começaram a encher-se de lágrimas. — É muito grave?

— Não, Annie. Não tive tempo. O Sandi foi-se embora. O Sandi adormeceu para todo o sempre, Annie ... — e fez uma longa pausa antes de continuar — o Sandi morreu.

Annie nem conseguia falar. Estava imóvel. Nem se aguentava de pé. Chorava como nunca ninguém a tinha visto chorar. Annie estava inconsolável. Mas a mãe continuou.

— Antes de partir, o Sandi olhou para mim, com aquele olhar que só ele sabia fazer. Não se queria ir embora sem se despedir de ti. Não queria desaparecer sem que lhe fizesses uma última festa, um último carinho... Deu um pequeno e quase inaudível latido, como se me estivesse a pedir para não ficares zangada e para não o desiludires a partir de então. E foi a última coisa que fez. Depois fechou os olhos, pousei a minha mão no seu peito e ainda consegui sentir a última batida do seu coração.

Pousou a cabeça no chão, muito levemente, quase como uma pena. E suspirou pela última vez, como uma despedida, como um adeus silencioso.

Annie continuava inconsolável, mas estava agora mais aliviada por saber que o seu cão tinha partido em paz e por ter a certeza de que ele a iria continuar a acompanhar, a ajudar e a proteger, mesmo estando tão longe.

Os dias foram passando e Annie continuava triste. Annie deixara de prestar atenção nas aulas e já nem brincava com as amigas no recreio. Agora, Annie andava sempre sozinha. Não falava com ninguém, não ouvia ninguém, nem queria ver ninguém. Os professores falavam quase todos os dias com os seus pais, para tentar mudar o que estava a acontecer. Mas não conseguiam. Ninguém conseguia. Todos os dias fazia a mesma rotina. O mesmo caminho para a escola. O mesmo caminho para casa. Até mesmo para ir à mercearia do Sr. Albertino comprar o pão, que a mãe lhe pedia sempre, ela fazia o mesmo caminho. Todos os dias havia alguma coisa que a fazia lembrar-se do Sandi. Todos os dias havia alguém que tinha uma notícia sobre um cão. Todos os dias ela passava por coisas que lhe traziam recordações das suas aventuras com o falecido amigo. Mesmo quando ela estava a ficar melhor, aparecia algo que a voltava a desanimar. Annie achava mesmo que nunca voltaria a ser feliz!

Mas um dia... Era terça-feira e Annie tinha ido buscar o pão à mercearia do Sr. Albertino, tal como fazia todos os dias. Mas desta vez foi diferente. Estava ela a caminho da mercearia, quando ouviu alguém chorar. Era uma voz muito fininha, de alguém muito pequenino. Annie seguiu o choro. Seguiu-o durante algum tempo e foi parar a uma ruela muito estreitinha. No fim dessa ruela, lá bem ao fundo, estava uma caixa de cartão. O choro vinha lá de dentro. Annie aproximou-se, abriu a caixa e lá dentro estava um cachorrinho, muito pequenino, igualzinho ao Sandi. Annie pegou nele ao colo. Lembrou-se da primeira vez que pegara no Sandi. Lembrou-se de todos os momentos que passara com o Sandi. Levou-o para casa. Chamou-lhe Sunny. E, a partir desse dia, o Sunny passou a fazer parte da sua família.

Este era o novo cão de Annie. Um cão que ela podia acarinhar e mimar da mesma maneira que fez com o seu cachorrinho anterior. Não era o Sandi, mas era parecido.

Uma vida atarefada

*Por Renata Machado
(13 anos, 8.º ano)*

Por vezes, no meu quarto, quando estou a estudar, oiço os ruídos que vêm da rua. Atraída por esses sons, espreito pela janela e reparo nas crianças de várias idades, a brincar; umas em cima de skates, a descer pela rampa, outras a saltar à corda e outras simplesmente sentadas no muro a conversar.

Os meus avós deixavam os meus pais brincar na rua. Eles contam-me que se divertiam imenso a jogar a vários jogos, tais como «polícias e ladrões», «elástico», «cabra cega», jogavam ao pião, corriam à volta dos quarteirões e, por vezes, faziam umas malandrices, tais como tocar à campainha dos vizinhos e fugir. Como eu gostaria de ter vivido esses momentos na minha infância, mas os meus pais explicam que os tempos eram outros e que os perigos eram muito menores. Eu também brinquei na rua, mas sempre com os meus pais por perto.

Há três anos que frequento a Escola de Dança do Conservatório Nacional de Lisboa, o que me «obriga» a ter de ser uma aluna extremamente disciplinada, para que todos os meus objetivos sejam concretizados. Eu não sou muito competitiva, talvez porque julgue que, ao sobressair, alguém possa ficar triste. Reconheço que a falta de competitividade possa prejudicar o meu sucesso e, por isso, é muito importante, para mim, ter o apoio dos amigos.

Gostava de ter mais tempo livre para fazer outras coisas, mas também não censuro ninguém, sou eu quem quer estar nesta escola. Para além de algum cansaço, a dança compensa todo o esforço! É maravilhoso quando se pisa o palco, fico simplesmente feliz... com todas aquelas pessoas à espera de um espetáculo fabuloso, temos uma grande responsabilidade. Um erro que seja pode estragar o espetáculo e, por isso, fico um pouco nervosa. Sinto-me muito orgulhosa de já ter tido a oportunidade de interpretar várias personagens, inclusive de vestir um tutu. Todo este trabalho exige muito esforço físico e psicológico.

Diariamente, a mãe leva-me à escola de carro. No final do dia, sempre que saio mais cedo, vou ter com ela, de metro. Assim, ganho um pouco mais de tempo livre; eu costumo ir com alguns colegas... Chamo a esta caminhada uma pequena terapia, pois, de certa forma, aproveitamos para conversar e descontrair. Quando passo pela rua, vou atenta ao que me rodeia e estou sempre a recordar os conselhos que me dão.

No metro, reparo na quantidade de pessoas com a cara sem expressão, a olhar de cabeça baixa para o nada. Penso de imediato que a vida lhes pode correr mal, mas, ao mesmo tempo, olho para elas e gostaria de lhes dizer que se devem agarrar às coisas boas que a vida lhes dá, e que só têm de ficar gratas e contentes por viverem, existirem e terem a capacidade (se assim se pode chamar) de sentir o entusiasmo, o nervosismo, o medo, até mesmo a tristeza, a solidão e as partes menos boas da vida... Infeliz será aquela pessoa que já não pode sentir nem ver todas essas coisas. O sentimento triste dá-lhes cabo da emoção e, muitas delas, esquecem-se das coisas boas que, por vezes, até são mais e melhores do que as más. Quando o ser humano sente a tristeza, não a larga durante imenso tempo, enquanto que a alegria pode escapar depressa.

A nossa sociedade não está preparada para viver com as diferenças de cada um e, por vezes, inconscientemente, magoam-se.

Seria muito mais simpático e construtivo se, numa fila de trânsito, os condutores ajudassem o pobre motorista do carro da frente a descarregar a sua mercadoria, em vez de buzinares... Seria muito mais simpático se todos pudéssemos dar boleia às pessoas que se encontram ao frio nas paragens dos autocarros, do que, simplesmente, seguirmos no nosso caminho... Mas isto seria o meu mundo imaginário. Pois é, claro, um dia, se eu quebrar todas estas atitudes, provavelmente serei considerada maluquinha... E é por pensarmos assim que o mundo bom será sempre imaginário.

De regresso a casa, deparamo-nos com filas de trânsito. Aproveito estes momentos para conversar com a minha mãe, ouvir música e, muitas das vezes, também canto. O stresse diminui e, aos poucos, dou por mim com os braços no ar e a cabeça a abanar.

Em casa, no final do dia, a falta de tempo leva-nos a uma rotina diária. Desde tomar banho, preparar a mochila para o dia seguinte, fazer os trabalhos da escola, jantar e dormir, pois o dia seguinte inicia-se muito cedinho. Uma das partes do dia de que mais gosto é mesmo o jantar. Os meus pais quebraram uma regra: uma vez que tenho muito pouco tempo livre e passo quase todos os fins de semana a estudar, deixam-me ver televisão à hora do jantar. Então, estamos os três a jantar na sala e aproveitamos para ver o mesmo programa de televisão. Agradam-me esses momentos, porque estou a fazer várias coisas de que gosto ao mesmo tempo. Posso conviver com os meus pais e ver o nosso programa favorito.

Daqui a uns anos, depois de tirar o curso de bailarina (que espero conseguir), imagino-me numa companhia de dança. Mas começo já a ponderar tudo: se não conseguir acabar o curso de bailarina, gostaria de seguir a área de psicologia social, acho que devia ter jeito, visto compreender as atitudes das pessoas, ou algo que envolvesse trabalhos manuais, como artesanato ...

Para mim, um dia perfeito, seria constituído por aproximadamente 48 horas.

Arranjaria uma casa e comida para pessoas necessitadas, daria um espetáculo perfeito com o papel principal, depois iria ao cinema com as melhores amigas, íamos às compras e, por fim, teríamos ainda direito a uma festa de pijama, cheia de jogos e coisas divertidas para fazer, tais como jogar à verdade ou consequência, ao monopólio, conversar e ir ao *Facebook* ... Ah, além disso, as refeições principais teriam de ser lasanha e bacalhau com natas (nós adoramos). No meio deste dia todo tão ocupado, disponibilizava tempo para ir ver os meus avós, bem como para passear com os meus pais, os padrinhos e as minhas primas.

Viagem Inesperada

*Por Sara Leme
(15 anos, 9.º ano)*

Um dia pensei e percebi que o que queria mesmo não era conforto. Queria uma coisa chamada aventura. Sempre vivi com condições magníficas – era filha única, ou seja, o prodígio dos meus pais. Desde pequena que tive sempre tudo o que queria, tudo o que desejava, não importava o tamanho ou o preço. Mas agora, aos 17 anos, percebi que estou farta e não aguento mais isto. Por isso, decidi: vou explorar novos mundos, novos oceanos. Vou viajar, até não poder mais. Vou conhecer novas culturas e aprender novos costumes.

Tomada a decisão, comprei um bilhete, para o dia seguinte, com destino à China. Como é óbvio, nem sequer tentei explicar nada aos meus pais, porque sabia que ia ouvir algo como «Minha filha! Isso é um erro tremendo! Vais perder o último ano de escolaridade, e os exames? E a faculdade? Não vás!»

No dia seguinte, disse adeus à minha casa, à minha família, aos meus amigos, e saí de casa sorrateiramente. Gastei a minha última mesada num táxi para o aeroporto. Admito que estava um pouco nervosa, mas, ao mesmo tempo, empolgada pela aventura que me esperava. A primeira parte do voo foi razoável, dormi a maior parte do tempo e só acordei quando a hospedeira veio entregar-me aquela comida horrorosa de avião. A segunda parte foi deveras cansativa, passei muitas horas dentro do avião e não conseguia voltar a dormir. Só passavam filmes muito maus, bastante comerciais, mas que não tinham piada nenhuma.

Tinha, finalmente, chegado a Pequim, capital da China, onde tudo é mais colorido e mais brilhante, de uma certa forma. Explorei a cidade de uma ponta à outra. Fui a vários museus, admirei a monstruosidade de alguns prédios e monumentos, não fiz compras, nem fui a muitos restaurantes caros, porque o meu objetivo não era comprar mais coisas, era conhecer novas cidades. Tinha ficado numa pensão barata, apenas com o essencial – uma cama, um armário, uma janela, para ter alguma luminosidade, e uma casa de banho. Estava disposta a viver com menos conforto, mas com mais aventura, adrenalina e energia todos os dias.

Decidi continuar o meu rumo, para não perder muito tempo. Tinha de continuar a minha viagem. Não sabia bem qual era o meu destino final, mas a algum sítio haveria de ir. Resolvi ir para Nanjing, outra cidade chinesa. Passei ainda por Datong e Tianjin. Estava maravilhada com aqueles surpreendentes «mundos desconhecidos», de que ninguém parecia querer saber. Fiquei encantada com algumas espantosas casas em cima de água, com os tradicionais tetos chineses, com os bicos nas extremidades.

A minha próxima paragem seria o Nepal, logo, iria passar pelas montanhas dos Himalaias, um dos sítios com a paisagem mais bonita do mundo. Apanhei o avião mais barato que consegui e, sem surpresa nenhuma, fiquei deslumbrada e pasmada ao ver uma das coisas mais bonitas do mundo. Estava imenso frio entre as montanhas, mas a beleza era tal, que fazia o frio ser esquecido. Aproveitei cada momento, cada minuto e segundo daquele sítio. Era um daqueles lugares inesquecíveis. A forma da neve a cobrir as montanhas era graciosa e perfeita. Toda a paisagem era belíssima e mágica.

Continuei a minha viagem e cheguei a uma parte mais rural de Catmandu, capital do Nepal. Com algum espanto, descobri que as pessoas nativas do Nepal eram particularmente simpáticas. Acolheram-me especialmente bem e serviram-me o melhor chá que alguma vez podia provar. Tentaram-me explicar a sua receita, mas, infelizmente, só percebi que era de uma mistura de ervas selvagens não venenosas.

Mais no centro da cidade, as coisas eram diferentes. Notava-se uma tremenda desigualdade entre classes sociais. Tal como havia palácios extremamente ricos, também havia casas em péssimas condições. Gostei, principalmente, dos mercados na rua. Havia uma quantidade imensa deles, com uma variedade espantosa! Os mercados consistiam basicamente em vários cestos de verga, com fruta, vegetais, doces, frutos secos, etc. Cada um tinha a sua especialidade.

Visitei ainda algumas cidades, como Pokhara e Butwai. Fiquei admirada ao ver que estas não têm muitos turistas, praticamente ninguém sabe que elas existem, e as pessoas não sabem o que perdem, nem a beleza que perdem.

Como próximo destino, acabei por ir parar à Índia, país das especiarias. A Índia é um «mundo» completamente diferente. As ruas estão cheias de vacas, elefantes e outros animais. A sujidade é imensa, o chão é de terra batida, logo, há uma tremenda poeira respirada pelas pessoas. Não há regras de trânsito, é a confusão total. As lojas são um caos e só se veem galinhas a serem trocadas e indianos a tentarem a sua sorte para venderem colares e falsificações de marcas caras a turistas.

A religião é levada muito a sério, veem-se muitas representações de deuses indianos, nomeadamente, Ganesh, Shiva e outros de que não sei o nome. Saindo da confusão das ruas de Nova Deli, existem monumentos extraordinariamente bonitos. Visitei o Templo de Ouro e a Casa de Adoração.

Fui ainda a outras cidades, incluindo Agra, onde fica situado o famoso Taj Mahal. A paisagem é estupenda, de tal forma que nunca a esquecerei. Como é de esperar, está cheio de turistas e mal se consegue andar, mas vale a pena ir até lá e desfrutar da perfeição da arquitetura.

Vou continuar a minha viagem. Não sei ainda que caminho tomar, nem tenho um objetivo final, a não ser aproveitar ao máximo. Ainda tenho um grande número de países e cidades para visitar e explorar. Ainda tenho muitas culturas para conhecer e ainda tenho de fazer novas amizades. Quem sabe se um dia não arranjarei uma família durante as minhas viagens? Sei que um dia vou voltar para a minha cidade, onde nasci e fui criada, mas não assim tão cedo.

Não esperem por mim.

A rede de que todos falam

*Por Teresa Dias
(14 anos, 8.º ano)*

Facebook, Facebook e só Facebook. É só nisto que muitos adolescentes, e até mesmo adultos, pensam. O *Facebook* é uma rede social que foi inaugurada em 4 de fevereiro de 2004, por Mark Zuckerberg, ex-aluno de Harvard. Começou por ser apenas uma página a que só os alunos de Harvard podiam aderir. E só em 2006 é que foi conhecida por todo, ou quase todo, o mundo.

Eu vou ser sincera...eu adoro o *Facebook*! Adoro poder falar com alguém que não esteja comigo, adoro ver fotografias dos meus amigos e até lembrar-me de um amigo que não via há imenso tempo. Adoro publicar músicas, vídeos de que gosto...e comentar fotografias de outros. Adoro, adoro, adoro! O problema disto tudo, desta rede social, é os seus perigos. No outro dia, a minha mãe apareceu-me à frente com três ou quatro páginas onde estavam escritos esses perigos. Fiquei mesmo impressionada! Adicionar pessoas desconhecidas, pôr uma fotografia mais pessoal, ou fazer um comentário inapropriado, nem sempre é a melhor ideia para se aplicar numa rede que é frequentada por milhões e milhões de pessoas. Para que pudesse ter mais cuidado com o que estava a fazer, fui ver algumas regras que devemos prosseguir enquanto estamos na internet. Nunca devemos dizer a nossa *password* a ninguém, nem mesmo ao melhor amigo. Nunca devemos dar informações pessoais, como o nome, o número de telemóvel, ou a morada. Temos mesmo de ter cuidado com os e-mails que abrimos, pois podem ter um vírus! Metermo-nos em discussões sérias e que não tenham nada que ver connosco, nunca! Se alguém malcriado ou antipático falar connosco, não devemos responder e temos de ir embora (ficar *offline*). São muitas as regras que temos de saber! A internet pode ser muito interessante, mas também, ao mesmo tempo, muito perigosa!

Depois de ler com muita atenção aquelas páginas, quis saber mais sobre o *Facebook*. Por exemplo, sabiam que este é um *site* proibido em muitos países, como a China e o Paquistão? Não fazia a menor ideia! E também ouvi dizer que foi bloqueado em muitas empresas, devido à enorme distração que provocava durante as horas de trabalho.

Nestes momentos de pesquisa, abri os olhos para a realidade. Como é que há tantas pessoas com uma vida miserável, sem condições de vida nenhuma (em África, por exemplo)? Vi, em meados de outubro, uma entrevista sobre refugiados da guerra que se encontravam nestas condições. E que uma instituição foi lá ajudá-los a melhorar as suas vidas. Uma das coisas que fizeram foi pôr computadores e internet naquela aldeia. Deviam ter visto a cara de felicidade de um dos aldeãos, a atualizar o perfil, a adicionar amigos e a conhecer pessoas novas do outro lado do mundo. Como é que o *Facebook* pode por pessoas, que nem sempre têm razões para isso, muito felizes?!

Por falar em amigos do outro lado do mundo... Eu, no verão, costumo fazer ou um curso de dança, ou um campo de férias. Nessas atividades, conheço pessoas de outros países. Para manter a nossa ligação, usamos o *Facebook* e, assim, consigo aguentar grandes amizades!

Tenho aqui uma curiosidade com que vos posso deixar espantados. Aliás, duas: o *Facebook* é o maior *site* de fotografias nos Estados Unidos, conseguindo ultrapassar *sites* específicos em fotografia. Não é espantoso? Esta rede social tem 58 milhões de pessoas ativas, o que equivale a mais ou menos seis populações portuguesas....Uau!

No outro dia, tive uma ideia brilhante para a minha pesquisa...uma entrevista! Nessa entrevista, perguntei aos inquiridos qual era a palavra que caracterizava melhor o *Facebook*. Ouvi «pessoal», «diferente», «social», «atual», «memorável»... e, como nada só tem qualidades, também pude ouvir «perigoso», «indiscreto», «inseguro», «viciante»... Consigo concordar com todas estas palavras, apesar de ainda ter dúvidas quanto ao «pessoal». O que o *Facebook* tem de menos é «pessoal». Não se tem privacidade nenhuma; por isso é que tem de se ter muito cuidado em relação ao que se publica. A palavra com a qual eu concordo mais é «viciante». É mesmo viciante! É tão viciante que se chegou ao ponto de haver pessoas que são despedidas, porque passam mais tempo no *Facebook* do que a trabalhar.

O maior vício do *Facebook* é, sem dúvida alguma, o *farmville*. Eu não gosto muito deste jogo: formar uma quinta e «brincar» com ela não é nada divertido! O objetivo do jogo é fazer uma quinta e, à medida que se sobe de nível, vai-se melhorando cada vez mais essa quinta, até se chegar ao limite máximo de níveis. Não tem piada nenhuma! Mas há pessoas que não têm a mesma opinião e que são completamente viciadas. Eu, no princípio, estava muito aplicada no *farmville*, mas depois, conforme me ia esquecendo de colher o trigo, plantar couves, pedir pregos e tábuas aos outros e fazer este tipo de coisas, estava cada vez mais a desligar-me deste secante jogo! E esta é a minha história e do *farmville*.

Digam-me, o que é o *Facebook* sem a internet? A internet foi criada pela ARPA, Agência de Pesquisa de Projetos Avançados, em 1969. Em junho de 2010, tinham acesso à internet 1,96 bilhões de pessoas. Que «escândalo»!

Há uma coisa que eu ando a pedir à minha mãe há imenso tempo. Quer dizer, muitas, mas... Pronto, esta é a mais importante! É ir ver o filme «A rede social». Tem que ver com o *Facebook* e daí o nome. Fala sobre o criador, porque é que se criou, como se criou, basicamente, sobre a sua história. Já vi o *trailer* mais de mil vezes, deve ser muito interessante! Fala de tudo, tudo sobre o *Facebook*, a rede preferida de milhões de pessoas.

Posso estar aqui a falar muito sobre a internet e a sua grande rede social, mas eu acho que é muito interessante conhecer as tecnologias que a ciência nos pode dar e saber o que hoje existe, mas que ontem não existia.

Mais uma vez, vou ser sincera: mesmo com todos estes perigos e toda esta informação, não deixei de ir ao *Facebook* (atualizar o meu perfil e comentar uma ou outra fotografia). Mas sempre com muito mais cuidado!

Irmãs

*Por Teresa Meireles
(14 anos, 8.º ano)*

«Foi amor à primeira vista. Aquela coisa pequenina ao colo da minha mãe era maravilhosa. Era a minha irmã. Achei-a encantadora. Ela enfeitiçara-me com os seus olhinhos azuis. Tinha apenas três dias e já me apaixonara. Senti-me tão contente por ter uma irmã, por saber que poderia contar com ela para tudo...» O meu pensamento foi interrompido por uma gota de água. «Bolas, começou a chover.»

- Ema, veste o casaco, vamos a casa dos tios.
- Em que é que estavas a pensar?
- Estava só a... relembrar umas coisas do passado. Estava-me a lembrar de quando nasceste.
- O meu casaco está sujo.
- É o único que tens. Veste.
- Quando é que voltamos para casa?
- Não sei, Ema. Talvez nunca. Vamos lá a casa da tia Sara para ver se nos deixa lá ficar.
- Se temos uma casa, vamos para lá.
- Não podemos, a mãe não nos deixa. Tu só tens seis anos, eu depois explico-te. Toca a andar.
- Onde vive a tia Sara?
- Perto. Mas agora, vamos.

«O caminho é escuro, está a chover e estou a cuidar de uma criança de seis anos. Perfeito. Ali está a casa da tia!»

- Ema, vem depressa, já chegámos!
- Meus amores! Olhem só para vocês, todas molhadas! Entrem!
- Obrigada. Ema, cumprimenta a tia.
- Ora essa, não é preciso. Vou preparar-vos banhos, antes de me começar a contar o que se passou -disse a tia Sara, com um olhar de quem já sabia o que tinha sucedido.

«Será que a tia já sabia que isto iria acabar por acontecer? Não, ela dizia-nos.»

- A Ema adormeceu lá em cima, está muito cansada.
- Ao menos já estão de banho tomado e quentinhas. Venha sentar-se aqui ao pé da lareira, fiz chá.
- Obrigada, tia. Nem sabe o quanto lhe agradeço por nos acolher...
- Nada disso. Somos família. É o meu dever ajudá-la. Mas vá, o que aconteceu, Luísa?
- A minha mãe.
- Eu já calculava. O que foi que ela fez?
- Há uma semana, ela e o meu pai foram jantar fora e, quando ouvi o carro, fui à janela e vi a minha mãe bêbeda, a gritar com o meu pai e a bater-lhe com um pau de ferro. O meu pai veio a correr para casa, a sangrar por todos os lados, e trancou a porta de entrada para a mãe não poder estar connosco. Mal nos pôs em segurança, caiu nos meus braços, sem dizer nada. Percebi que estava muito ferido e que não havia nada a fazer. Ema dormia e não se apercebeu de nada. Eu tentei reanimar o meu pai, mas não consegui. Nessa mesma noite, fiz uma mala com roupa para mim e para Ema, cobertores, armazenei água e fui tirar dinheiro ao cofre. Na manhã seguinte, telefonei para a polícia, para virem buscar o meu pai, e pedi-lhes que procurassem a minha mãe, pois ela estava em perigo. Como sou maior de idade, eles deixaram-me a Ema. Acordei-a e seguimos caminho. Ela estava sempre a perguntar-me o que se passava, porque estávamos a fazer aquilo, e eu simplesmente respondia que não sabia. E até agora ainda não sei...
- Ai minha nossa senhora! Onde ficaram estes dias todos?!
- Usei o dinheiro para o hotel. Mas não temos mais, por isso, recorreremos a si. Já estou a procurar emprego, não se

preocupe.

— Podem ficar aqui o tempo que precisarem! Então é a universidade?

— Só vou recomeçar para o ano, as coisas têm de acalmar.

— A sua mãe é um atraso de vida...

— Diga, tia?

— Estava só a dizer que... Eu sempre lhe quis contar quem era realmente a sua mãe. Ela sempre foi assim. Quando completou os catorze anos, começou logo a beber com os amigos e acabava sempre por fazer asneira. Ó querida, não chore!

— Ela matou o meu pai! Deixou-me uma criança de seis anos e foi-se embora. Simplesmente desapareceu! - disse, levando as mãos à cara.

— A partir de hoje, vão morar aqui! Vou amanhã tratar disso.

— Obrigadíssima, tia!

— De nada, Luísa. Amanhã vou tratar de tudo: arranjar o seu quarto e o da Ema...

— Desculpe interrompê-la, mas eu queria que a Ema ficasse no mesmo quarto que eu...

— Claro, não há problema algum. Entendo perfeitamente.

— Irei ajudá-la o mais que conseguir.

— Então, e a escolinha da Ema?

— É aqui perto, a dois quarteirões, acho.

— Então, como uma mãe, irei lá levá-la todos os dias.

Quando a tia disse isto, Ema apareceu a descer as escadas.

— Ema! Dormiste bem? — perguntei.

— Sim, gosto muito daquela cama.

— Ai sim? Então, é lá que vai ficar! — disse a tia, com um sorriso de orelha a orelha.

— Obrigada!

— E que tal amanhã irmos passear para desanuviar um bocadinho, sim?

— Parece-me ótimo — concordei.

Depois de jantar, fui logo dormir, o que me estava a custar. «A minha mãe é alcoólica. Mas é a minha mãe e merece algum respeito. É à conta dela que hoje sou esta pessoa formada e responsável. Obrigada, mãe.»

De manhã, levantei-me logo, quando pressenti que Ema não se encontrava no quarto. Desci as escadas a correr e lá estava ela, sentada no sofá, a comer bolachas e a ver desenhos animados na televisão. Suspirei de alívio, dei-lhe um beijinho e fui à cozinha ver se estava lá a minha tia.

— Bom dia, tia.

— Bom dia, Luísa! Dormiu bem?

— Sim, obrigada. Quer ajuda a fazer o pequeno-almoço?

— Não, querida, vá-se sentar e chame a Ema.

Fiquei parada, à porta da cozinha, com um sorriso distraído, e só depois me lembrei de que estava a impedir caminho. Estava mesmo feliz.

Dois anos se passaram, e lá estávamos nós a viver com a nossa tia Sara. Era a nossa vida dali em diante.

— Meninas, vamos comer um gelado?

— Sim! — gritou Ema.

No carro, a tia perguntou:

— Ema, o que está a achar do terceiro ano?

— Está a ser ótimo! Já sei ler e tudo!

- Isso é excelente! Que sabores vai escolher?
- Morango e banana! Posso ir brincar para o parque?
- Pode, mas não se afaste muito.
- Obrigada, mãe.

A minha tia olhou para mim, com um olhar encantado, e, de seguida, abraçou-me. Mãe. Acho que lhe podia chamar assim.

O Livro da Vida

*Por Valentina Codinha
(15 anos, 9.º ano)*

Há pessoas que acreditam na reencarnação; eu sou uma delas. Mas existem pessoas com crenças bem diferentes. Um são religiosas, outras simplesmente acreditam, outras simplesmente não, outras estudam «o como» da reencarnação, e outras gozam com a situação. Mas eu tenho uma maneira muito, mas muito diferente de pensar...

Quando era pequena, nem sequer pensava no assunto, mas tinha medo que me acontecesse alguma coisa...sei lá...morrer. Esta palavra, vocês sabem, «morrer», assustava-me. Eu até tinha dificuldade em adormecer; cheguei mesmo a ter pesadelos à noite.

Eu ia crescendo e começava a pensar, para mim mesma, como seria voar como um pássaro, ou nadar como um golfinho noutra vida, sem ser na minha. Eu perguntava à minha mãe se um dia ela também gostaria de voar e se ela acreditava que iríamos voar as duas juntas. E a minha mãe respondia-me simplesmente assim: «Eu adorava voar, deve ser uma sensação ótima! E quem sabe se um dia não poderemos voar juntas». Eu ficava feliz e pensativa. No dia a seguir, perguntava a mesma coisa à minha mãe e ela respondia o mesmo. Todos os dias...a mesma coisa.

Quando já era maior, imaginava a minha vida desde bebé até ser velha. Imaginava-me bebé, a olhar pela primeira vez a minha mãe, o meu pai e o meu mano com um ar curioso; imaginava-me a crescer; imaginava a primeira vez que fui para a escola primária, qual foi a minha sensação quando fiz o meu primeiro teste, quando conheci a minha melhor amiga, quando entrei para a Escola de Dança do Conservatório Nacional e quando conheci as minhas amigas. Não só tentava imaginar a minha vida até este momento, como também imaginava o futuro, a minha vida «para a frente», até ser grande, o meu emprego, a minha família, tudo! Depois disto tudo, nascia noutra vida, noutra existência (a vida número 2), mas, ao pensar que nunca iria saber se tinha vivido antes, ou quem eu tinha sido, tentei encontrar uma maneira de o fazer.

Esta foi a minha primeira ideia:

Pensava que era um egípcio, um faraó, e que escrevia num papel de papiro apenas aquilo que era, ou seja, escrevia assim: «Faraó», e guardava-o comigo dentro do meu sarcófago. E, quando nascesse noutra vida, ia ver o que estava lá escrito.

Passado algum tempo, achei que a minha primeira ideia não era lá muito boa, porque se eu visse, na minha segunda vida, o papel de papiro com o que tinha sido na minha vida passada, queria certamente saber mais sobre a minha vida número um.

Então, criei a minha ideia número dois, que foi assim:

Em vez de, no final da minha vida número um, escrever somente o meu nome num papel de papiro, escreveria toda a minha vida, desde o início até ao fim, tudo o que tinha feito, tudo o que tinha sentido. Assim, teria acesso a toda a informação, até aos mais pequenos pormenores. Teria, deste modo, um grande livro, tipo diário, que corresponderia a cada uma das vidas que eu tivesse vivido.

Enquanto pensava na minha ideia número dois, concluí que iria ter muitos livros e comecei a pensar quais seriam as vidas que eu desejaria ter: ser uma princesa, como a Cinderela, ou a Bela Adormecida, mas não a Branca de Neve, porque tinha medo da bruxa, de ficar sozinha na casa dos sete anões e, principalmente...eu nem sequer me atreveria a entrar lá dentro!

Mas, adiante... já fui, noutras vidas, uma índia, um gato e um cavalo (ah, como eu gostaria de ser um cavalo, mas atenção! um cavalo feliz).

Um dia, também gostaria de ser um extraterrestre, quem sabe? Há uma coisa que muita gente diz, que também se vê nos filmes e que me «irrita» (quer dizer, não me irrita assim tanto): é que os extraterrestres precisam de ter obrigatoriamente olhos; toda as pessoas fazem extraterrestres com olhos, com naves espaciais e fatos esquisitos e com um corpo humano. Eles não têm de ser assim; eles podem ser só uma energia, ou um sentimento, como o amor. Talvez nós, os humanos, tenhamos

vários extraterrestres dentro de nós próprios para podermos sentir «um sentimento», como a tristeza, ou a emoção; existem tantos sentimentos! Cada sentimento seria um extraterrestre...é uma boa ideia! Esta é a minha ideia número três.

Conheci uma pessoa muito especial, que me fez pensar de uma maneira diferente sobre a vida, como se me fizesse acordar, e, às vezes, quando estou distraída, ou no «meu mundo», penso no sentido da vida. E dou por mim a pensar que a vida não tem sentido, simplesmente...é a vida. E essa pessoa, tão especial, ensinou-me a «ver a minha própria energia» (agora devem estar a pensar como é que isso é possível).

Bem, eu passo a explicar:

Quando nós pomos as duas mãos paralelas uma à outra (atenção! sem se tocarem), sentimos uma espécie de energia que nos faz juntar as mãos. Isso é a nossa energia, mas ela é capaz de muitas coisas mais. Se fizermos o mesmo e olharmos com muita atenção, conseguimos ver uma espécie de cor. Essa pessoa muito especial disse que a minha energia era cor-de-rosa, porque eu tenho muito amor dentro de mim!

Estas vidas todas que eu sonhava ser, um dia, irão realizar-se, mas cada uma delas tem uma grande história para contar. E essa história vai ser escrita por mim, num grande livro, para eu, noutra vida, poder ler e reler, e tentar imaginar todos os pormenores. Estas vidas são muitas, não são?

Quando eu era pequenina, pensei numa maneira de guardar os livros dentro de mim. Então, tentei imaginar uma forma de os guardar e surgiu a minha ideia número quatro:

Uma biblioteca enorme! Com livros já com pó e muito antigos.

Depois de todos estes pensamentos, fui contar as referidas ideias à minha mãe, que as achou muito originais.

A todas estas ideias eu dei o nome de «O livro da vida».